



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS**

**Título: Estudo do Léxico: Antroponímia da Província do Kwanza Norte**

**Nome do Mestrando:** Mateus Agostinho Matias

**Orientação:** Prof<sup>a</sup> Doutora Maria João Marçalo

**Mestrado em Línguas e Linguística**

Área de especialização: *Ciências da Linguagem*

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre

Évora, Ano 2017



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS**

**Título: Estudo do Léxico: Antroponímia da Província do Kwanza Norte**

**Nome do Mestrando:** Mateus Agostinho Matias

**Orientação:** Prof<sup>a</sup> Doutora Maria João Marçalo

**Mestrado em Línguas e Linguística**

Área de especialização: *Ciências da Linguagem*

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre

Évora, Ano 2017

## **Dedicatória**

*Dedico este trabalho, incondicionalmente, à minha inefável esposa, Frazilina  
Esperança João Alberto, sem esquecer os meus filhos.*

## **Agradecimentos**

Durante a nossa caminhada são várias as pessoas que nos marcam e ajudam-nos a alcançar os nossos desígnios, por isso, neste momento em que chegamos ao final de mais uma caminhada, não gostaríamos de deixar passar sem agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente estenderam suas mãos para nos darem apoios presenciais ou até mesmo aqueles que apesar da distância que nos separa sempre nos deram uma palavra de encorajamento.

Desta feita, gostaria de agradecer particularmente a todos os docentes que souberam partilhar connosco a sua sapiência, compreendendo as nossas dificuldades durante todos os seminários que tivemos: a Professora Doutora Maria do Céu Fonseca, a Professora Doutora Filomena Gonçalves, a Professora Doutora Ana Paula Banza, a Professora Doutora Fernanda Gonçalves, a Professora Doutora Ana Alexandre da Silva, o Professor Doutor João Esperança, o Professor Doutor Luís Guerra e, finalmente a minha prestimosa orientadora Professora Doutora Maria João Marçalo.

Por outro lado, gostaria de agradecer igualmente a todos os colegas com quem partilhei bons e grandes momentos, acreditem que vos carregarei para todo sempre no meu humilde e grandioso coração, especialmente aos colegas de turma com quem passei mais o resto do tempo na academia e em outros lugares de Évora.

Agradeço, por outro lado, às autoridades angolanas representadas pela Doutora Paula Henriques, Coordenadora da Comissão Técnica Multisectorial, a Direção Geral do Instituto Nacional de Bolsa de Estudo “INAGBE” e, muito especialmente o Sector de Estudantes da Embaixada de Angola, em Lisboa.

Finalmente, agradeço aos meus pais, irmãos, esposa e a todos que não os mencionei, mas que muito contribuíram para que este trabalho chegasse a esse ponto e que no dia a dia mesmo estando fora de Angola souberam partilhar comigo todas as informações inerentes, particularmente os meus colegas do Instituto Médio Politécnico de Kambambe/Dondo.

## Resumo

Neste trabalho, cingimo-nos ao estudo da antroponímia da província do Kwanza Norte, realçando especificamente a do *kimbundu*, por ser a língua que caracteriza os povos autóctones desta região, onde, sem dúvida, os antropónimos contribuem para o conhecimento dos aspetos socioculturais e linguísticos das famílias e da sociedade. A atribuição de antropónimo é um fenómeno que já vem desde as antigas civilizações e com o passar dos tempos sofre algumas alterações na forma de nomeação em cada sociedade. No nosso contexto, os antropónimos do português são geralmente influência do catolicismo, cujo antropónimo atribuído refere-se ao nome de um santo ou santa. No que tange a antroponímia do *kimbundu*, verificámos que tem mais significado, tendo em conta as razões que estão na base para escolha dos antropónimos na língua *kimbundu*, como: mortes, doenças, calamidades, etc., vividas antes, durante e depois do nascimento da criança na família ou na comunidade.

**Palavras-chave:** Língua, onomástica, antroponímia, família e cultura bantu.

## **Abstract**

### **Study of Lexicon: anthroponomy of North Kwanza province**

In this work, we restrict ourselves to the study of the anthroponomy of the North Kwanza province emphasising in particular the one in *kimbundu*, a language which characterises the native people of this region where, undoubtedly, anthroponyms contribute to the awareness of sociocultural and linguistic aspects of families and society. The giving process of an anthroponym is phenomenon which dates back from ancient civilizations and over time suffers some changes in the way each society names its people. In our context, Portuguese anthroponyms are generally influenced by Catholicism which refers to a saint's name. As far as it is concerned to the *kimbundu's* anthroponomy we verified it is more significant taking into account the reasons behind the choice of the anthroponyms in the *kimbundu* language, such as: deaths, diseases, calamities, etc., experienced before, during or after a child's birth in his/her family or community.

**Keywords:** Language, onomastics, anthroponomy, family, bantu culture.

## ÍNDICE GERAL

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
-------------------------	----------

<b>CAPÍTULO I A LÍNGUA PORTUGUESA E CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA.....</b>	<b>4</b>
--	----------

1.1	Linguagem, língua e dialeto .....	5
1.2	Breves considerações sobre a língua portuguesa .....	8
1.2.1	A língua portuguesa em Angola .....	10
1.2.2	Estatuto da língua portuguesa .....	12
1.2.2.1	A língua portuguesa como língua materna.....	13
1.2.2.2	A língua portuguesa como língua segunda.....	14
1.2.2.3	A língua portuguesa como língua oficial.....	15
1.3	Composição etnolinguística de Angola.....	16
1.3.1	Os Ambundu.....	20
1.3.2	Breve excuro sobre as línguas bantu.....	21
1.3.2.1	A língua <i>kimbundu</i> .....	23
1.3.2.1.1	Noções sobre a sua estrutura.....	24
1.4	Caracterização geolinguística da província do Kwanza Norte.....	29

<b>CAPÍTULO II DESCRIÇÃO TEÓRICA DO ESTUDO.....</b>	<b>31</b>
---	-----------

2.1	Léxico.....	32
2.1.1	Diferenciação entre léxico e vocabulário.....	34
2.1.2	Diferenciação entre léxico e Palavra.....	36

2.2 A Lexicologia e a Onomástica.....	36
2.2.1 Onomástica.....	38
2.2.1.1 Relevância da antroponímia nos estudos onomásticos.....	39
2.2.1.2 Antroponímia e sua relação com a toponímia.....	41
2.2.1.3 Antroponímia e sua relação com a cultura e a sociedade.....	42
2.3 A família e o seu papel na atribuição dos antropónimos.....	44
2. 4 Antroponímia e suas características no Kwanza Norte.....	45
 <b>CAPITULO III – METODOLOGIA DO TRABALHO E ANÁLISE DO CORPUS.....</b>	 <b>50</b>
3.1 Tipologia de corpus.....	51
3.1.1 Assentos de Batismo, Cédulas Pessoais e Boletim de Nascimento.....	60
3.2 Antropónimos do <i>kimbundu</i> no Registo Civil e Cartório Religioso do Kwanza Norte.....	65
3. 3 Grafia dos antropónimos no corpus.....	74
3.4 A lei geral sobre atribuição e validação dos antropónimos no Kwanza Norte.....	80
3.5 Composição do antropónimo: nome próprio, sobrenome e apelido/família.....	81
O poder do antropónimo no Kwanza Norte.....	84
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>86</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>100</b>
Anexos nº 1 Certidão de batismo.....	101



Anexo nº 2 Assento de Nascimento.....	103
Anexos nº 3 Cédula Pessoal.....	104
Anexo nº 4 Questionário.....	105
Anexos nº 5 Respostas dos questionários.....	107
Anexos nº 6 Dados de ocorrências no corpus.....	111

## **Lista de figuras, quadros, tabelas e gráficos**

### **Figuras**

<b>Figura nº 1</b> mapa de povos e línguas de Angola.....	18
<b>Figura nº 2</b> mapa da província do Kwanza Norte.....	29

### **Quadros**

<b>Quadro nº 1</b> povos e grupos etnolinguísticos.....	19
<b>Quadro nº 2</b> alfabeto da língua <i>kimbundu</i> .....	24
<b>Quadro nº 3</b> classe dos nomes em <i>kimbundu</i> .....	26
<b>Quadro nº 4</b> unidades lexicais específicas do português: PA e PE.....	34
<b>Quadro nº 5</b> algumas áreas de estudos onomatológicos.....	39

### **Tabelas**

<b>Tabela nº 1</b> ocorrências de antropónimos no corpus.....	51
<b>Tabela nº 2</b> origem de documentos do corpus.....	54
<b>Tabela nº 3</b> frequência dos antropónimos no corpus como primeiro e último nome...55	
<b>Tabela nº 4</b> valor percentual das respostas dos 45 questionários aplicados.....	63
<b>Tabela nº 5</b> proposta de harmonização da grafia dos antropónimos que ocorrem no corpus.....	76

### **Gráficos**

<b>Gráfico nº 1</b> ocorrência geral dos antropónimos no corpus.....	52
<b>Gráfico nº 2</b> respostas dos questionários aplicados.....	63

## INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

O nosso trabalho tem como título *Estudo do léxico: antroponímia da província do Kwanza Norte*. Ao longo da nossa investigação começámos por levantar os dados antroponímicos em diversas instituições, tais como: Cartório Religioso da Diocese do Kwanza Norte, Conservatórias do Registo Civil dos municípios de *Kanzengu*, *Lukala* e *Kambambe*; através das respostas de questionários aplicados aos professores de Literatura, História, Sociologia e Linguística, bem como dos diálogos mantidos com as Autoridades Tradicionais e famílias.

A antroponímia, embora ultimamente não seja um foco de estudo no nosso contexto, constitui uma área que desperta uma atenção redobrada, pois, à medida que fomos desenvolvendo a nossa pesquisa constatámos que através da antroponímia somos capazes de conhecer muitos aspetos da vida das populações, desde aspetos linguísticos, sociais, culturais, etc., principalmente para o povo *kimbundu*, onde o antropónimo atribuído, geralmente, realça os acontecimentos vividos no seio da família antes, durante ou depois do nascimento da criança.

O estudo antroponómico consubstancia-se no estudo dos nomes de pessoas (nome próprio, sobrenome e nomes de famílias/apelidos), realçando os aspetos linguísticos, socioculturais e históricos que estão na base para a escolha e a atribuição de um antropónimo a uma criança em qualquer família numa determinada sociedade.

A antroponímia do Kwanza Norte é caracterizada por dois aspetos linguísticos principais o português e o *kimbundu*, onde, se destacam os antropónimos da língua portuguesa, que começaram a ser usados, nesta região, praticamente a partir dos meados do século XV com a chegada dos portugueses no território que, atualmente, constitui a República de Angola, numa situação de imposição, através da conversão dos autóctones ao cristianismo; contribuindo para que pouco a pouco muitos deixassem de atribuir antropónimos do *kimbundu*, considerando-os nomes desprestigiados fruto do contexto histórico daquela época para dar realce a antroponímia portuguesa.

Para o sucesso do nosso estudo centramo-nos numa análise mais pormenorizada da antroponímia do *kimbundu*, visto que, no nosso contexto, possui maior valor significativo dada a natureza sociocultural em que esta população se baseia para a escolha do antropónimo, geralmente baseados nos acontecimentos sociais que envolvem o período antes da gestação, durante ou depois do nascimento da criança ou socorrendo-se às forças do além, “espíritos” ou “divindades” atribuindo em muitos casos antropónimos que realçam os nomes desses espíritos, por exemplo, *Kilulu* e *Ngonga*<sup>1</sup>.

Neste trabalho, apesar das dificuldades evidenciadas tendo em conta a escassez de estudos desenvolvidos nesta área do saber, cingimo-nos especialmente aos estudos desenvolvidos por José Leite de Vasconcellos (1928), Carreira e Quintino (1964) Pina-Cabral (2008), Macedo (2014), Pereira (2003), Ribas (2014) e outros.

No que tange aos objetivos, destacámos: objetivo geral e objetivos específicos.

**Objetivo geral:**

- Estudar a antroponímia da província do Kwanza Norte, à luz da cultura bantu, tendo em conta os aspetos socioculturais e linguísticos determinantes na atribuição dos antropónimos no seio das famílias desta província.

**Objetivos específicos:**

- Descrever o valor significativo dos antropónimos da língua *kimbundu*, tendo em conta os aspetos socioculturais e linguísticos que influenciem a escolha dos antropónimos atribuídos às crianças.
- Determinar as causas que contribuam para a existência de antropónimos que não reflitam os aspetos socioculturais inerentes à cultura bantu, bem como as causas que estão na base para a pouca atribuição de antropónimos em *kimbundu* às crianças na atualidade.
- Identificar as razões que estejam na base para o crescente surgimento de novos antropónimos, principalmente, da língua portuguesa.

---

<sup>1</sup> - Kilulu – espírito causador do mal.

- Ngonga – espírito feminino que propicia a felicidade.

- Vislumbrar as razões que influenciem o aportuguesamento dos antropónimos do *kimbundu* nos Registos Cíveis e Cartórios Religiosos.

Quanto à metodologia geral usada, centramo-nos no seguinte: quanto à abordagem fizemos uma pesquisa qualitativa e quantitativa, quanto aos objetivos, centramo-nos na pesquisa exploratória e quanto aos procedimentos, realizámos uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

O nosso trabalho está dividido em quatro capítulos, onde no primeiro fizemos uma abordagem a respeito da situação sociolinguística de Angola, realçámos sobre o estatuto da língua portuguesa e fizemos um excuro a respeito da composição etnolinguística de Angola; destacando sinoticamente o papel dos *ambundu* e, concomitantemente, da língua *kimbundu*; finalmente, discorremos sobre a geolinguística da província do Kwanza Norte.

No segundo capítulo, descrição teórica do estudo, começámos por apresentar o conceito de léxico, vocabulário e palavra; posteriormente, estabelecemos a relação que a Lexicologia mantém com outras áreas, destacadamente a Onomástica. Depois disso, entrámos naquilo que é a essência do nosso trabalho, o estudo da antroponímia, apresentámos sucintamente a sua relevância enquanto área específica da onomástica e da linguística em sentido geral e estabelecemos comparação com a toponímia. Por outro lado, destacámos a importância da família na atribuição de antropónimos nesta região, bem como as características que os antropónimos apresentam.

No terceiro capítulo, centramo-nos na metodologia de trabalho, fazendo uma análise quantitativa e qualitativa do *corpus*, constituído por Assentos de Batismo, Cédulas de Nascimento, Boletins de Nascimento e antropónimos recolhidos nas respostas dos questionários aplicados aos nossos informantes; abordámos igualmente a lei geral sobre atribuição de antropónimos e da validação dos mesmos pelo estado, fazemos a análise da escrita e ortografia dos antropónimos no *corpus*, apresentando um quadro de harmonização gráfica dos antropónimos do *kimbundu*, apontámos os aspetos sobre a composição do antropónimo, bem como o poder que o mesmo exerce na vida da pessoa e, finalmente, no quarto capítulo, apresentámos as conclusões.

**CAPÍTULO – I A LÍNGUA PORTUGUESA  
CONTEXTUALIZAÇÃO  
SOCIOLINGÜÍSTICA**

## 1.1 Linguagem, língua e dialeto

Falar de linguagem é, à partida, falar, praticamente, da essência humana, por ser um fenómeno que se desenvolve no ser humano desde a tenra idade e muitas vezes quase inexplicável pela forma tão natural como se adquire nas mais diversas línguas do universo. Daí, Chomsky considerá-la uma faculdade enraizada na biologia da nossa espécie, pois todos os humanos – até os mais estúpidos – falam, e nenhum macaco – nem o mais brilhante – fala (Chomsky apud Picq, 2009: 59).

Para Genouvrier e Peytard (1973: 149) «linguagem é uma faculdade humana, característica universal e imutável do homem». No entanto, dos vários tipos de linguagem existente, a linguagem verbal constitui a forma preferencial de comunicação entre os homens é, simultaneamente veículo de integração do homem na comunidade e fator constituinte da sua construção como indivíduo (Mateus, 2002: 37).

A linguagem exerce um grande papel na vida dos indivíduos, pois, a posse da mesma, mais do que qualquer outro atributo, distingue os seres humanos dos animais. Desta feita, para compreensão da humanidade à luz do conhecimento africano, de acordo com Diabate é a linguagem que nos torna humanos, pois só através da aquisição desta capacidade é que somos considerados pessoas.

De acordo com a filosofia expressa nos mitos e religiões de muitos povos africanos, particularmente, os bantu, é a linguagem que constitui a fonte da vida humana e poder. Admitem que “para alguns africanos, um recém-nascido é um Kuntu<sup>2</sup>, não sendo ainda Muntu<sup>3</sup>. É apenas ao aprender a linguagem que a criança se transforma num ser humano”. (Diabate apud Fromkin e Rodman, 1993: 3).

Corroboramos da ideia aludida, porque não há nenhum humano que em condições normais não conheça pelo menos uma língua, e utiliza-a em diversas circunstâncias da vida, fazendo vincar a sua função fundamental «a comunicação», a transmissão de um certo tipo de informação [...] proveniente de um emissor e destinada a um recetor (Crystal, 1991: 288); apresentando através da linguagem cada indivíduo ou

---

2 – À luz da cultura bantu significa «coisa».

3- É o singular de bantu, termo que, genericamente, significa «pessoa», nas línguas bantu.



sociedade características específicas que as identificam, principalmente no nosso contexto pelo facto de ser um território, em que existe a coabitação de várias línguas locais, na sua maioria, pertencentes à família bantu (Marques, 1985: 206).

A linguagem, apesar de ser, sobremaneira, idêntica nas suas funções, difere de comunidade para comunidade, de maneira que só pode funcionar entre os membros de determinado grupo (Martinet, 1991: 13), é «multiforme e heteróclita, estendendo-se para vários domínios, tais como: físicos, fisiológicos e psíquicos, individuais e sociais» (Saussure, [1916] 1995: 34-35).

A língua, por sua vez, é imprescindível em qualquer sociedade, e respetivamente na vida de qualquer indivíduo, pois, é certo que, por intermédio dela se estabelecem os diferentes tipos de interações voltadas em todas as dimensões sociais dos seus falantes. De acordo com Saussure ([1916] 1995: 34) «é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adaptadas pelo corpo social para permitir aos indivíduos o exercício desta faculdade».

A língua possui uma função dupla, instrumento de comunicação e suporte da cultura, daí, ser considerada instrumento de comunicação entre os indivíduos da mesma comunidade linguística e/ou suporte cultural que, no sentido lato, engloba entre outros elementos, a cultura, a expressão literária, etc., (Álvares, 2001: 120).

Para que o sistema linguístico (a língua) se consolide é necessário e inevitável que os grupos de indivíduos inseridos numa determinada comunidade se apropriem dela e utilizem-no de acordo com as situações inerentes a comunicação, porque caso isso não aconteça, no entender de Mudiambo (2014: 32) «haverá uma perda, se cada um se isolar no seu mundo, pois cada língua constitui uma riqueza em si mesma».

A língua é tão relevante, porque está intimamente ligada a vida cultural e social do ser (humano), permitindo o enquadramento ou caracterização sociocultural dos seus falantes em qualquer comunidade em que estejam inseridos, embora possa em muitos casos identificar, frequentemente, aspetos culturais e sociais distintos (Mateus, 2014: 13).

Na opinião de Picq (2009: 59) «a língua tem a ver com a cultura: você fala a língua do seu meio sociocultural». Neste sentido, achámos que a língua, quer seja oral

quer seja escrita, joga um papel fundamental, sendo, capaz de proporcionar aos seus utentes mecanismos de socialização, permitindo, de certa forma, que um grupo de indivíduos se identifiquem através dela.

Caso continuássemos a procurarmos entender o significado que se lhe possa atribuir, quer seja no âmbito linguístico ou em sua dimensão sociocultural, vislumbraríamos outras asserções, devido as diversas perspectivas linguísticas de estudo, que, desde então, se têm dedicado aos estudos sobre a linguística, como se pode ver (Castilho, 2010: 42).

A língua é um conjunto de produtos – perspectiva descritiva;

A língua é um conjunto de processos mentais e estruturantes – perspectiva funcionalista-cognitiva;

A língua é um conjunto de processos e de produtos que mudam ao longo do tempo – perspectiva histórica;

A língua é um conjunto de “usos bons” – perspectiva prescritiva

Por outro lado, uma língua é, necessariamente, unidade e diversidade em todas as suas dimensões, porém, é, por intermédio, da diversidade/variação que se mantém viva qualquer língua usada por indivíduos espalhados em diferentes espaços, podendo ocorrer por diversos motivos e situações, onde a variante diatópica é, sem dúvida, um dos principais fatores de diversificação linguística (Florêncio, 2011: 14).

No que concerne ao contexto geográfico e linguístico de Angola e, particularmente, do Kwanza Norte, é necessário olharmos com muita tenacidade nos aspetos multilingue e sociolinguísticos desta região, onde são, indubitavelmente, identificados vários dialetos em relação as línguas bantu se tivermos em conta que dialeto é a forma característica que uma língua assume regionalmente (Cunha e Cintra, 1999: 5). Ou em outras palavras, de acordo com Oliveira et al. (2000: 121) «é a variedade geográfica que se insere na variação intralinguística, ou seja, é uma das variantes especiais que faz parte do diassistema<sup>4</sup> linguístico».

---

<sup>4</sup>- Conjunto de vários sistemas: diastrático, diafásico e diatópico, ou seja, das variantes sociais, estilísticas e geográficas de um sistema (Oliveira et. Al., 2000: 123).

Se define dialeto como toda forma de língua que se diferencia de maneira relativamente sistemática da própria língua comum. Pode considerar-se que o domínio de utilização do termo pode ser determinado, quer pela geografia [«dialeto»] no sentido correto do termo], quer pelo nível da língua, quer por um grupo social dado [dialeto social] (Marcellesi e Gardin, 1975: 241).

Apesar das diversas asserções aludidas, não devemos considerar o dialeto como forma degradante ou desprestigiante de uma língua. Pelo contrário, não havendo uma língua ou variedade que seja melhor que outra Gallisson e Coste (1983: 197) mostram-nos que esta não é mais senão uma variante que razões históricas, políticas e socioculturais promovem-nas à categoria de língua dominante.

## **1. 2 Breves considerações sobre a língua portuguesa**

Para começarmos a abordar a respeito da língua portuguesa é inevitável que se faça incursão histórica sobre a mesma, aludindo os caminhos por que percorreu até ganhar o protagonismo ou estatuto que possui na atualidade entre as demais línguas vivas do mundo, especificamente em relação ao seu papel incontestável que desempenhou ao longo dos tempos durante o chamado período dos descobrimentos.

O português desde os finais do século XV até ao século XIX era a língua que, além de utilizada no Brasil, tinha o estatuto de língua de comunicação generalizada no litoral africano e de língua franca nos portos da Índia e do sudeste asiático (Mateus, 2002: 16).

Historicamente, a língua portuguesa é uma língua muito antiga da Península Ibérica, cujas origens remontam o indo-europeu, uma família de línguas muito antiga. Apesar de considerarmos-la muito antiga, a individualidade da língua portuguesa remete-nos para uma data próxima do século VI e começou a desenhar-se no domínio do léxico (Mateus, 2003: 25). É uma das línguas mais faladas no mundo, sendo a terceira língua europeia (depois do inglês e do espanhol) com maior número de falantes. Segundo Segura (2013: 71) «estima-se que seja a língua de mais 230 milhões de pessoas».

Tendo em conta o protagonismo incomensurável que ganhou no Brasil, desde cedo, isto é, no século XVIII com o Marquês de Pombal e, em função do contacto inevitável que manteve outrora com o litoral africano e asiático, em circunstâncias de repressão, por meio de interesses económicos, permitiu a implantação de uma língua «o português» em África e na Ásia ultimamente, servindo de importantíssimo instrumento de comunicação nestes países, contribuindo de tal forma para a unidade nacional destes países (Angola, Moçambique, Guiné Bissau, etc.), que encontraram no português uma fonte de aproximação social, cultural e política, devido a existência de outras línguas locais, destacando-se as línguas bantu.

A língua portuguesa sendo um património comum a cada um de nós que fala o português, onde quer que estejamos, estabelece a nossa relação com o mundo, é veículo, de ligação e fator de construção da sociedade e de cultura (Mateus, 2002: 21-22).

Todavia, podemos, sem, no entanto, aludir no que tange as variantes PE e PB, que as variantes africanas mais evidentes são as de Moçambique e de Angola, que por intermédio do contacto com as línguas bantu têm contribuído para o enriquecimento de ambas, principalmente no campo lexical e morfossintático. Daí, Gonçalves (2015: 223) sustentar que «a formação das variedades africanas do português (VAP) constitui um processo complexo, que envolve uma gama diversificada de aspetos de natureza linguística, histórica cultural e até económica».

Além de tudo ora evocado, hoje, a língua portuguesa destaca-se, por outro lado, a nível internacional pelo protagonismo que tem vindo a alcançar, fruto da sua expansão pelo universo e devido o número considerável de falantes que possui espalhados pelo mundo, um facto que tem motivado a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) em querer que o português seja integrado entre as seis (6) línguas oficiais<sup>5</sup> da ONU (Organização das Nações Unidas).

A par disso, muitas outras vozes têm sido manifestadas pelos diversos líderes dos países africanos que adotaram o português como língua oficial, bem como o Brasil e

---

<sup>5</sup> - São consideradas seis (6) línguas oficiais da ONU as seguintes: inglês, espanhol, chinês, russo, francês e árabe. <http://www.meionorte.com/blogs/josefortes/idiomas-oficiais-na-onu-78594>.

Portugal, como se constata nas declarações do então presidente de Portugal, Dr. Jorge Sampaio, quando afirmava o seguinte:

Continuarei a lutar por este desígnio nacional (a língua portuguesa), que merece ser assumida pelo Estado e pela sociedade, e que tem de se tornar mobilizador para os cidadãos. Das escolas aos órgãos de comunicação social, do Estado Central ao Poder Local, das famílias às instituições culturais e cívicas da diplomacia aos nossos representantes nas organizações internacionais (...) (Moreira et al., 2015: 18).

Finalmente, a língua portuguesa, hoje, joga um papel extraordinário em qualquer comunidade. Dada a natureza como se implantou e vigora em cada um destes países, o estatuto que lhe é conferida difere de país a país, podendo ser considerada, como língua materna, língua segunda, língua estrangeira e/ou língua oficial, caso dos países africanos e asiáticos, devido a existência de tantas outras línguas locais (línguas bantu e não bantu) que servem de instrumento de comunicação comum aos seus falantes.

### **1.2.1 A Língua Portuguesa em Angola**

O surgimento da língua portuguesa em Angola é fruto de um processo de imposição e servidão verificado durante um longo período imposto pelos portugueses ao povo angolano e, por sua vez, está sujeita ao fenómeno da variação, devido a fatores linguísticos e extralinguísticos, resultante do contacto com as línguas locais permitindo que se diferenciem cada vez mais que se afastam do seu centro, apresentando variedades bem distintas (Barros, 2002: 35).

Reza a história que o primeiro contacto entre os portugueses e as populações, dos então reinos, que atualmente constituem a população angolana, deu-se por volta da primeira metade do séc. XV e na sequência dos descobrimentos (Lipski, 2009: 11).

Vivificando o que foi aludido no parágrafo anterior o historiador Pinto (2015) também afirma que o primeiro contacto entre os portugueses e a então população que, hoje, constitui a população angolana, deu-se na foz do rio zaire numa expedição comandada pelo português Diogo Cão, que interpelou o pescador, designado por *Lwolo*,

encontrado na foz do rio Zaire, dirigindo a seguinte pergunta: “Qual é o nome da terra e do caudaloso rio que nela desagua? De acordo com o mesmo autor, o pescador responde-as da seguinte maneira: à primeira pergunta *Ki nzadiko*<sup>6</sup> e à segunda *Nzadi*<sup>7</sup>.

A partir deste período estava sendo criada as bases para a implantação de uma língua neolatina no que constitui o atual território angolano em situações de extrema obrigatoriedade, passando a coexistir no mesmo espaço diatópico com as línguas locais principalmente as bantu, embora em princípio fosse somente nas zonas litorais.

Em Angola e em Moçambique, o português teve outro desenvolvimento. Também aqui o contacto com as línguas africanas se limitou, até ao séc. XIX, às regiões do litoral. Só depois da conferência de Berlim sobre o Congo, em 1885, é que os colonizadores portugueses penetraram no interior do território, (Endruschat e Schmidt – Radefeldt, 2015: 17).

Destes contactos resultaram especificidades no português falado em Angola, aquilo que Mingas chamou de português de Angola e Inverno (2009: 87), denominou-o PVA (Português Vernáculo de Angola), um aspeto que tende a evoluir para uma nova variedade do português, por influência do contacto direto entre ambas.

[...] uma nova realidade linguística em Angola, a que chamamos “português de Angola” ou “angolano”, à semelhança do que aconteceu ao Brasil ou ao Crioulo. Embora em estado embrionário, o “angolano” apresenta já especificidades próprias [...] (Migas, 1998: 115 apud Inverno, 2009: 88).

Em Angola, o contacto, em princípio, deu-se com a língua *kikongo* e só, posteriormente, à medida que os portugueses foram avançando com o processo de colonização a língua foi aprendida pelos nativos, numa percentagem muito baixa, pois, muitos fatores externos (sociais, culturais, religiosos, etc.) às populações contribuíam para a não aprendizagem da língua portuguesa naquela altura.

A implantação do português encontrou muitas dificuldades, pois de acordo com Endruschat e Schmidt – Radefeldt (2015: 17), o povoamento pelos portugueses em Angola só atingiu o seu auge nos anos 70 do séc. XX, com uma proporção de quase 10% da população total, um número que ao fim ao cabo era insignificante.

---

<sup>6</sup> - Termo da língua *kikongo*, significa em português “não sei” (PINTO, 2015: 123)

<sup>7</sup> - Termo da língua *kikongo*, significa em português “Rio”, (Idem: 123).

Nesta altura, a comunicação em Angola era obrigatoriamente feita em língua portuguesa, procurando nitidamente anular os valores linguísticos, culturais e religiosos dos povos autóctones, violando os princípios originários destes povos locais, pois, para Altuna (2014: 24) «os bantu, além do nítido parentesco linguístico, conservam um fundo de crenças, ritos, e costumes, uma cultura com traços específicos e idênticos (...)».

Hoje, apesar das circunstâncias em que a língua portuguesa entrou e firmou-se em Angola desempenha um papel decisivo no território nos mais variados domínios da vida social, económica, política, cultural e religiosa do Estado e dos indivíduos, sendo o principal instrumento de comunicação entre os habitantes desse vastíssimo território, onde, efetivamente, só ela é capaz de construir um mosaico cultural e ideológico abrangente, em vantagem às demais línguas bantu e não bantu existentes (Neto, 2014: 28); (Chicuna, 2015: 30); (Mudiambo, 2014: 43) respetivamente.

### **1.2.2 Estatuto da língua portuguesa em Angola**

A língua portuguesa, em função da descontinuidade territorial em que é falada, ganha um pendor diferente em comparação ao estatuto que se lhe possa atribuir em relação aos que a detenham como instrumento de comunicação, quer seja na escola, na comunidade, na administração, na comunicação social, etc., pois, é através da paisagem da língua que poderemos abranger nossa própria origem e nos identificarmos como elementos de um todo mais vasto que, por contraste, determina os nossos próprios limites (Mateus, 2002: 42).

Em Angola, como em qualquer parte do mundo, não se foge a regra, o estatuto que se atribui a língua é muitas vezes definido por questões sociais e, principalmente, políticas, evidenciado através do convívio com outras línguas, línguas bantu e não-bantu, num vasto território com números consideráveis de habitantes na sua maioria ágrafos, influenciando negativamente no conhecimento e domínio que se impõe na utilização da língua, principalmente nas zonas rurais.

### **1.2.2.1 A língua portuguesa como língua materna**

A língua instrumento indispensável para a coabitação entre os indivíduos, desde cedo, emerge no ser humano de forma espontânea e natural, sendo em princípio um processo simplesmente oral, é tão natural como a aquisição da marcha em posição ereta, o sorriso ou a fixação do olhar, ocorrendo em mesmas idades como se estivesse a cumprir um programa universal pré-estabelecido (Caldas, 2015: 39).

De acordo com o mesmo autor este processo ocorre do mesmo jeito em qualquer língua. No entanto, para que isso aconteça, basta que o indivíduo esteja inserido numa sociedade que detenha esse património, onde, por sua vez, fruto da interação com os seus próximos vai desenvolvendo a capacidade de comunicar (falar) através do processo de imitação.

Para Gallisson e Coste (1983: 442) a linguística aplicada e a didática das línguas usam frequentemente a tripla oposição entre língua materna/ língua segunda/língua estrangeira. Os mesmos autores sustentam que «língua materna é assim chamada porque é aprendida como primeiro instrumento de comunicação, desde a mais tenra idade e é utilizada no país de origem do sujeito falante».

Para Oliveira et al. (2000: 278) «a língua materna ou língua primeira pode ser a língua da mãe transmitida à criança ou pode ser a língua da pessoa ou pessoas que convivem com a criança a partir do seu nascimento».

Com base nisso, entendemos que é através da língua materna que o indivíduo estabelece as primeiras relações com o mundo que o cerca, abrindo-o para uma interação social, cultural e linguística que se impõe, sendo capaz de explorar toda a sua capacidade natural e social de comunicação. Geralmente, é conhecida como o repositório de memórias culturais dos seus utentes transmitidas oralmente de geração a geração, como afirma Mudiambo (2014: 32) «as línguas maternas são as únicas que marcam os homens desde o seu nascimento, dando-lhes uma característica particular que nunca se apaga, independentemente das outras línguas adquiridas mais tarde».



A língua materna é um «bem querer» é para nós, no presente, movimento de coração: nem arma de combate, nem bandeira de unidade, nem instrumento de imposição cultural, mas apenas, e até ao mais fundo de nós mesmos, o principal apoio para a construção do mundo individual e social (Mateus, 2002: 17).

Partindo das opiniões ora ressaltadas, no que concerne ao contexto angolano, hoje, em muitos núcleos familiares, principalmente na região dos *Ambundu*<sup>8</sup>, a língua portuguesa, dado o protagonismo que assume na vida social das famílias desta região desde os primeiros anos de vida, podemos considerá-la para muitos como sua língua materna, principalmente nos centros urbanos de Luanda, Kwanza Norte, Bengo e Malange; mesmo naqueles casos em que os progenitores ou tutores de crianças tenham o *kimbundu* como sua língua materna, pois estes não comunicam-se em *kimbundu*.

### 1.2.2.2 A língua portuguesa como língua segunda

O conceito de língua segunda é relutante porque todo o sujeito logo ao nascer desde que possua boa condição psíquica é capaz de por si só adquirir uma ou mais línguas em função do meio ambiente em que for inserido.

No nosso contexto, não obstante o modo como é adquirida, a língua portuguesa consideramo-la como língua segunda, pelo facto de ser ensinada e usada num espaço onde por natureza encontramos outras línguas que potencialmente são consideradas maternas, sem, no entanto, descurarmos o conceito de língua materna, pois, o contexto sociolinguístico angolano obriga-nos, de certa forma, a enquadrá-la assim.

Gallisson e Coste (1983: 442) definem língua segunda «como não sendo materna mas, por conseguinte, são instrumentos de comunicação secundários ou auxiliares».

A Língua segunda tem um estatuto privilegiado oficialmente porque é ensinada como língua veiculadora numa comunidade onde a (s) língua (s) materna (s) está/estão

---

<sup>8</sup> - Consultar, neste trabalho, página 20.

praticamente desconhecida (s) além das fronteiras deste país; é o caso dos países africanos (e não só) colonizados durante longo tempo, (Oliveira et. al., 2000: 274).

A língua portuguesa, em Angola, frui deste privilégio, pelo facto de ser a principal língua da administração, de escolaridade e da comunicação social, a par de algumas línguas bantu, introduzidas pelo Estado no Sistema de Ensino e na imprensa local, com vista a dar maior realce e incentivo no uso das mesmas, principalmente, aos jovens, de modo a resgatar o protagonismo que elas merecem no seio da nossa sociedade, como se pode ver na Lei de Bases do Sistema de Educação da República de Angola, no Art. 16º, nos pontos (1) e (2) o seguinte:

- 1 - O ensino deve ser ministrado em português;
- 2 - O Estado assegura as condições humanas, científicas-técnicas... para a expansão e generalização da utilização no ensino, das demais línguas de Angola, bem como da linguagem gestual para os indivíduos com deficiência auditiva.

### **1.2.2.3 A língua portuguesa como língua oficial**

Em Angola, a consagração do português como língua oficial do Estado foi instituída durante a proclamação da independência da República de Angola, pelo, então, saudoso presidente da República Popular de Angola, Dr. António Agostinho Neto, em 1975 e Constando da Constituição da República, isto é, no seu artigo 19º no ponto (1) que diz o seguinte:

- A língua oficial da República de Angola é o português.

Não obstante a isso, visto que a República de Angola é um território plurilingue, o Estado não desvaloriza as demais línguas de Angola, particularmente as línguas bantu, tendo em conta a importância que possuem no convívio das famílias para o realce e expressão dos hábitos e costumes da sua população, pois, por intermédio de suas línguas locais a população tem sido capaz de construir um mosaico cultural e resgatar muitos valores culturais, crenças, hábitos e costumes perdidos durante longos anos (de

colonização) e que os permitem ter uma identidade linguística própria que os identifiquem diante de outros povos e culturas de forma oral ou escrita e passada de geração a geração, como se pode observar no ponto 2 do mesmo artigo.

- O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional.

Este estatuto, definido politicamente, deve-se ao facto da existência das demais línguas no nosso território e que na maior parte delas não ultrapassam as fronteiras do território angolano. A língua portuguesa tem sido o principal instrumento de integração e coesão sociolinguística, porque somente ela permite estabelecer essa ponte de interação comunicativa entre os diversos grupos e subgrupos etnolinguísticos que pertencem ao território angolano.

Podemos dizer que, no nosso contexto, a língua oficial corresponde à necessidade de assegurar equilíbrios internos entre os diversos grupos sociolinguísticos angolanos e, por outro lado, melhora o posicionamento linguístico do país na ordem internacional, pela adoção de uma língua comum a outras nações que nasceram de um processo histórico-político semelhante.

### **1.3 Composição etnolinguística de Angola**

A atual República de Angola é constituída por povos, política e administrativamente bem organizados, onde destacámos a título de exemplo, os Bakongo, os Kimbundu ou Ambundu, os Umbundu, os Lunda-Cokwe, os Kwanyama, os Herero, os Khoisan ou Bosquímanes<sup>9</sup>, citando apenas os mais importantes tendo em conta o seu papel vital, na atual composição etnolinguística de Angola. Todos estes pertencentes ao grupo etnolinguístico bantu com exceção dos Khoisan (considerados como os verdadeiros autóctones) (Mudiambo, 2014:37).

---

<sup>9</sup> - Os boximanes ou Khoisan ocupam o ínfimo lugar na escala social, correspondendo cerca de 2% da população angolana, de acordo com o Site da Federal Research Division, 2004 apud (NETO, 2014: 28).

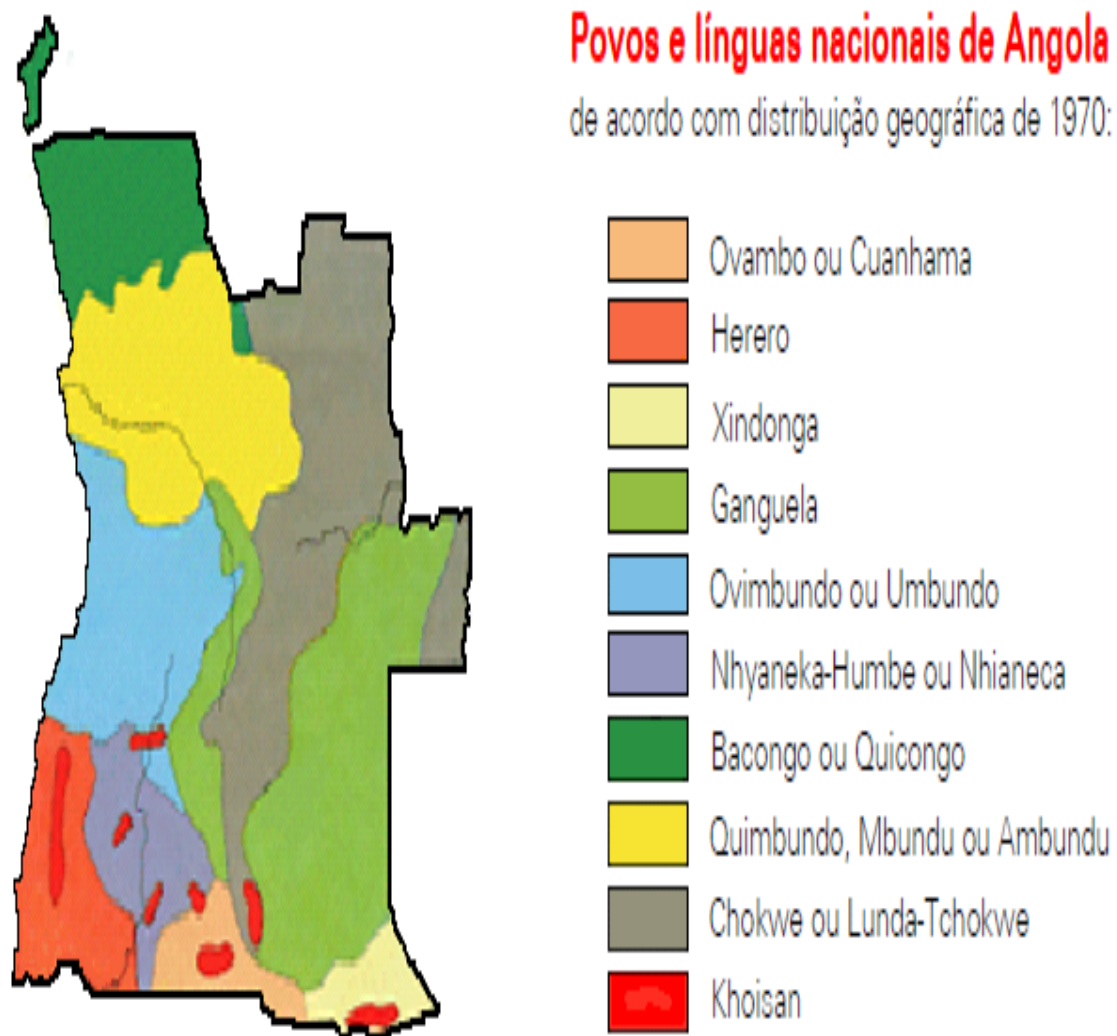
Dada a relevância que os bantu desempenham naquilo que é a atual população africana ao Sul do Sahara e, especificamente, em Angola, é esse o grupo que nos interessa em nossa abordagem, pois Ki-zerbo afirma que o seu movimento migratório foi um dos mais alargados do continente africano e, particularmente, em Angola,

Acerca da origem dos povos bantu já se levantaram mais variadas hipóteses. Saíram, provavelmente, das férteis terras do Sudeste saiano ou, então, do lago Chade. ‘As tradições bantu referem-se a uma origem nórdica e as clãs de forjadores que possuíam o segredo do ferro em (Ki-Zerbo apud Altuna, 2014: 19).

Outros autores como Neto (2014: 31); Magalhães (1922: 2) e Mudiambo (2014: 41) sustentam igualmente que os bantu que se encontram atualmente ao Sul do Sahara, no continente africano são fruto das mais diversas correntes migratórias. Por conseguinte, daí resultou a adaptação às condições ambientais distintas originando a formação de diferentes classes sociais, com características e práticas económicas diferentes.

Com base nisso, concluímos que, destas migrações que começaram há 2000 – 2500 anos resultou na constituição da atual população de Angola, situada num espaço territorial vasto, distribuída política e administrativamente em dezoito províncias, onde predominam vários grupos etnolinguísticos, cujas línguas bantu faladas, identificamos no mapa abaixo e no quadro adaptado de a cordo com a classificação de José Redinha (apud Chicuna, 2015: 30 e Mudiambo, 2014: 47).

**Figura nº1 Mapa de povos e línguas de Angola**



Fonte: <https://www.google.pt/search?q=mapa+de+línguas+e+povos+de+angola>

### Quadro nº 1 Povos e grupos etnolinguísticos

Nº	Povos	Grupo etnolinguístico
01	Os Bacongos <sup>10</sup>	kikongo
02	Os Ambundu	kimbundu
03	Os Ovimbundu <sup>11</sup>	Umbundu
04	Os Nganguelas <sup>12</sup>	Tchingangela
05	Os Lunda-Tchokwe <sup>13</sup>	Tutchokwe
06	Os Nhyanecas-Humbi	Lunhaneca
07	Os Hereros	Tcherero
08	Os Ovambus	Ambo
09	Os Dongas	Xindonga

Nossa adaptação

Analisando as cores que representam os diferentes povos e línguas de Angola, vamos dar maior ênfase ao povo e língua correspondente a cor amarela viva na figura, isto é, o povo «Ambundu», cuja língua bantu é o *kimbundu* pois o nosso estudo antroponímico cinge-se à província do kwanza Norte que está inserida neste espaço geográfico.

<sup>10</sup> - Foi o povo que manteve o primeiro contacto com os portugueses, no então, reino do Congo, atualmente província do Zaire, com a chegada do português Diogo Cão. Facto que os tornou até, pelo menos, ao século XIX, o povo mais conhecido pelos europeus nessa região de África (MUDIAMBO, 2014: 38-39 e NETO, 2014: 33).

<sup>11</sup> - Grupo mais numeroso e homogéneo de Angola. Os ovimbundu mereceram grande atenção pelos etnólogos por serem entre os povos africanos a construir em pedra, pouco mais ou menos como os povos do Zimbabwe e talvez a partir do século XVIII F. W. Heimer apud (LUKAMBA, 2014: 31).

<sup>12</sup> - É um grupo heterogéneo de Angola, composto por, aproximadamente, vinte povos pouco numerosos e isolados uns dos outros. São essencialmente pescadores, caçadores e agricultores divididos sob pressão dos Quiocos e pelos ovimbundu (Mudiambo, 2014: 40 e Neto, 2014:34).

<sup>13</sup> - É um grupo etnolinguístico composto por vários povos. Em finais do século XIX, os Cokwe eram o povo mais agressivo e mais independente de toda a Angola. No princípio do século XIX, recusaram-se a prestar homenagem ao Imperador Lunda começaram a expandir-se ao centro-leste de Angola (Mudiambo, 2014: 40)

Depois de uma análise sucinta do quadro acima exposto, de acordo com Pinto (2013: 188) «a carta etnográfica” de Angola e “a carta das línguas faladas” em Angola apresenta os angolanos divididos numa multiplicidade de “grupos étnicos». Com base nisso, provavelmente, concluiríamos que a população de Angola apenas é constituída por estes nove grupos etnolinguísticos, mas em abono da verdade não, pois de acordo com Neto (2014: 33-37) «estes grupos etnolinguísticos apresentam suas variantes ou subgrupos etnolinguísticos»

Em Angola as designações atribuídas às línguas são correspondentes, a designação de um grupo de povos ou etnia. O nome de uma língua corresponde à designação de uma dada etnia, ou seja, em África há uma relação de correspondência de designações entre a etnia e a língua (Chicuna, 2015: 29).

Sendo assim, Redinha apud Pinto (2013: 190) sustenta que o grupo étnico *kimbundu* é subdividido entre treze e vinte e uns subgrupos étnicos consoante a sua distribuição geográfica e as variantes dialetais da língua *kimbundu*. “Ambundu, Luanda, hungo, Luango, Ntemo, Funa, Dembo, Ngola ou Jinga, Bondo, Bangala, Holo, Cari, Chinje, Minungo, Songo, Bambeiro, Quissama, Libolo, Quibala, Haco e Sende”.

### 1.3.1 Os Ambundu

Segundo Magalhães (1922: 10) «até ao séc. XV quase nada se sabia deste povo que desde então ocuparam uma vasta região do atual território nacional. A localização atual dos *ambundu* abrange entre o mar e o rio *kwangu* ultrapassando o curso deste para o sul, abrangendo o baixo e médio Kwanza».

Os *ambundu*, em Angola, são considerados o povo bantu que diretamente teve maior influência da cultura colonial, sendo este um fator que contribuiu para a implantação dos ideais coloniais naquela época.

Os *ambundu* do Kwanza Norte são pela maior parte do tipo Loanda. Há também os cruzados entre congoleses e *ambundu* (mahungos, gumbas e luangos da região dos

Dembos, (Magalhães, 1922). Este grupo era considerado mais ou menos importante e tinham chefes audaciosos, inspirados que foram conquistando outros povos e repelidos por outros. Segundo o mesmo autor são considerados filhos de *Ndongo: Ákwa Ndongo* e, igualmente, designados por jingas ou zingas em honra de um chefe chamado *Ngola*<sup>14</sup>, nome que a tribo adotou (ana-a-Ngola, ákwa-Ngola) e, que posteriormente os portugueses estenderam a província por eles ocupada, chamando de Angola em língua portuguesa.

### 1.3.2 Breve excurso sobre as línguas bantu

É óbvio, que as línguas bantu na sua génese apresentam uma semelhança inegável, facto que contribuiu, desde cedo, para despertar o interesse a muitos bantuístas<sup>15</sup> da época e, não só, para o estudo comparativo entre milhares de línguas faladas pelos povos migrantes negros (bantu) ao Sul do Sahara.

Nos finais do séc. XVIII, vários académicos tinham verificado que as línguas no terço Sul de África revelavam um grau de semelhança surpreendente. Línguas faladas a mais de 3200 km de distância pareciam pouco mais do que dialetos de uma única língua. Em 1862, de acordo V. Kukanda (1986: 6) apud Mudiambo (2014: 45) e Chicuna (2015: 27) o termo foi utilizado pela primeira vez, pelo alemão Wilhelm Bleek para se referir ao conjunto de línguas faladas maioritariamente na África subequatorial

---

<sup>14</sup> - Termo que deu origem a atual expressão Angola. As referências escritas mais remotas ao termo Angola – constam do regimento passado em Évora em 16 de Fevereiro de 1500 pelo rei D. Manuel I de Portugal (reinado 1492-1521) ao escudeiro da casa Real Manuel Pacheco e seu criado Baltasar de Castro, encarregando-os de “descobrirem” o dito “Reino de Angola” e parte da costa atlântica ao sul da Ilha das Cabras – ou Ilha de Luanda – até ao rio de Angola ou Kwanza – numa expedição cujos objetivos principais eram a tentativa de cristianização do “rei de Angola” com vista a que Portugal estabelecesse com esse Estado africano relações diplomáticas similares às que mantinha com o Kongo dia Ntotila – o “Reino do Kongo” – desde 1482. Mas o termo Angola, na realidade, trata-se do aportuguesamento de “ngola”, vocábulo da língua kimbundu, do povo mbundu... símbolo das principais linhagens e, consequentemente, símbolo e título dos detentores do poder político ente os mbundu ou em certos Estados mbundu (PINTO, 2013: 163: 164).

<sup>15</sup> - Pessoa que se dedica ao estudo das línguas bantu (FERNANDES e NTONDO, 2002: 67).



Por outro lado, Bleek afirmara que essas línguas apresentam características muito comuns, e que designavam o ser humano por *muntu*. Um outro autor, Greenberg, mediante o elevado número de línguas existentes em África, dedicou-se aos estudos destas línguas e, por sua vez, classificou-as, apresentando um número de quatro grandes “famílias linguísticas” e as suas “subfamílias”, respetivamente (Mudiambo, 2014: 45).

As línguas bantu apesar de pertencerem a grande família linguística, especificamente a Família Congo-Kordofaniana, têm como subfamília Níger-Congo que se espalhou ao sul do Equador particularmente no território de Angola, Greenberg apud Mudiambo (ibidem, 2014). No entanto, apesar de estarem subdivididas em distintas famílias, ainda assim, verifica-se um grau de homogeneidade entre ambas, uma ideia corroborada por Altuna (2014: 23) ao afirmar que, «as línguas bantu têm um tal grau de parentesco que só se compreende partindo de um tronco comum primitivo».

Os estudos linguísticos realizados por muitos demonstraram que as línguas bantu apresentam características que diferem significativamente das demais famílias de línguas principalmente as indo-europeias, pois estas são formadas por uma raiz gramatical que caracteriza todas as línguas africanas chamada NTU para designar “pessoa” e o prefixo BA sendo este um morfema do plural, constituindo o vocábulo “Bantu” que significa “pessoas”, isto é, na classificação e concepção de Wilhelm Bleek proposta em 1826 e que até o momento continua a ser válida.

Comparada com as línguas indo-europeias, é tangível delimitar estas diferenças, por exemplo, quanto a flexão de número nas línguas românicas, principalmente em português, onde, regra geral, o plural é formado por acrescentamento de um morfema “S” em posição sufixal, um caso que não se verifica na língua *kimbundu*.

MU = Prefixo do singular; NTU = Radical; MU + NTU = Pessoa

BA = Prefixo do Plural; NTU = Radical; BA + NTU = Pessoas

As línguas bantu apresentam entre si algumas características comuns e que são claramente identificáveis, como é o caso dos nomes (substantivos) que são caracterizados por prefixos que indicam o (singular e plural) e o número da classe em que pertence o nome; o sistema vocálico é simétrico, com uma vogal central e um

número idêntico de vogais anteriores (i, e) e de vogais posteriores; algumas consoantes orais não aparecem de forma isolada por serem sempre pré-nasalizadas (Kamuxitu, 2011: 21) e (Fernandes e Ntongo, 2002: 69).

### 1.3.2. 1 A língua kimbundu

As línguas bantu, como quaisquer outras famílias de línguas, apresentam variabilidade devido a fatores diversos entre ambas, resultado da sua natureza dinâmica e mutável. Por isso, o *kimbundu*, também sendo uma língua viva e dinâmica de alguma forma não fugiria a regra.

O *kimbundu* é uma das principais línguas de Angola falada no território nacional, nomeadamente, nas províncias do Kwanza Norte, norte da província do Kwanza Sul, Malanje, Bengo e Luanda. É considerada a língua de Angola que mais protagonismo desempenhou na penetração dos portugueses no interior de Angola devido o modo como os *kimbundu* assimilaram o português e a cultura portuguesa no país, e, por outro lado, por ser a língua da capital (Luanda), sem, no entanto, descurarmos as demais línguas, como “kikongo e umbundu”.

De acordo com Fernando e Ntondu (2002: 44), as variantes do *kimbundu* são: *Holo*, *Ndongo*, *Kambondo*, *Kisama*, *Mbangala*, *Mbolo*, *Ndembu*, *Ngola* ou *Jinga*, *Ngoya Nkari*.

Apesar dos esforços que têm sido empreendidos no estudo das línguas bantu, particularmente a nível da língua *kimbundu* atualmente, podemos afirmar sem medo de errar que muito ainda deve ser feito de modos a proporcionar aos seus falantes elementos linguísticos mais sustentáveis, garantindo, deste modo instrumentos e materiais capazes de auxiliar no conhecimento das suas regras de pronúncia, escrita, etc.

### 1.3.2 1.1 Noções sobre a sua estrutura

No que concerne à sua estrutura, a língua *kimbundu* é constituída por um conjunto de sons (letras), o alfabeto. O alfabeto da língua *kimbundu* é uma adaptação do alfabeto das línguas românicas, embora se registem ligeiras diferenças, pois encontramos algumas letras que pertencem ao alfabeto português, mas não fazem parte do *kimbundu*.

A ortografia chama-nos a atenção, pois qualquer língua assenta suas regras e princípios orientadores na escrita, garantindo, sobremaneira, uma forma única e exclusiva de representar os sons da fala. Gomes e Cavacas (2005: 22), afirmam que «A ortografia é uma convenção; é um conjunto de princípios definidos (até legalmente definidos) para que, por escrito, cada um entenda quais as palavras que o seu correspondente lhe dirigiu – e vice-versa».

Assim sendo, reforçando o que foi dito no parágrafo anterior, o *kimbundu* também socorre-se destes mecanismos para estabelecer um padrão de escrita único, com base num alfabeto convencionalmente aceite pela comunidade.

No quadro abaixo, elucidamos o alfabeto da língua *kimbundu* segundo o Instituto Nacional das Línguas (I.N.A.L.D) (Ducrot, 2013: 4)

**Quadro nº 2 alfabeto da língua kimbundu**

Alfabeto da língua kimbundu	
A, b, bh, d, e, f, ng, h, i, j, k, l, m, n, ny, o, ph, s, t, th, u, v, w, x, y, z	
<b>Consoantes</b>	b, bh, d, f, ng, h, j, k, l, m, n, ny, ph, s, t, th, v, w, x, y, z
<b>Vogais</b>	a, e, i, o, u

De acordo com o mesmo autor, no que concerne o uso das vogais destaca-se o **i** e **u**, pois estas vogais, quando são seguidas de vogais tornam-se semivogais e, por sua vez, escrevem-se respetivamente **y** e **w**, como se constata em: *dyala* (*homem*) e *wanda*.

Continuando, no que se refere ao uso das consoantes destacámos as seguintes: **g**, **ny**, **h**, **k**, pelas suas especificidades:

**G** é sempre gutural mesmo antes de **e** ou **i**, por exemplo: *Mbangi*=testemunho

**Ny** corresponde ao som **nh** do português, por exemplo: *kunyana*=roubar.

**H** é sempre aspirado, por exemplo, *hima*=macaco, *hanga*=galinha do mato, etc.

**K** substitui em português as letras **q** e **c**, respetivamente.

Contudo, observamos, de igual modo, que em *kimbundu* o encontro consonântico apenas regista-se nos seguintes casos: **nd**, **ng**, **nj**, **mb**, **mv** e, devem ser pronunciadas numa só emissão de voz (Ducrot, 2013: 7).

Além desses aspetos ressaltados existem outros princípios que devem ser tidos em conta e que não foge à regra como nas demais línguas, relacionados com aspetos ortográficos e fonéticos particularmente (Kamuxitu, 2011: 20).

De acordo com o mesmo autor no que tange a ortografia se destaca o seguinte:

- O princípio que rege o uso da letra **s** em língua portuguesa, no meio das vogais, em *kimbundu* este princípio não é observado:

Ex.: **Lusolo**, que significa rápido, pronuncia-se como se tivesse dois **ss** em português. E nunca como se fosse **z** facto observado em português, pois em *kimbundu* o **s** nunca representa foneticamente o som do grafema **z**.

- O princípio segundo o qual o **s** é uma marca de plural em português, em *kimbundu* o mesmo não acontece, pois o plural é formado através da mudança ou adição de classe em posição prefixal.
- Um outro aspeto relevante na língua *kimbundu* é a pronúncia das palavras que apresentam os sons constituídos pelas sequências **ngi** e **nge**,

que se lê “ **ngui** e **ngue**, ao contrário em língua portuguesa que se pronunciam segundo o som original da consoante **g** seguida de **e** e **i**, respetivamente.

Ex.: kimbundu = **Sange**; **Bingi**; **lenge**; **bengebenge**

Português = **Malange**; **Solange**, **Tangerina**

Um outro aspeto importante no uso da língua *kimbundu* prende-se com os aspetos morfológicos em função da proeminência que esta área da gramática espelha no estudo linguístico e gramatical, respetivamente.

A morfologia é o estudo das categorias gramaticais, a sua divisão e respetivas propriedades gramaticais e o estudo das categorias gramaticais como paradigmas Vilela (1999: 51). Sendo assim, neste ponto, procurámos de forma sucinta dar maior realce aos nomes (substantivos), pois estes em todas línguas bantu em particular na língua *kimbundu* agrupam-se num certo número de “classes” (10), que se distinguem pelos prefixos (absolutos e nominais<sup>16</sup>) (Magalhães, 1922: 7) e (Ducrot, 2013: 9).

### Quadro nº 3 Classe dos nomes em kimbundu

Classe	Sing.	Plur.	Exemplo
I	MU-	A-	<b>Muthu</b> =pessoa/ <b>athu</b> =pessoas
II	MU-	MI-	<b>Mutwe</b> =cabeça/ <b>Mitwe</b> =cabeças
III	KI-	I-	<b>Kima</b> =coisa/ <b>ima</b> =coisas
IV	DI-	MA-	<b>Ditadi</b> =pedra/ <b>Matadi</b> =pedras
V	U-	MAU-	<b>Wanda</b> =rede/ <b>Mawanda</b> =redes
VI	LU-	MALU-	<b>Lumbu</b> =muro/ <b>Malumbu</b> =muros
VII	TU-	MATU-	<b>Tubya</b> =fogo/ <b>Matubya</b> =fogos
VIII	KU-	MAKU-	<b>Kudya</b> =comida/ <b>Makudya</b> =comidas
IX	—	JI-	<b>Mbudi</b> =ovelha/ <b>jimbudi</b> =ovelhas
X	KA-	TU-	<b>Kafunga</b> =pastor/ <b>Tufunga</b> =pastores

**Fonte:** Ducrot (2013: 9)

<sup>16</sup> - Os prefixos absolutos indicam a classe a que o nome pertence e o número em que se encontra; e os prefixos concordantes os que servem para estabelecer a concordância entre as diferentes palavras (MAGALHÃES, 1922: 7)

No que tange a ordem das palavras na frase (sintaxe), a língua *kimbundu* apresenta uma ordem inversa a que acontece em português. Em *kimbundu* «o substantivo (nome) vem sempre primeiro que o adjetivo, pronome ou advérbio» (Kamuxitu, 2011: 22).

Ex.: Njangu iami = minha catana

Kinu iambote = Bom almofariz

Ngutu iami ionene = a minha colher grande

Todavia, é de realçar, também segundo o mesmo autor, a harmonia proporcionada pela língua *kimbundu* aos ouvidos de quem ouve falar esta língua, é tão contagiante devido a forma como as demais palavras da frase guiam-se a primeira letra que começa a frase. Daí, Kamuxitu (2011: 23) afirmar que a primeira letra da palavra que inicia a oração ou frase é um guião que deverá ser seguido e transportado por todas as palavras que se seguirem, como seguem os súbditos o seu rei, na mais profunda e cega obediência, pese embora nalguns casos nota-se algumas exceções como nos dois últimos exemplos.

Ex.: O **d**ibia **d**iami **d**iambote = a minha lavra é boa

O **i**mbia **i**ami **i**ambote = a minha panela é boa

O **k**ima **k**iami **k**iambote = a minha coisa é boa

O hanga iami iambote = a minha galinha do mato é boa.

O mukutu uami uambote = o meu corpo é bom

Além desses aspetos ressaltados, um outro aspeto fundamental prende-se com a classe dos pronomes e dos verbos, pois segundo Magalhães (1922) e Kamuxitu (2011), em *kimbundu* os pronomes pessoais quando indicam as pessoas gramaticais correspondem um número de (6) «*eme*=eu, *eie*=tu, *muene*=ele (a), *etu*=nós, *enu*=vós, *ene*=eles (as)».

No que tange a classe dos verbos, no infinitivo impessoal, apresentam um prefixo **Ku** em todos os verbos, que é anteposto ao radical. Em *kimbundu* os verbos terminam sempre por uma vogal **a**, não sendo possível determinarmos o número de

conjugações como é feita em língua portuguesa, onde se verifique a existência de três conjugações (1ª, 2ª, 3ª) tendo em conta a vogal temática (a, e, i) que se junta ao radical do verbo seguido do sufixo **-r** (Cunha e Cintra, 2005: 385).

### **Verbos no infinitivo impessoal**

#### **Português**

Amar

Fazer

Destruir

#### **Kimbundu**

Kuzola

Kubanga

kubula

No tocante aos artigos definidos vamos apenas verificar a existência de um único artigo que vai substituir os demais, isto é, o artigo **o** e para os indefinidos são substituídos pelo numeral cardinal **imoxi** (um, uma), que alteram a sua composição em função do prefixo concordante que a eles se agregarem (kamuxitu, 2011: 35).

Ex.: O ngulu=o porco, o jingulu = os porcos; dikalu dimoxi = um carro.

## 1.4 Caraterização geolinguística da província do kwanza Norte



**Mapa da província do Kwanza Norte**

**Fonte:** <https://www.google.pt/search?q=imagens+do+mapa+do+kwanza+Norte>

A província do Kwanza Norte, geograficamente, encontra-se situada a norte, na República de Angola, possui uma dimensão territorial de 24.110 km<sup>2</sup>, tem 10 municípios e a sua capital chama-se *Ndalatando*, com uma população estimada em 427.971<sup>17</sup> habitantes. Está limitada a norte pela província do Uíge, a leste pela província de Malanje, a oeste pelas províncias de Luanda e Bengo, a sul pela província do Kwanza Sul. A sua altura em relação ao nível do mar varia de 500m a 1500m, o clima é

<sup>17</sup> Fonte: INE (Instituto Nacional de Estatística), RGPH 2014. Resultados Preliminares.



temperado e húmido de 22 até 24 graus celsius. Até 1975 designava-se por Vila de Salazar, em homenagem ao então presidente do Conselho de Ministros português, António de Oliveira Salazar.

As populações autóctones desta província pertencem ao grupo etnolinguística *ambundu* (ver página 20) e, são maioritariamente do tipo Loanda. Há também os cruzados entre congolezes e *ambundu* (mahungos, gumbas e luangos da região dos Dembos). As línguas predominantes são a língua portuguesa e o *kimbundu* que para muitas famílias são as suas línguas maternas. Porém, também outras línguas merecem destaques, tais como: o Ngoya (dialeto) e o Dihungo<sup>18</sup>.

A província possui uma vasta fronteira com outras regiões de Angola que falam línguas bantu distintas, como o *kikongo*, contribuindo, significativamente, para uma riqueza linguística considerável, na vida social e cultural das populações.

Fruto da vizinhança com a província do Uíge, que possui o *kikongo* como língua local, muitos são os falantes desta província que também são capazes de comunicar-se nesta língua, principalmente ao norte da província, nos municípios de *Kikulungu*, *Bolongongo* e *Banga* e, através do *Ngoya*, isto é, no município de *Kambambe* ao sul, na fronteira com a vizinha província do Kwanza Sul.

Concluindo, podemos aferir que a geolinguística da província do Kwanza Norte é demarcada pela língua portuguesa que dia a dia ganha maior relevo, por ser a principal língua de comunicação dos indivíduos, embora nalguns núcleos familiares, das zonas rurais, ainda se mantenham fiéis à comunicação em línguas de Angola (*kimbundu*) uma atitude que devia ser cada vez mais incentivada para o bem das línguas locais.

---

<sup>18</sup> - Embora não seja até ao momento descrita propriamente como uma variante da língua bantu *kikongo* ou *kimbundu*, é falado no Norte da província do Kwanza Norte, nos municípios de Kikulungu, Bolongongo e Banga, respetivamente.

## **CAPÍTULO II – DESCRIÇÃO TEÓRICA DO ESTUDO**

## 2.1 Léxico

Ao abordarmos esta temática, realçamos que a área da linguística responsável pelo estudo do léxico é a Lexicologia. Hoje, cada vez mais, as pesquisas referentes ao estudo do léxico têm assumido, na atualidade, lugar de destaque, na Linguística Contemporânea (Silva, 2012: 31). Para Vilela (1995: 13), «léxico é a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou numa perspetiva comunicativa é o conjunto das palavras».

Estudar o léxico não é tarefa fácil, pois, em nosso entender, considera-se uma área muito sensível, devido a vários processos históricos de evolução e mudança a que estão sujeitas as unidades lexicais, e, por outro lado, pelo facto de muitas vezes ser difícil estabelecer uma relação simétrica entre o termo, léxico, e outros termos análogos como, palavra, vocabulário, dicionário, etc.; ou ainda, pelo facto de o conceito de léxico não ser apenas reservado à Linguística como afirma Quivuna:

Hoje, o conceito de léxico não é apenas reservado à Linguística; existem outros conceitos: na Informática pode designar um “léxico de instruções” de um programa, ou um “léxico computacional” relativo ao tratamento automático da língua; nas Ciências da Documentação, o termo “léxico documental” designa um sistema de descritores (Quivuna, 2014: 53).

Para Biderman (1992: 399) «léxico é o tesouro vocabular de uma língua, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado». Podemos, por outro lado, frisar que léxico é todo o conjunto de palavras de uma língua natural que têm o valor de denominação dos seres e que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana ou escritor; é o repertório total de palavras existentes numa determinada língua (Oliveira et. al., 2000: 270).

Na mesma senda, muitas outras conceções podíamos atribuir à definição de léxico, basta procurarmos entender, como é óbvio, o lugar central desta área no que concerne aos estudos linguísticos da atualidade.

Todavia, apesar do estudo do léxico ser tratado especificamente pela lexicologia, Vilela (1995: 14) admite que, nem sempre é fácil delimitar as suas fronteiras relativamente às outras disciplinas linguísticas, como a estilística, linguística de texto, pragmática, sociolinguística, etc.

O ser humano, dada a importância que joga o léxico no uso da língua e na cultura, apropria-se desta componente “léxico” para designar a realidade (interlinguística e extralinguística) que o cerca, fazendo recurso a um número de unidades lexicais, mais ou menos infinitas, o que chamamos léxico geral e, por outro lado, utiliza num determinado momento palavras ou vocábulos do seu conhecimento que veio adquirindo ao longo da sua inserção e interação no meio social, constituindo aquilo que Álvares designou por léxico individual (Álvares, 2001: 86).

Em nosso entender, o léxico é uma componente da língua que permite a identificação social e cultural dos indivíduos numa certa sociedade, por exemplo, se compararmos o léxico usado por falantes de mesma língua, mas de lugares ou variantes linguísticas diferentes, como são os casos mais evidentes a do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE), e, concomitantemente, dos países africanos, destacando as variedades em formação de “Angola e de Moçambique”, é notável durante a comunicação verbal (oral/escrita) o uso de unidades lexicais distintas, ou melhor, específicas para cada espaço diatópico (Ferreira, 1996: 480), para designar mesmos referentes, fruto da realidade linguística em que cada indivíduo se encontra inserido, existindo, desta feita, estreitas e íntimas correlações entre a língua e a sociedade, entre a língua e a cultura (Biderman, 1992: 397).

O léxico desempenha na comunicação um papel extraordinário, pois, é encarada por Castilho como multissistema dinâmico, que pode ser graficamente representado de uma forma radial, tendo ao centro o léxico e à sua volta o Discurso, a Semântica e a Gramática (Barreto, 2012: 411).

O estudo do léxico a par da sintaxe e morfologia, tem merecido a atenção devido as múltiplas variações que as línguas apresentam, da necessidade peculiar de nomear referentes de origens e realidades distintas, por exemplo, plantas, animais, alimentos, jogos, objetos, etc., específicas de cada região (Gonçalves, 2012: 403).

**Quadro nº 4 - unidades lexicais específicas do português: PA e PE**

Unidades lexicais do português	
Português de Angola (PA)	Português Europeu (PE)
Ginguba Fuba (farinha de milho, mandioca, arroz, etc.) Jindungo Mata-bicho	Amendoim Farinha Piri-piri Pequeno-almoço

Contudo, o estudo do léxico, em geral, está relacionado com o estudo do léxico antroponímico de qualquer língua, neste caso do português e do *kimbundu*, porquanto, o conjunto antroponímico constitui uma das partes enriquecedoras do mosaico lexical, cultural de qualquer língua e sociedade, pois através dos antroponimos somos capazes de determinar os aspetos linguísticos e socioculturais dos indivíduos em cada sociedade.

### 2.1.1 Diferenciação entre léxico e vocabulário

O léxico é uma área de estudo que, durante algum tempo a esta parte, tem merecido uma atenção mais específica no que concerne ao estudo das línguas modernas, contrariamente ao que se via, pois é «o codificador da cosmovisão dos seus falantes, é simultaneamente promotora de mudança e objeto desta» (Rio-Torto, 2012: 313).

A partir desta visão, notamos que, no estudo do léxico se tem fixado algumas diferenças na compreensão do significado de «léxico» num dado domínio da língua em relação ao termo «vocabulário» (Castilho, 2010: 110), pois, de acordo com o mesmo autor, léxico é entendido como um inventário pré-verbal, podendo ser entendido como feixe de propriedade de que lançamos as mãos para a criação das palavras e, ao vocabulário, entendido como inventário pós-verbal, um conjunto de produtos concretos, as palavras.

Assim sendo, entendemos que vocabulário é o conjunto de palavras, vocábulos, que um determinado sujeito usa através da fala ou da escrita para expressar suas ideias, fazendo recurso ao léxico, pois, constitui o todo, e que ao fazermos uso de algumas palavras que a compõe, chegamos ao particular, mas sempre numa simbiose inevitável, devido a relação que sempre prevaleceu entre ambas (Álvares, 2001: 73).

Desta feita, vislumbramos nitidamente as diferenças conceituais que se podem atestar entre léxico e vocabulário muito embora o vocabulário seja considerada uma das várias subdivisões do léxico, como, por exemplo, o léxico de um autor, o léxico de um texto, o léxico de uma escola, de uma área do saber, etc. (Vilela, 1995: 13)

O léxico está sujeito a mutabilidade e renovação constante em virtude de diversos fatores (diatópicos, diastráticos, diafásicos e socioletais) ou outros processos linguísticos, tais como: «lexicalização e gramaticalização», em que o primeiro consiste na lexicalização de um sintagma, ou, à adoção de termos pelo léxico de uma língua e o segundo em que uma palavra passa a ser usada gramaticalmente como vocábulo da língua, ou os itens lexicais que fazem referência a signos extralinguísticos desenvolvem significados gramaticais (Castilho, 2010: 110 e Barreto, 2012: 408-409).

Com base nisso, cada utente da língua tira partido do léxico, usando o vocabulário a altura das exigências comunicativas que se lhe impõe no dia a dia, buscando no léxico geral as unidades lexicais que lhe sejam relevantes para o seu discurso, modificando o seu vocabulário de acordo ao contexto comunicativo em que se encontra, pois, uma das causas que faz com que os grupos particulares modifiquem seu vocabulário é a heterogeneidade de indivíduos que os compõem, oriundo de regiões e localidades diversas e que não têm uma homogeneidade linguística (Murakawa, 2002: 322).

Contudo, as diferenças estabelecidas entre ambas, jamais serão esbatidas na totalidade, pois, de alguma forma ou de outra, essa distinção nem sempre é posta em causa, ou mesmo observada em função da analogia existente entre as diversas áreas linguísticas, cujo elemento essencial de estudo é palavra, como são os casos da lexicologia, lexicografia, terminologia, etc.

### **2.1.2 Diferenciação entre léxico e palavra**

Já muito foi dito a respeito do léxico, porém, ainda assim se possa dizer de acordo com Vilela (1979: 9) «léxico é, em primeiro lugar, entendido como o conjunto de unidades linguísticas básicas (morfemas, palavras e locuções), próprias duma língua». O mesmo autor vai mais além, sustentando que o estudo do léxico é encarado pelas atuais correntes linguísticas como algo caótico, devido a várias razões, embora constitua o mosaico “stock”, onde, os falantes extraem as palavras conforme o contexto, pois, reflete diretamente a experiência do mundo real dos seus falantes, (Vilela Ibidem, 1979: 33).

Com base nisso, embora não seja fácil, podemos afirmar que a diferença existente entre aquilo que possamos definir por «léxico» e aquilo que possamos definir por “palavra”, reside no facto de o léxico ser heterogéneo, complexo e dinâmico, suscetível a mudanças e a evolução gráfica e semântica, e, por outro lado, «a palavra», é a unidade semântica básica da língua, Vilela (1979).

Finalmente, numa outra visão, tendo em conta a noção de que palavra é o produto final do léxico (Castilho, 2010: 111); o mesmo autor afirma que a palavra é caracterizada fonologicamente por possuir um acento e ritmo, morfologicamente por ser preenchida por um radical a que se associam afixos (prefixo/sufixo), sintaticamente por organizar ou não um sintagma, semanticamente por transmitir uma ideia, possuir um significado e graficamente por vir separada por meio de espaços em branco.

## **2.2 Lexicologia e onomástica**

A Lexicologia é entendida como a disciplina que se ocupa do estudo do léxico das línguas de forma completa e integrada (Lorente, 2004: 19), ou pode ser igualmente entendida como «o estudo científico, que deve ser precisado e aplicado à investigação do léxico, dados teóricos da linguística contemporânea» (Genouvrier e Peytard, 1974: 351).

A Onomástica, por sua vez, do grego – *onomastiké* - «arte de explicar nome - é a ciência que estuda a etimologia, as transformações e a classificação dos nomes próprios», (Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 2004: 1114), ou ainda, «parte da lexicologia que trata dos nomes próprios; Estudo linguístico dos nomes próprios» (Houaiss e Villar, 2003: 2678).

A onomástica inscreve-se no campo geral da Lexicologia e investiga os nomes próprios de qualquer género. Possui bases etimológicas no vocábulo grego *Onoma* que se traduz por “nome”. Esta ciência está dividida em Antroponímia, responsável pelo estudo de nomes próprios de pessoas e Toponímia, que diz respeito as nomeações espaciais (Silva e Moraes, 2015: 2).

A relação entre ambas é estreita, pois, as duas áreas complementam-se, embora o estudo lexicológico seja mais amplo, abrangendo o conjunto de todas as unidades lexicais (interlinguístico/extralinguístico) de qualquer língua e, a onomástica, por sua vez, cingir-se apenas no estudo e atribuição de nomes específicos a seres e lugares. À nosso entender a onomástica completa o acervo lexical de qualquer língua, porque dedica-se a explicar a origem, formação, classificação e significado dos nomes, e, muitas vezes em função da natureza do seu estudo tem sido confundida com a etimologia.

Os nomes próprios têm peculiaridades linguísticas para as quais o método etimológico não consegue ser usado com rigor. Os nomes próprios das pessoas [...] são, muitas vezes, dados pelos pais ou pela sociedade num ato de nomeação, com grande grau de arbitrariedade e assistematicidade (Viaro, 2011: 296).

Apesar de existirem alguns equívocos que muitas vezes se levantam no âmbito de seus estudos, ambas contribuem inevitavelmente para o processo de formação e enriquecimento do léxico das línguas, onde, por intermédio do léxico antroponímico é possível estudar a formação sociocultural, histórico das diversas línguas universais (Silva, 2003: 31).



## 2.2. 1 Onomástica

O estudo dedicado a onomástica é, seguramente, tão antigo como o linguístico, pois parece advir desde a essência humana, como resultado da necessidade de nomear os seres (coisas, homens, etc.), à sua volta, um fenómeno incontornável, já observado no Crátilo de Platão e na Bíblia Sagrada (Pereira, 2003: 302) e por Carreira e Quintino (1964: 20), quando afirmavam o seguinte: «não é possível a existência de uma língua sem nomes designativos de seres, de coisas – animadas ou inanimadas, abstratas ou concretas».

Neste sentido, Carreira e Quintino (1964: 20) sustentam igualmente que a língua, quer em sua estrutura quer em sua génese é, em si mesma, de natureza onomatológica, sendo a onomástica parte integrante da glotologia.

A glotologia, em princípio, era conhecida sob a designação genérica de onomástica (do grego *onomaso*, que significa chamar), e posteriormente a palavra evoluiu para um sentido mais amplo, compreendendo «a relação explicativa de nomes próprios ou, mais concretamente, a relação explicativa de nomes próprios de pessoas» (Carreira e Quintino, 1964: 17).

De acordo com Vasconcellos (1928: 2-3) a Onomatologia decompõe-se em três disciplinas secundárias:

1º Estudos de nomes locais, ou Toponímia, na qual se inclui igualmente o elemento líquido (rios, lagos, etc.);

2º Estudos de nomes de pessoas, ou Antroponímia;

3º Estudos de vários outros nomes próprios, isto é, de astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, cousas: Panteonímia (que quer dizer de toda a espécie variada).

Além destas áreas ressaltadas, em que especificamente a onomástica tem dedicado o seu estudo a que realçarmos outras áreas como as que nos são apresentadas

no quadro abaixo, síntese dos termos apresentados por Xavier Fernandes, apud (Carreira e Quintino, 1964: 17-18), criados pela Academia das Ciências de Lisboa, para estabelecer novas nomenclaturas que se adequassem ao progressivo conhecimento onomatológico da época, tendo em atenção o Vocabulário Ortográfico de 1940.

**Quadro nº 5 - algumas áreas de estudos onomatológicos**

Antroponímia	Nomes de pessoas em geral
Toponímia	Nomes de lugares, incluindo as massas líquidas: rios, lago, etc.
Panteonímia	Nomes de todos os seres (de animais, astros de eventos, etc.
Prosonímia	Cognomes, sobrenomes e apelidos
Pseudonímia	Nomes falsos

**Nossa adaptação**

### **2.2.1.1 Relevância da antroponímia nos estudos onomásticos**

Ao estudarmos a onomástica de um povo não nos esqueçamos de ter em conta a língua, pois, constitui parte integrante do património cultural de uma sociedade. Por outro lado, entendemos igualmente que, é por meio dela que os homens são capazes de se inserirem e compreenderem-se na sociedade, fazendo vincar suas categorias psicoafectivas e psicognitivas (Gonçalves, 1992: 32).

Para Soledade (2012: 323) «a língua é subdividida em subsistemas dinâmicos que, por sua vez, estão em constante reestruturação». Daí, a mesma autora sustentar que ao estudarmos o subsistema lexical de uma língua há padrões gerais de organização de suas estruturas lexicais, revelados, sobretudo, através dos processos de formação de palavra.

A antroponímia, a nosso entender, constitui uma parte integrante desse subsistema lexical da língua «o léxico», embora na sua estrutura e análise apresente

particularidades tão maleáveis, quando se trate de aspetos de ordem morfosintática e semântica.

Tendo em conta as distintas áreas em que o estudo onomástico se orienta, é, sem dúvida, na vertente antroponímica e toponímica que durante algum tempo a esta parte desperta maior atenção, embora muitas vezes o seu estudo seja feito de forma vaga e, quando assim acontece, tem sido mais no âmbito de estudo etnográfico ou antropológico do que linguístico.

A antroponímia, nesta vertente, joga um papel importantíssimo, pois por meio do estudo dos nomes somos capazes de explicar a origem linguística de certos indivíduos, principalmente no nosso contexto (angolano), devido ao facto de o nome ser considerado parte constitutiva e que completa a pessoa, explicando a natureza própria do ser individual, mostra a sua realidade e descobre a sua interioridade (Altuna, 2014: 268), ou ainda, como se constata, seguidamente, em Santos (2003: 229) quando afirma o seguinte: «o nome, no quotidiano do indivíduo, um dos primeiros atributos que este recebe e, simultaneamente, expressão e reflexo da mentalidade daquele que o determina e do meio social em que aparece [...]»

O termo «antroponímia» é resultado de duas palavras provenientes do grego: *anthopo* (homem) e *nymia* (nome), assim sendo, «antroponímia é o estudo dos nomes próprios de pessoas ou de seres personificados ou, é a parte da onomástica dedicada ao estudo e a etimologia dos nomes próprios», (Dicionário da Língua Portuguesa Contemporâneo, 2001: 2668; (Houaiss e Villar, 2003: 312), ou em «sentido lato, significa, no entanto, tratado de nomes próprios, sobrenomes e apelidos» (Carreira e Quintino, 1964: 17).

O estudo onomástico, como já foi dito atrás, é antigo, porém, no que se refere à antroponímia, só começou a ser estudada fora do âmbito onomatológico, como uma área específica de investigação, por intermédio de José Leite de Vasconcellos, (Carreira e Quintino, 1964: 17), que propôs pela primeira vez o termo «antroponímia» em 1887, na Revista Lusitana, I, 45 (Vasconcellos, 1928: 2).

O estudo antroponímico é igualmente relevante à medida que nos permite conhecermos os processos históricos que envolvem o surgimento de novos

antropónimos, bem como o desaparecimento crescente de outros que marcaram um determinado período de existência do homem numa sociedade.

Este facto, por exemplo, constata-se no nosso contexto, principalmente em famílias em que os cônjuges são jovens e que muitas vezes não se revêm nos antropónimos anteriormente atribuídos, chegando o ponto de considerarem tais antropónimos como desprestigiantes ou chamá-los mesmo de antropónimos de velhos, como os seguintes: António, Maria, Francisco, Madalena, Adão, João, Pedro, Helena, Isabel, Joaquina, Paulo, etc., bem como os da língua *kimbundu*, como: *Webi* (Quem), *Quiizua* (Dia), *Mbangui* (Testemunho), *Muxito* (Mata), *Quituxi* (Crime, Pecado), *Quissungama* (puxar) etc., nomes que podem aparecer como próprios ou de famílias.

Apesar do facto de os nomes muitas vezes serem atribuídos de forma assistemática, ou surgirem de nomes comuns da língua, hoje, essa prática faz com que se verifique a existência de muitos antropónimos que reflitam cultura de outros povos, contribuindo para o desaparecimento de certos nomes típicos da antroponímia *kimbundu*, principalmente, no nosso contexto.

### **2.2.1.2 Antroponímia e sua relação com a toponímia**

À partida, em qualquer área de estudo, as ciências ou disciplinas do saber complementam-se para o alcance de seus desígnios, tendo em conta a relação de interdisciplinaridade existente entre ambas, facto que a Antroponímia e a Toponímia igualmente evidenciam.

A antroponímia estabelece relação mútua com a toponímia, apresentando frequentemente, topónimos de origem em antropónimos, resultado de múltiplos fatores, ou razões específicas (sociais, religiosas, políticas, etc.) que influenciam a atribuição de antropónimos em qualquer língua e sociedade, uma situação que se pode evidenciar em Carreira e Quintino (1964: 25), quando afirmam que «o hábito de se homenagearem

vultos dando aos lugares os seus nomes vem de longe. Quer no passado, quer no presente, a antroponímia foi sempre uma boa fonte de recurso para a toponímia».

Segundo o mesmo autor, por exemplo, o nome América, resulta do antropónimo Américo. A mesma situação também é constatada no nosso contexto, basta fazermos uma retrospectiva histórica para lembrarmo-nos da origem do nome Angola, que de acordo com Magalhães (1922: 21) provém de *Ngola*, (ver pág. 20) ou a antiga designação da província do Kwanza Norte, no período colonial, denominada por *Salazar*<sup>19</sup>

Por outro lado, também é evidente a existência de nomes, cuja origem são os topónimos, como se pode ver, a título de exemplo, os nomes em itálico de origem em cidades angolanas: Pedro José *Dondo*, António *Kambambe*, Mário Manuel *Cabinda*, Pedro Miguel *Luanda*.

Concludentemente, além destes poucos exemplos por nós apresentados, podemos, seguramente, frisar que este fenómeno continuará a verificar-se, porque «os homens desde sempre se comprazem de exterior a sua alma, transferindo designação (nomes de pessoas para sítios e regiões (ruas, largos, praças, etc.), para homenagear os feitos de figuras que se destacam ou se destacaram em diversas esferas da sociedade» (Vasconcellos, 1928: 2).

### 2.2.1. 3 Antroponímia e sua relação com a cultura e sociedade

O aspeto antroponímico está relacionado diretamente com aspetos culturais e sociais dos indivíduos, expressos em todas as suas formas de culturas e que se manifesta em qualquer sociedade. José Leite de Vasconcellos afirmará que os nomes pessoais nascem, em regra, das expressões da língua comum, isto é, ou de palavras simples, de derivados e de compostos [...], referem-se às línguas, as causas e fenómenos da

---

<sup>19</sup> - Cf. [http://www.citi.pt/cultura/politica/25\\_de\\_abril/salazar.html](http://www.citi.pt/cultura/politica/25_de_abril/salazar.html) Acesso aos 3/01/2012, pelas 17h: 50`

natureza, ao tempo, à geografia, as qualidades físicas e morais dos indivíduos numa sociedade (Vasconcellos, 1928: 23).

Com base nisso, destacámos na cultura do povo *Kwanza nortenho* antropónimos que surgiram e surgem desses fatores ora evocados por Vasconcellos, e, frequentemente, são atribuídos de modo a manter-se vivo os valores culturais expressos nos hábitos e costumes deste povo, manifestados através das suas línguas.

O estudo da antroponímia centrado no homem está relacionado com a cultura de cada povo e sociedade, sujeita a grandes padrões que se formam e transformam-se ao longo da história de cada povo, corresponde a vetores estruturantes de uma forma de ser pessoa que é veiculada no interior de tradições socioculturais que vão evoluindo com as sociedades durante o tempo (Pina-Cabral, 2008: 237-238).

A escolha de um antropónimo apesar de muitas vezes basear-se em cadernos onomásticos, em geral, para os africanos, cinge-se em aspetos puramente naturais e culturais da vivência humana no seio familiar e social: era o nome do avô ou da avó, era o nome da madrinha, era o nome do padrinho, era o nome do chefe do pai, da pessoa que ajudou a família, etc.

Assim sendo, na atribuição de antropónimos em qualquer sociedade sempre as famílias procuraram de certa forma valorizar todos os aspetos socioculturais de cada região, que se reflitam na vida dos indivíduos permitindo em grande medida a individualização deste entre os demais integrantes do seio familiar e da sociedade, através do nome próprio e do nome de família/pelido.

A cultura, por sua vez, representa o conjunto dos valores, das normas, das crenças e dos modelos de comportamento e práticas que caracterizam uma determinada comunidade e sociedade; no sentido de comunidade, «é um grupo integrado por pessoas que compartilham um território bem definido, as quais estão ligados por laços de intimidade e convívio pessoal, e participam de uma herança cultural» (Crespi, 1997: 80).

Neste contexto, a nosso ver, ter um nome pressupõe um dos ganhos sociais e culturais que a pessoa adquiriu, pois através do nome pode fazer-se outros estudos em volta da pessoa em qualquer sociedade, como sustenta a seguir Silva (2012: 33).

A posse de um nome é, pois, o primeiro bem que se recebe. Essa nomeação tende a desempenhar um papel significativo dentro das relações humanas apresentando-se como testemunho de uma época. A atualização de um nome pode possibilitar a entrada investigativa nos hábitos familiares e sociais como também nas influências culturais e linguísticas.

Em suma, podemos destacar que no âmbito dos estudos antroponímicos é impensável descartarmos as relações mútuas que se mantêm, pois os antropónimos têm a ver com aspetos culturais e linguísticos em torno de qualquer sociedade, onde destacámos a antroponímia por ser em sua essência um fenómeno sociocultural ligado diretamente a vida do ser humano (Carreira e Quintino, 1964: 26).

### 2.3 A família e o seu papel na atribuição dos antropónimos

Ao estudarmos a antroponímia é importante evocar o papel da família no que tange a atribuição dos antropónimos aos seus membros, porque, à partida, é no seio desta, por onde se vislumbram toda uma gama de situações inerentes à escolha de um antropónimo.

Para melhor compreendermos este facto devemos entender que não se pode apreender a razão de alguns nomes sem primeiro se saber como se comportam as populações que os usam, porque muitas vezes é precisamente no seu modo de ser ou no seu modo de agir, que se buscam os temas para imposição desses nomes (Carreira e Quintino, 1964: 59).

Neste trabalho, procurámos vislumbrar, tacitamente, as nossas reflexões à luz daquilo que, de resto, são as famílias bantu e, particularmente, as *kwanza nortenhas*, onde a atribuição do nome é responsabilidade, a priori, da família paterna, isto é, na pessoa do esposo, ou, por intermédio de outro parente direto, como se vê em Altuna (2014), quando afirma o seguinte:

Em Angola, há grupos onde quem escolhe o nome é a avó. Noutros, se é um menino, o pai dá-lhe o nome de um antepassado; o mesmo faz a mãe quando é menina. Às vezes,

escolhe-o a parteira (...) Por vezes dão-lhe o nome do dia da semana em que nasceu, ou fica com o nome da primeira palavra que a mãe ouviu depois do parto (Altuna, 2014:269).

No nosso estudo, não procuramos identificar aspetos culturais distintos entre os grupos socioculturais que constituem os potenciais habitantes da província do Kwanza Norte, por se entender que os aspetos culturais muitas vezes se entrelaçam e, por outro, pelo facto de as identidades culturais não serem rígidas nem imutáveis, mas sim, «são sempre processos de identificação no tempo e num espaço próprio [...]» (Gonçalves, 2003: 12).

Tendo em atenção naquilo que se pressupõe para o nosso estudo, gostávamos de ressaltar que, ao longo do nosso trabalho, a análise dos antropónimos é feita numa perspetiva global do nome (o nome como um todo) sem, no entanto, procurarmos especificamente explicar a razão de ser de cada parte que constituem os antropónimos (primeiro nome, sobrenome, nome de família/apelido e alcunhas).

No nosso contexto, os nomes ora aparecem como nomes próprios ora como sobrenome, nome de família ou apelido, um facto também já aludido por Vasconcellos no seu estudo sobre a Antroponímia Portuguesa, quando afirmava o seguinte: hoje, tendo em vista o grande número de nomes próprios que há, e de sobrenomes, e apelidos não são assinaladas categoricamente a classe a que pertencem (Vasconcellos, 1928: 21).

## **2.4 Antroponímia e suas características no Kwanza Norte**

Ao abordarmos a antroponímia do Kwanza Norte seria premente fazer um rescaldo histórico do seu passado até atualidade, embora não seja uma tarefa fácil, pois a escassez de trabalhos à volta desta temática faz com que tenhamos uma investigação precária que nos remete para uma situação de estudo e análise muito meticulosa dos antropónimos.

Apesar disso, não poupamos esforços em desenvolvê-lo, porque pelo que se observa é um assunto que mereça uma atenção redobrada, pois, dá-nos a conhecer o



valor sociocultural, histórico e linguístico real que os nomes próprios, em particular, e de família/apelido possuem individual e coletivamente na sociedade; tornando-se num dos mecanismos principais de identificação social, étnico e linguístico do grupo em que os indivíduos pertencem.

Em primeira instância os antropónimos atribuídos no Kwanza Norte eram exclusivamente da língua *kimbundu* e refletiam diretamente os aspetos da vida social deste povo autóctone, porquanto para os povos africanos (bantu) o nome tem um poder significativo e representativo no seio familiar e social, pois, através dos antropónimos é possível tomar conhecimento de muitos aspetos palpitantes da sua vida psíquica: tendências, vícios, defeitos, credos superstições, um mundo de problemas ligados à maneira de ser e de viver dessa gente (Carreira e Quintino, 1964: 28).

No que concerne aos antropónimos do português no Kwanza Norte começaram a surgir em situação de obrigatoriedade (de colonização) através do contacto com os portugueses e, concomitantemente, com a língua, onde, à partida, as populações eram obrigadas a mudar de nome através do processo de conversão ao cristianismo.

De acordo com o que acabámos de frisar, a que ressaltarmos, por exemplo, o batismo das irmãs *Nfunji* e *Nkambu*, da soberana do reino do *Ndongu*, *Jinga Mbandi*, que viriam a ser batizadas com os nomes de **D. Engrácia** e **D. Bárbara da Silva**, respetivamente, antropónimos que não tinham nenhum significado para ambas, mas sim para os colonizadores, na época (Pinto, 2015:330).

Atualmente, a antroponímia do Kwanza Norte é bastante rica constituída por antropónimos da língua *kimbundu* e da língua portuguesa principalmente. Os antropónimos do português são baseados na antroponímia portuguesa e têm fortes influências da Igreja Católica, onde os antropónimos atribuídos, geralmente, são, o nome do santo ou santa do dia em que nasceu a criança, por exemplo, Agostinho que nasceu no dia do S. Agostinho, Filipe que nasceu no dia S. Filipe, etc.

Segundo Vasconcellos (1928: 82) desta forma «pensava-se que a criança tornar-se-ia mais fortunosa» ou por influência de razões familiar ou de amizade; por influência de razões políticas, e que pouco a pouco se enraizou no nosso contexto, mas não com o sentido que anteriormente muitos destes nomes representavam.

No que tange a antroponímia do *kimbundu* é destacável uma maior relevância significativa nos antropónimos, porque a atribuição de um nome nesta língua, desde a antiguidade até atualidade está sempre intimamente ligado aos aspetos muito profundo da vivência destes povos, principalmente, as doenças, mortes, guerras, problemas conjugais, seca, inundações, pestilência, etc. As crianças que nascem numa altura em que situações do género ocorrem recebe nome que têm a ver com esses acontecimentos como forma de manifestação da situação insólita que essa família vive ou viveu.

Assim sendo, verificámos que, apesar de Vasconcellos (1928) já ter afirmado dos diversos aspetos que estão por de trás para a atribuição de nomes, as populações africanas bantu, neste caso, as de Kwanza Norte, a atribuição de nomes em suas línguas locais é importante, porque de modo particular os envolve na sua génese sociocultural e linguístico.

Para Carreira e Quintino (1964: 19) os temas escolhidos para a imposição dos nomes às populações africanas, em geral, são marcadas pelos eventos ocorridos na altura do nascimento, ou durante o aleitamento, que servem de motivos para a imposição do nome. Por exemplo, se nasce na altura em que chove, recebe o nome de chuva, se coincide com a chegada de um visitante recebe o nome deste.

Com base nisso, entendemos que o processo de atribuição dos nomes é um sinal de uma forte opção de pertença, de identificação com o grupo de falantes da língua eleita (...), por quanto, para os povos plurilingue a atribuição do nome tem muito a ver com o valor social que a língua lhes possa propiciar para a sua integração e identificação social (Feijó, 2008: 6).

Por outro lado, não é somente nos antropónimos da língua *kimbundu* em que se refletem esses aspetos da vida social, mas também o mesmo acontece nos antropónimos da língua portuguesa. Por exemplo, encontrámos nomes, como: *Naterça*, *Benigna*, etc., que refletem aspetos sociais e culturais vividos no seio da família e na sociedade em geral.

Um outro aspeto muito influenciador no processo de atribuição de antropónimos no nosso contexto, tem sido as razões políticas e a moda, como consequência da globalização em que as sociedades estão sujeitas. Frequentemente, vemos nomes de

origem estrangeira a assomarem na nossa sociedade de personagens que se destacaram na história da humanidade, por exemplo, *Nelson, Diana e Margaret* na década de noventa em homenagem a figuras carismáticas, como *Nelson Mandela*, Princesa *Diana* e *Margaret Anstee*.

Com base nisso, podemos dizer que, apesar da tendência crescente de se buscar os nomes fora dos aspetos culturais deste povo, a maior parte dos antropónimos ressaltam peculiaridades linguísticas e significados que despertem a atenção e valorizem os indivíduos, quer seja em famílias mais cultas quer seja em famílias menos cultas, transmitidos de geração a geração, num ato de nomeação, embora em muitos casos sejam feitas de forma aleatória ou assimétrica e sem ter-se em conta a significação original dos mesmos, principalmente, quando se trata de antropónimos do português ou de origens estrangeiras.

Com o tempo a significação apagou-se ou perdeu-se, e os nomes tornaram-se meros símbolos pessoais, podendo aplicar-se a quaisquer pessoas, ainda àquelas as quais a antiga significação não convinha de modo algum, ou era absolutamente desconhecida, (Vasconcellos, 1928: 28).

Portanto, apresentamos em seguida alguns antropónimos da língua portuguesa muito frequentes no nosso contexto e, muitos destes considerados como antropónimos antigos e outros modernos, atribuídos por influência de diversos fatores: históricos, sociais, culturais e linguísticos:

#### **Alguns antropónimos do português:**

- **Influência do catolicismo:** Maria, Agostinho, Marcos, Luísa, Joana, Domingas, Pedro, Clara, Isabel, António, Oliveira, Santos, Mateus, Engrácia, Madalena, João, Filipe, Teresa, Marta, Francisco, Sebastião, Catarina, Jesus, etc.
- **Influência de factos socioculturais, etc.:** Tristeza, Barros, História, Lamento, Pureza, Benigna, Naterça, Segunda, Segredo, Palanca, Márcio, Luanda, Magna, Guerra, Natalício, Bilhete, etc.

- **Inovação/reconstrução:** Eurilenidade, Ednaldo, Mireuson, Clerifânio, Edníston, Jonivaldo, Marivaldo, Mariclénio, Yolisa, Jonilson, Telmária, Duminilda, Aniclénio, Jeusa, Sousiana, Marissol, etc.

Como acabámos de observar em (Vasconcellos, 1928: 28), no nosso contexto, muitos destes antropónimos atribuídos também não refletem nalguns casos significados específicos para quem nomeia, nem a pessoa nomeada, sendo apenas uma mera referência designativa.

#### **Alguns antropónimos do kimbundu:**

- **Influência de diversas razões socioculturais:** *Mukaji (esposa), Micolo (corda) Cuxixima (azarado, desgraçado), Henda (saudades, amor), Fuxi (filho que nasce depois de gêmeos), Ngongo (mundo) Nguba (amendoim, ginguba), Cassule (último filho), Zeno (vem), Mbote (bem, bom), Micungo (buraco, sepultura) Mavu (terra), Zambi (Deus) Camuenho (pouca vida), Tambi (óbito), Calunga (mar, desgraça) Umba (saca) Quingongo (desgraça) Cambundo (colar, amuleto), Quilungo (traição), Quizembe (tordo) Zua (dia).*

Contrariamente ao que se possa aferir dos antropónimos da língua portuguesa, os antropónimos do *kimbundu* são mais significativos, pois os nomes nessa língua refletem os aspetos peculiares das famílias, pese embora também é evidente a existência de um mesmo antropónimo que identifique indivíduos de origens diferentes, devido ao facto da língua ser comum a todos os seus falantes e as razões da escolha dos nomes muitas vezes terem as suas razões de ser em mesmos problemas sociais, culturais e linguísticos.

Finalmente, podemos aludir que no Kwanza Norte o antropónimo é um elemento que situa o homem no grupo, atribuindo-lhe um carácter peculiar aos demais, pois é a denominação que o permite conhecer o sinal da sua origem, da sua atividade, das suas relações com os outros em toda a sua dimensão sociocultural.

### **CAPITULO III – METODOLOGIA DO TRABALHO E ANÁLISE DO CORPUS**

### 3.1 Tipologia de corpus

O nosso trabalho mapeou um *corpus* escrito recolhido no Cartório Religioso da Diocese do Kwanza Norte, no Registo Civil dos municípios de *Kanzengu*, *Kambambe* e *Lukala*<sup>20</sup>, respetivamente. Por outro lado, cingimo-nos também a alguns dados fornecidos pelos nossos informantes através de questionários dirigidos aos professores de Sociologia, História, Línguas e Literaturas, e de diálogos mantido com as Autoridades Tradicionais e famílias desta região. O *corpus* é composto por um total de **856** antropónimos, onde constatámos a existência de **457** antropónimos como primeiro nome e **399** antropónimos como último nome em ambas as línguas.

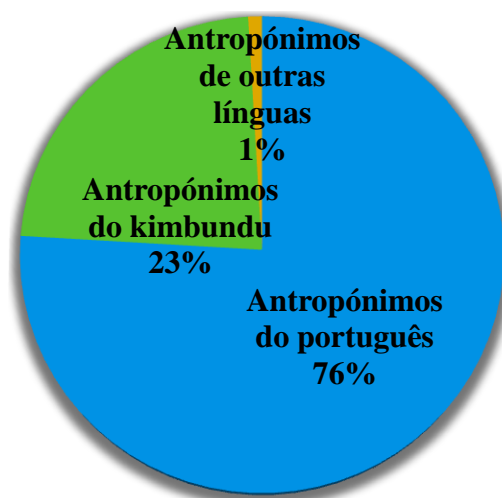
Em relação a ocorrência dos antropónimos do *kimbundu*, verificámos que **114** antropónimos aparecem como último nome e **84** como primeiro nome, demonstrando a pouca frequência na atribuição de antropónimos do *kimbundu* por parte desta população.

**Tabela nº 1 – ocorrências dos antropónimos no corpus**

Antropónimos no corpus	Total	%
Antropónimos do português	<b>650</b>	<b>75.93</b>
Antropónimos do <i>kimbundu</i>	<b>198</b>	<b>23.13</b>
Antropónimos de outras línguas	<b>08</b>	<b>0.93</b>
Ocorrência geral dos antropónimos	<b>856</b>	<b>100</b>

<sup>20</sup> - Grafia adotada de acordo com o alfabeto das línguas de Angola (línguas locais)

**Gráfico nº 1 ocorrência geral dos antropónimos no corpus**



■ Antropónimos do português ■ Antropónimos do kimbundu ■ Antropónimos de outras línguas

Para determinarmos a frequência geral dos antropónimos no *corpus* nos socorremos a ferramenta linguística de análise de dados (palavras) num *corpus*, denominada “Voyant Tools”, disponível na Google e de acesso livre, que nos permitiu facilmente, contabilizar o número de ocorrência de cada antropónimo no *corpus* como se pode ver no *print* (dados de ocorrências do corpus) em anexo. Por outro lado, centramo-nos na metodologia quantitativa e qualitativa especificamente para a análise e explicação dos significados dos antropónimos *kimbundu* recolhidos, partindo de uma intuição empírica, pois, neste tipo de investigação, o investigador trabalha «de baixo para cima», começando pela recolha dos dados (no terreno), e posteriormente inicia o trabalho analítico através de um exame contínuo e profundo do material recolhido, para depois construir os conceitos, (Guerra, 2006:25).

Continuando, tivemos igualmente em atenção a pesquisa descritiva para a descrição e análise dos antropónimos do *kimbundu* recolhidos, com base na pesquisa bibliográfica, na pesquisa documental e na pesquisa de campo realizada, baseando-se em (Silveira e Córdova, 2009: 31-34).

A recolha do *corpus* foi feita no período correspondente a julho, agosto e setembro de 2016. A princípio, mantivemos o contacto com a secretaria do governo provincial que nos concedeu a credencial que, posteriormente, nos possibilitou o contacto com as instituições afins, os arquivos do Cartório Religioso da Diocese do Kwanza Norte, nos dias 3, 4, 5 e 8 de agosto. No referido Cartório, constatámos que o livro de registo de batismo mais antigo aí existente data de 1928.

Para o efeito, no referido cartório trabalhámos com os livros dos anos de 1928, 1945, 1973 e 1975, respetivamente, onde se constatou que muitos antropónimos do português (Tereza, Izabel, Luiz e Luiza), registados no ano de 1928, eram grafados de forma diferente, segundo a grafia vigente à época em Portugal, se compararmos com a ortográfica atual dos mesmos (Teresa, Isabel, Luís e Luísa).

No que concerne a Conservatória do Registo Civil dos municípios de *Kanzengu*, *Kambambe* e *Lukala*, tivemos muitas dificuldades em obter os dados devido a dificuldade na obtenção dos documentos e, por outro lado, as próprias conservatórias estão em reorganização de arquivos o que também tornou morosa a consulta de documentos. Depois de várias tentativas, no período de 09 de agosto a 15 de setembro de 2016 recolhemos alguns dados nas referidas conservatórias, onde destacámos a Conservatória de Registo Civil de Kanzengu.

Na referida conservatória, trabalhámos com os livros dos anos de 1996 e 1997, Boletins de Nascimento e Cédulas Pessoais dos anos de 2011, 2012 e 2015. O livro mais antigo em arquivo nessa conservatória data de 1996.

Além dos antropónimos recolhidos nestes livros e documentos, cingimo-nos de igual modo a antropónimos recolhidos através das respostas dos **45** questionários aplicados aos nossos informantes, bem como dos diálogos que mantivemos com famílias e Autoridades Tradicionais (sobas e aldeões) da região.



Tabela nº 2 Origem de documentos do corpus

Origem de documentos do corpus			
Cartório Religioso da Diocese do Kwanza Norte	Conservatórias do Registo Civil do Kwanza Norte		Questionários
Assentos de Batismos	Cédulas Pessoais	Boletins de Nascimento	Análise das respostas dos questionários

De acordo com o levantamento feito, e como se pode observar na tabela de frequência dos antropónimos no *corpus* que se segue, nesta região, os antropónimos normalmente são usados, quer como primeiro nome quer como último nome, em língua portuguesa e em língua *kimbundu*, não havendo distinção específica devido a maneira tão natural e social como os antropónimos são atribuídos no seio familiar e passados de geração a geração.

Dada a natureza da composição do antropónimo e de acordo com os desígnios do nosso estudo, no *corpus*, centramo-nos no primeiro nome (nome próprio) e no último nome (nome de família/apelido) de cada indivíduo sem, no entanto, desvalorizarmos as restantes partes que compõe o antropónimo em sua generalidade, mas sim, pelo facto de ser essas partes do antropónimo que geralmente caracterizam ou identificam a pessoa.

Tabela nº 3 frequência dos antropónimos no corpus como primeiro e último nome

Nº	Primeiro nome	Ocorrências	Último nome	Ocorrências
01	Maria	30	António	14
02	João	19	Manuel	13
03	António	15	Pedro	12
04	Manuel	15	Matias	11
05	Domingos	14	João	10
06	Francisco	12	Francisco	9
07	Pedro	8	Sebastião	9
08	Joana	7	Costa	8
09	Catarina	6	André	7
10	Engrácia	6	Diogo	7
11	Madalena	6	Gaspar	6
12	Marcela	5	Miguel	6
13	Mateus	5	Ferreira	5
14	Miguel	5	Mateus	5
15	Paulo	5	Santos	5
16	Caculo	4	Silva	5
17	Domingas	4	Simão	5
18	Elisa	4	Vunge	5
19	José	4	Adão	4
20	Rosa	4	Bartolomeu	4
21	Sebastião	4	Caculo	4
22	Tereza	4	Cassule	4
23	Esperança	3	Contreiras	4
24	Mariana	3	Correia	4
25	Marta	3	Domingos	4
26	Samba	3	Fernandes	4
27	Segunda	3	Morais	4
28	Suzana	3	Neto	4
29	Vivaldo	3	Salvador	4
30	Adelaide	2	Alexandre	3
31	Ana	2	Batista	3
32	Bumba	2	Bumba	3
33	Caetano	2	Cabinda	3
34	Calunga	2	Gonçalves	3
35	Cassule	2	Graça	3
36	Cristina	2	José	3
37	Daniel	2	Nguma	3
38	Eliano	2	Nóbrega	3
39	Emanuel	2	Ramos	3
40	Ferreira	2	Rocha	3
41	Helena	2	Teixeira	3

42	História	2	Agostinho	2
43	Isabel	2	Aragão	2
44	Josefa	2	Bento	2
45	Josivaldo	2	Bernardo	2
46	Julieta	2	Bilhete	2
47	Maca	2	Caetano	2
48	Magna	2	Correia	2
49	Marcelina	2	Elias	2
50	Mariclénio	2	Gongo	2
51	Marivaldo	2	Jerónimo	2
52	Mbote	2	Júnior	2
53	Nambua	2	Lemos	2
54	Paulino	2	Luiz	2
55	Quieza	2	Mário	2
56	Sousiana	2	Mendes	2
57	Teresa	2	Micungo	2
58	Umba	2	Muhongo	2
59	Vunge	2	Ngongo	2
60	Yeto	2	Nhanga	2
61	Adilson	1	Nunes	2
62	Agostinho	1	Paca	2
63	Aguinaldo	1	Paulo	2
64	Amarildo	1	Pereira	2
65	Amélia	1	Quibindama	2
66	Anacleto	1	Quilolo	2
67	Angelbeti	1	Quituxi	2
68	Angelsírio	1	Ribeiro	2
69	Angola	1	Rodrigo	2
70	Aniclénio	1	Rodrigues	2
71	Antoniélmo	1	Tomás	2
72	Aragão	1	Vasco	2
73	Armandino	1	Yeto	2
74	Avelino	1	Zambi	2
75	Bale	1	Alfredo	1
76	Bata	1	Armando	1
77	Batista	1	Arsénio	1
78	Bavera	1	Baltazar	1
79	Beatriz	1	Banga	1
80	Bela	1	Bimbi	1
81	Benigna	1	Braga	1
82	Bernardo	1	Bula	1
83	Bernarda	1	Caba	1
84	Bilhete	1	Cabembo	1
85	Bombo	1	Cabombo	1
86	Branca	1	Cabuço	1
87	Busso	1	Cafuma	1

88	Cabassa	1	Cahombo	1
89	Cabenza	1	Camavua	1
90	Cabinda	1	Cambundo	1
91	Cadete	1	Cambuta	1
92	Cahango	1	Camuanha	1
93	Cambundo	1	Canguia	1
94	Cambuta	1	Canguir	1
95	Camuanha	1	Canhanga	1
96	Camuenho	1	Cardoso	1
97	Canhanga	1	Cassessa	1
98	Canvula	1	Catita	1
99	Capemba	1	Catuca	1
100	Capingo	1	Cauauala	1
101	Capita	1	Cazola	1
102	Carla	1	Cazua	1
103	Carmen	1	Chivimbi	1
104	Casimiro	1	Clementino	1
105	Caxinda	1	Cristóvão	1
106	Caxiri	1	Cruz	1
107	Cazua	1	Cuahamba	1
108	Clara	1	Cunha	1
109	Clementino	1	Dalango	1
110	Clerifânio	1	Dambi	1
111	Conceição	1	Dias	1
112	Correia	1	Felizardo	1
113	Cristiano	1	Fortunato	1
114	Cristo	1	Fuxi	1
115	Cristóvão	1	Gomes	1
116	Cruz	1	Gonçalo	1
117	Cuahamba	1	Guerra	1
118	Cuaula	1	Guiomar	1
119	Custódio	1	Gumba	1
120	Cuxixima	1	Hebo	1
121	Dambi	1	Iobeca	1
122	Dionísio	1	Jacinto	1
123	Donana	1	Janeiro	1
124	Doroteia	1	Joaquim	1
125	Duminilda	1	Lopes	1
126	Ednaldo	1	Loureiro	1
127	Edvanilson	1	Lourenço	1
128	Edníston	1	Luanda	1
129	Edvaldo	1	Luís	1
130	Edvânia	1	Lumbongo	1
131	Elias	1	Maca	1

132	Eugénia	1	Manassa	1
133	Eurilenidade	1	Manico	1
134	Eva	1	Marcos	1
135	Fabiana	1	Mariano	1
136	Fernanda	1	Marques	1
137	Fernandes	1	Marsal	1
138	Félix	1	Massango	1
139	Filomena	1	Mateque	1
140	florinda	1	Mavu	1
141	Fortunato	1	Marcio	1
142	Fuxi	1	Mbangui	1
143	Gabriel	1	Mbote	1
144	Garido	1	Muana	1
145	Gaspar	1	Munjango	1
146	Genivaldo	1	Muxito	1
147	Génio	1	Inaculo	1
148	Gregório	1	Nambua	1
149	Gunza	1	Ndala	1
150	Hebo	1	Nguma	1
151	Henda	1	Njango	1
152	Higino	1	Pambala	1
153	Homero	1	Parente	1
154	Humba	1	Pascoal	1
155	Inaculo	1	Quental	1
156	Inês	1	Quiami	1
157	Ingo	1	Quibissa	1
158	Iobeca	1	Quicaua	1
159	Izabel	1	Quijila	1
160	Jacinto	1	Quilundo	1
161	Jerónimo	1	Quilungo	1
162	Jesus	1	Quinema	1
163	Jeusa	1	Quiquete	1
164	Job	1	Quiriamo	1
165	Jonilson	1	Quixibo	1
166	Jonivaldo	1	Quizembe	1
167	Lamento	1	Roque	1
168	Laurielmo	1	Rosário	1
169	Lemba	1	Saída	1
170	Luiza	1	Sole	1
171	Luísa	1	Segunda	1
172	Luzia	1	Silva	1
173	Lúcio	1	Soares	1
174	Macongo	1	Sousa	1
175	Madijo	1	Taveira	1

176	Manda	1	Tema	1
177	Manbuimbo	1	Tocar	1
178	Margarida	1	Uibas	1
179	Mariano	1	Ventura	1
180	Maribel	1	Vienga	1
181	Marissol	1	Vitoriaano	1
182	Margquinha	1	Volola	1
183	Matilde	1	Xavier	1
184	Mavu	1	Xieto	1
185	Messias	1	Zumbi	1
186	Micolo	1	-	-
187	Milton	1	-	-
188	Moisés	1	-	-
189	Muana	1	-	-
190	Mucaji	1	-	-
191	Mundo	1	-	-
192	Naculo	1	-	-
193	Natalício	1	-	-
194	Naterça	1	-	-
195	Ndala	1	-	-
196	Neid	1	-	-
197	Nelson	1		-
198	Ngana	1	-	-
199	Ngola	1	-	-
200	Ngongo	1	-	-
201	Nguma	1	-	-
202	Ngungo	1	-	-
203	Nicolau	1	-	-
204	Nossoma	1	-	-
205	Palanca	1	-	-
206	Pascoal	1	-	-
207	Pauluclénio	1	-	-
208	Pereira	1	-	-
209	Pureza	1	-	-
210	Quiebi	1	-	-
211	Quilango	1	-	-
212	Quilombo	1	-	-
213	Quilundo	1	-	-
214	Quilungo	1	-	-
215	Quimaco	1	-	-
216	Quimbissa	1	-	-
217	Quinganga	1	-	-
218	Quiquete	1	-	-
219	Quitambuca	1	-	-

220	Quituxi	1	-	-
221	Ribeiro	1	-	-
222	Rita	1	-	-
223	Rodolfo	1	-	-
224	Rosário	1	-	-
225	Rosineid	1	-	-
226	Sady	1	-	-
227	Salvador	1	-	-
228	Segredo	1	-	-
229	Silveira	1	-	-
230	Sinda	1	-	-
231	Soares	1	-	-
232	Solange	1	-	-
233	Suca	1	-	-
234	Tambi	1	-	-
235	Telmária	1	-	-
236	Telma	1	-	-
237	Tocar	1	-	-
238	Touama	1	-	-
239	Tristeza	1	-	-
240	Vicente	1	-	-
241	Vitória	1	-	-
242	Webi	1	-	-
243	Xieto	1	-	-
244	Yolisa	1	-	-
245	Zambi	1	-	-
246	Zeno	1	-	-
247	Zua	1	-	-

### 3.1.1 Assentos de Batismo, Cédulas Pessoais e Boletins de Nascimento

Dentre os diversos documentos a que tivemos acesso para a constituição do *corpus*, como se vê nos documentos que se seguem, destacámos os Assentos de Batismo registados nos diversos livros do Cartório Religioso da Diocese de Kwanza Norte. Pois, verificámos que nestes registos, em muitos casos, os indivíduos eram identificados exclusivamente por um só antropónimo, nome próprio, principalmente os parentes diretos dos batizados, particularmente os avôs (ós), devido ao facto de muitos deles, naquela altura, não possuírem registos.

Por outro lado, no que tange as Cédulas Pessoais e Boletim de Nascimento das conservatórias dos municípios referidos, consideramo-los documentos mais atualizados, basta, por exemplo, compararmos os documentos que se seguem, pois, o primeiro é resultado de um novo modelo de Boletim de Nascimento que está a ser utilizada na Conservatória de *Kanzengu* e o segundo espelha os documentos registado no Cartório Religioso da Diocese do Kwanza Norte.


REPÚBLICA DE ANGOLA  
REGISTO CIVIL  
CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS DO KWANZA-NORTE  
BOLETIM DE NASCIMENTO

Processo nº 315/2013

Nome: Génio Matias da Rocha \*\*\*  
do sexo: Masculino \*\*\*  
Filho de: Sady da Ressureição Vicente da Rocha \*\*\*  
e de: Eugénia Agostinho Matias \*\*\*  
Natural da Comuna de: \*\*\*  
Município de: Cazengo \*\*\*  
nascido no dia: 29 de Novembro de 2012 \*\*\*

Assento nº 292/2013 \*\*\*  
Data de emissão: 11-04-2013 11:44:29 \*\*\*

O/A Conservadora Adjunta, Felisbina Octávia de Foguete





N.º 47

Manuel

Aos vinete e três dias do mês de Abril do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, na catequese de Quiauhula.  
 concelho de Coazaco — distrito de Guanga Norte, arquidiocese de Luanda  
 baptizei solenemente um indivíduo do sexo masculino, a quem dei o nome de  
Manuel José Coutinho, que nasceu em Cassemungua, a sete de Abril de mil novecentos e quarenta e quatro, filho ilegítimo  
 de Lucio Mendes Coutinho — natural de Coazaco —  
 e residente em Cassemungua —, e de Catarina Felix da Rocha —  
 natural de Luanda — e residente em Cassemungua, neto paterno de Manuel José Coutinho  
 e de Marquilha Feliciano — e materno de Felix da Rocha  
Pinheiro e de Vitoria Eustacio Loureiro  
 Foram padrinhos: Domingos Manuel José e Inês João dos Santos,  
casados e residentes em Cassemungua

Os quais todos sei serem os próprios. E para constar lavrei em duplicado este assento  
 que, depois de lido e conferido perante Os pais e os padrinhos  
 comigo assina o pai Manuel José Era at supra.  
O missionario: 1.º Felix Dechombu.

N.º 48

Elisa

Aos vinete e quatro dias do mês de Abril do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, na catequese de Quiauhula — Cambonda  
 concelho de Coazaco — distrito de Guanga Norte, arquidiocese de Luanda  
 baptizei solenemente um indivíduo do sexo feminino, a quem dei o nome de  
Elisa José Fernandes, que nasceu em Luanda, em dia e mês  
incertos de mil novecentos e quarenta e quatro, filha natural  
 de José Fernandes — natural de Luanda —  
 e residente em Luanda —, e de Antónia Luísa —  
 natural de Luanda —  
 e residente em Luanda —, neta paterna de Fernandes  
 e de Maria Pedro — e materna de Luísa —  
 e de Luísa —  
 Foram padrinhos: Marcelo Vungi e Domina Coutinho, casados e residentes em Quiauhula

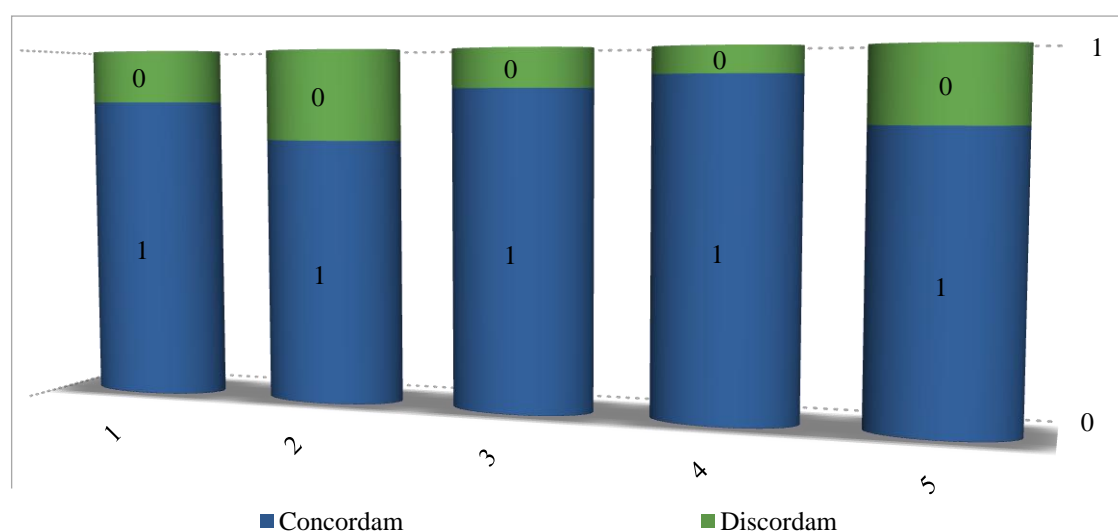
Os quais todos sei serem os próprios. E para constar lavrei em duplicado este assento  
 que, depois de lido e conferido perante Os pais e os padrinhos  
 comigo não assinam Era at supra.  
O missionario: 1.º Felix Dechombu.

Relativamente aos questionários aplicados, verificámos o seguinte:

**Tabela nº 4 - Valor percentual das respostas dos 45 questionários aplicados**

Tipos de Respostas	Perguntas				
	1	2	3	4	5
Concordam	32 = 71.11%	25 = 55.56%	35 = 77.78%	38 = 84.44%	28 = 62.22%
Discordam	13 = 28.89%	20 = 44.44%	10 = 22.22%	7 = 15.54%	17 = 37.78%

**Gráfico das respostas dos questionários aplicados**



Como se observa no quadro percentual e no respetivo gráfico acima das respostas dadas pelos nossos informantes, para a primeira pergunta, vide anexo, 71.11% das respostas dadas, os nossos informantes consideraram que o antropónimo no Kwanza Norte identifica de modo particular o indivíduo em qualquer sociedade ou comunidade em que este esteja inserido e, por outro lado, 28.89% dos informantes discordaram da hipótese de que o antropónimo identifique o indivíduo, pois acham que em função de o antropónimo em muitos casos ser genérico isso faz com que não seja capaz de identificar o indivíduo em particular.

Em relação a segundo questão, vide anexo, 55.56% os informantes aludiram que os principais fatores que estão na base para atribuição de antropónimos, principalmente em línguas de Angola (língua *kimbundu*) são os acontecimentos sociais, como: mortes repentinas, gravidez de risco, dificuldades de engravidar, doenças, miséria, nudez, problemas familiares, homenagens aos antepassados, e crença aos espíritos. E, por outro lado, 44.44% discordaram, considerando que a atribuição do antropónimo é influenciada por outros fatores sociais que envolvem as famílias, principalmente na língua portuguesa, tais como: a moda, a globalização, e a aculturação.

No que diz respeito a terceira questão, vide anexo, 77.78% dos informantes aferiram que a maior parte dos antropónimos atribuídos, na atualidade, nesta província não possuem significação específica, principalmente quando se trate de antropónimos da língua portuguesa, pois estes surgem de modo assistemático e muitas vezes fruto da criatividade das famílias e 33.33% afirmaram que os antropónimos atribuídos nesta região possuem significados específicos, pois, segundo os mesmos, todo nome por menos que pareça, intrinsecamente possui um significado a quem nomeia.

Continuando, na quarta questão, vide anexo, podemos vislumbrar que mais de 84.44% dos informantes aludiram que, atualmente, a atribuição dos nomes no Kwanza Norte não respeita os valores étnicos, socioculturais e linguísticos que caracterizam este povo, porque segundo os mesmos é frequente ver-se a ascensão de antropónimos, cuja origem suscita equívocos. Porém, 15.54% acha que ainda esses valores são preservados, sobretudo, no que concerne aos antropónimos da língua *kimbundu*, pois atribuem-no para realçar situações muito peculiar da vida das famílias.

Finalmente, em relação a quinta questão, vide anexo, observámos que 62.22% dos informantes consideram que a atribuição do antropónimo é geralmente responsabilidade do pai ou de outro parente mais próximo deste, ou ainda, em muitas circunstâncias os casais intercalam a atribuição dos antropónimos, quando a criança for um rapaz é o marido quem o nomeia e se for rapariga é a esposa quem a nomeia; podendo a escolha do antropónimo ocorrer antes, durante e depois do nascimento da criança, tendo em atenção os acontecimentos que nortearam e norteiam a vida da família. Por outro lado, 37.78% discorda com essa prática, chegando mesmo a afirmar que atualmente a escolha do antropónimo não depende de outros parentes, mas exclusivamente dos casais que nomeiam as suas crianças de forma aleatória, muitas vezes escolhendo antropónimos no seio da família, daqueles parentes que se destacam ou se destacaram.

### **3.2 Antropónimos do kimbundu no Registo Civil e Cartório Religioso da Diocese do Kwanza Norte**

De acordo com o que reza a história, chama-nos a atenção o século XV, por ser nessa altura que começou a se estabelecer o contacto entre os portugueses e as populações autóctones do território que atualmente se chama Angola, onde, de algum modo particular, através da língua portuguesa a antroponímia *kimbundu* viria a sofrer forte influência na sua forma de atribuição de antropónimos vigentes naquela altura.

A onomástica do Kwanza Norte é caracterizada fundamentalmente por aspetos históricos que abalaram e abalam a cultura e a sociedade, sobretudo, no que diz respeito a antroponímia, pois durante muitos anos, através da imposição portuguesa, os cidadãos autóctones viram-se obrigados a assimilar valores culturais europeus em desfavor dos seus, fazendo com que muitas famílias deixassem de atribuir antropónimos em línguas locais, neste caso, em *kimbundu* às suas crianças, afastando-se, desta feita, das suas origens e culturas para dar realce a língua e cultura portuguesa.

Para sustentarmos este pensamento ora aludido, basta verificar o que Macedo (2014:28) afirma «a convivência dos angolanos com a cultura luso-europeia deu lugar a um extrato social culturalmente europeizado, mercê da instituição colonial do estatuto de assimilado».

Com base nisso, constatámos que, naquela altura, para os portugueses quem tivesse o nome próprio em sua língua local (língua nativa) era considerado não civilizado, contribuindo, desta feita, negativamente para que antropónimos como: *Fuxi* (nome dado ao filho imediato aos gêmeos, cujos irmão subseqüentes são denominados por *Mbolo* e *Kioza*), ambos constituindo o corte espiritual dos primeiros irmãos (Óscar, 2014: 164); *Xieto* (Ixi+yeto, que significa = nossa terra), nome que demonstra o sentimento de posse ou pertença, valorização da sua terra; *Muxima* que, à partida, significa coração (Maia, 2010: 293- 629), porém, para um bantu é muito mais do que isso, pois associam-no a função vital deste órgão com o caráter hospitaleiro, solidário e de cortesia que este povo possui (Altuna, 2014:268); ou ainda nomes como: *Quieza* (de *Kukuíza* (vir), que significa = veio), forma de agradecer o nascimento de um novo ser principalmente quando a mulher tinha dificuldades de engravidar, *Nganga* ou *Quinganga* (significa = maestro, conhecedor de ciências) (Maia, 2010: 424), *Jingongo* (de *Kungonga*, significa =desgosto, etc.) (Óscar, 2014: 202) e tantos outros, pouco a pouco desaparecessem ou em alguns casos deixassem de ser nomes próprios e quando surgissem, figurassem exclusivamente como apelidos/nomes de famílias.

Os antropónimos perscrutados no *corpus*, são na maior parte da língua portuguesa e da língua *kimbundu*, como se pode ver na tabela nº 3 de frequência dos antropónimos, embora possamos identificar também alguns antropónimos que, à partida, nos parecem ser de outras línguas bantu, tais como: *Naculo*, *Inaculo*, *Nossoma*, *Panzo*, *Sinda*, *Chivembi*, *volola* e *Sole*.

Para a análise do *corpus*, tendo em conta os nossos objetivos, concentrámo-nos especificamente nos antropónimos do *kimbundu*, visto que se trata de um estudo desenvolvido numa região bantu, sobretudo, de língua *kimbundu*, onde, sem sombra de dúvidas, a antroponímia tem contribuído positivamente para valorização de muitos aspetos culturais, sociais e linguístico de identificação dos seus indivíduos.

A antroponímia do *kimbundu* é muito importante para a compreensão de diversos aspetos do *modus vivendi e pensandi* desta população, porque envolve não só a perpetuação do ramo familiar ou as tradições, mas também dados sobre as circunstâncias concretas do nascimento da criança, se chove, se fazia mau tempo, se trovejava e tantos outros fatores da vida familiar como sustenta (Macedo, 2014: 29).

Assim sendo, encontrámos no *corpus* antropónimos atribuídos por diversas razões e circunstâncias que envolvem o momento do nascimento da criança, por exemplo, se chove, temos os antropónimos *Muzumbi* (*Muzumbi*, significa=chuva miudinha, intermitente, repetida ao longo das horas) (Macedo, 2014: 29), *Canvula* (Ka-prefixo que designa pessoa + Nvula=chuva); se faz sol *Camuanha* (Ka-prefixo que designa pessoa + Muanha=sol) e *Quizua* (Ki-prefixo que designa coisas ou seres inanimados + Zua=dia).

Além destas situações evocadas, muitas outras razões influentes na atribuição de antropónimos são tidas em conta, por exemplo, fruto de bênçãos, alegrias, etc. Nesta ordem de ideia, constatámos ao longo do nosso *corpus* os seguintes antropónimos: *Mbote* (*Mbote*, significa=bem/bom, bênção); *Capemba* (*Capemba*, significa=bênção, felicidade) (Maia, 2010: 103) e *Nzambi* ou *Zambi* (*Zambi*, significa=Deus, Criador), entidade espiritual que serve de intermediário (Óscar, 2014: 419) e *Ngana* (que, igualmente, significa – Senhor ou Deus), realçando a graça que lhes foi concedida que pode ocorrer antes, durante ou depois do nascimento da criança.

Por outro lado, destacámos o antropónimo *Quitumba*, identificado no *corpus* e muito comum na antroponímia *kimbundu*. Para o escritor Macedo (2014: 29), o nome *Quitumba* simboliza o poder dos antepassados revestidos no Ministério de Administração do Território, circunscritos a terras dominadas por chefaturas políticas; Quem possui este nome é identificado como alguém pertencente a uma família com poderes administrativos. Sendo assim, notámos que, além do papel de identificação do indivíduo no seio familiar e na sociedade que os antropónimos possuem, através deste antropónimo, *Quitumba*, e de tantos outros, somos capazes de determinar a linhagem familiar da pessoa, e da classe social a que pertence, permitindo fazer comparações das origens dos indivíduos.

Ainda na mesma senda, vislumbramos igualmente que muitos antropónimos são atribuídos, nesta região, através da influência de espíritos que causam doenças as mulheres durante o período de gestação ou que as impedem de engravidar por muito tempo; ou por motivos decorrentes das mortes prematuras durante os partos, ou provocadas por outros acontecimentos que assolam a família e comunidade. Por exemplo, calamidades naturais, doenças, feitiçarias, guerras, etc., situações que em muitos casos lhes obrigam muitas vezes a que recorressem aos *kimbandas*, vulgos curandeiros ou feiticeiros.

Com base nisso, vimos que é frequente as famílias buscarem proteção a esses espíritos ou outras forças sobrenaturais, pois a civilização bantu busca a imersão do homem, com todo seu ser, na natureza, em Deus, nos antepassados, na comunidade e em si mesma para perpetuar a sua continuidade.

No entanto, quando assim acontecesse, geralmente, os antropónimos são atribuídos pelos *kimbandas* e tipicamente devem ser nomes feios (desprestigiantes), aquilo que Altuna (2014: 270) designou «engana morte».

A esse respeito, ao longo do *corpus* encontrámos vários antropónimos com essa estirpe, por exemplo, os que se seguem:

- *Tambi* (significa=óbito) (Óscar, 2014: 469) este antropónimo ocorre frequentemente quando alguém enterra muito. Ou quando a criança nasce num momento em que a família está a viver uma situação de óbito. Então, para afugentar as forças do mal é atribuída a criança este nome, de modo a desviar atenção dos espíritos causadores do mal. Por seu turno, a mesma situação ocorre com o antropónimo *Micungo* (significa =buraco, sepultura), nessas circunstâncias esses antropónimos são imperiosos, pois ao atribuírem os antropónimos com essa significação creem que se esteja a proteger a criança, desviando a atenção dos espíritos malfeitores.
- *Camuenho* (significa = sem vida ou pouca vida) este antropónimo era atribuído a quem, para o resgate de um enfeitiçamento de morte, era

comprado como indenização dessa vida, tal recompensa exigida através de possessão por essa mesma alma (Óscar, 2014: 207).

- *Calunga* (significa= Mar, espírito do mal, além túmulo); *Quilulo* (*Quilulo*, significa espírito do mal, alma-penada), nestes casos, esses antropónimos representavam os espíritos do mal, que por expiação de culpas vagueiam o mundo (Ribas, 2014: 337). A atribuição desses antropónimos serve para expressar a situação insólita que envolve a criança antes, durante ou depois do nascimento no seio familiar.
- *Quizembe* (*Quizembe significa* - recinto com toldo para a exposição ritual de cadáver), é atribuído para realçar o poder das autoridades tradicionais (soba, regedores) da aldeia pelo poder mágico que possuem;
- *Quiezo* (*Quiezo*, significa vassoura), este nome é resultado de uma epidemia que arrasou a comunidade, devido a sobrevivência deste criança dias depois da pestilência, decidiram atribuir-lhe este nome, tendo em conta a varredura feita pela epidemia, mas ainda assim o deixara. É um antropónimo que serve de amuleto para a proteção da criança Informante: “Marta Bernardo Quiezo”, 10 de setembro de 2016.
- *Quilungo* (significa traição) (Maia, 2010: 642) neste contexto é atribuído em consequência da descoberta de alguma traição. De acordo com o que apurámos este antropónimo surgiu depois da descoberta de uma traição entre amigos caçadores.
- *Quituxi* (significa crime, pecado, etc.); *Cuxixima* (significa azar, desgraça) (Maia, 2010: 88-175). Assim sendo, os antropónimos referidos são atribuídos como forma de demonstrar o descontentamento de alguma situação anómala que sempre acontece no seio familiar, muitas vezes sem razões de ser, por exemplo: desgraças, doenças, óbitos,



etc., causado por espíritos ou problemas cometidos muitas vezes pelos antepassados. De acordo com Manuel António *Cuxixima*, nosso informante, o antropónimo *Cuxixima* foi atribuído ao seu avô, pois durante o parto do mesmo a sua mãe morrera. “22 de setembro de 2016”.

- *Mavu* (significa barro, terra, etc.); este antropónimo é atribuído quando alguém frequentemente enterra. Com a atribuição deste nome e por influência dos *kimbandas*, acha-se que desta forma estariam a desviar a atenção dos espíritos causadores da morte. Por outro lado, o mesmo acontece com os antropónimos *Muxito* (significa=mata, floresta, etc.) (Maia, 2010: 229) e *Quilundo* (significa=espíritos que se manifestam durante rituais de *xinguilamentos* protagonizado pelos curandeiros ou *kimbandas*) (Ribas, 2014).

Todos os antropónimos mencionados refletem sobre aspetos profundos que abalam ou abalaram o seio familiar de quem nomeia (mortes, desgraças, perseguições, ódios, etc.), fruto de diversos fatores socioculturais e crenças que de certo modo caracterizam a maneira de ser e de viver dessa população.

Porém, não são somente estes aspetos aludidos que influenciam, Vasconcellos (1928: 90) e Carreira e Quintino (1964:19) em suas obras *Antroponímia Portuguesa* e *Antroponímia da Guiné Portuguesa*, já afirmaram que, são várias as razões que justificavam a escolha de um nome para qualquer povo, principalmente os africanos em que tudo serve de motivo para a atribuição de um antropónimo.

No entanto, a par destes, muitos outros aspetos relevantes no tocante ao valor cultural dos antropónimos perscrutados no *corpus* são identificados, tais como: aspetos físicos e aspetos biológicos que envolvam particularmente a criança ao nascer, ou até, em alguns casos são reflexos diretos de aspetos que caracterizavam os seus antepassados ou situações por eles vividas, que de certa forma se transmitam de geração a geração como nome de família/apelido ou raramente como nome próprio.

Os antropónimos com essas peculiaridades constantes no *corpus* são os seguintes: *Cambuta* (pessoa de baixa estatura física), *Quimaco* (pessoa que nasce com

membros superiores muito cumpridas); *Quindonga* (pessoa de elevada estatura física e robusto); *Quinema* (pessoa aleijada, com deficiência nos membros inferiores) e *Quilombo* (designação pejorativa atribuída a pessoa albina no contexto rural) em outras palavras significa “Sanzala” (Ribas, 2014: 337).

Dentre os mais variados aspetos que determinam a escolha dos antropónimos da língua *kimbundu*, até aqui já elucidados, diga-se que muitos destes, estão tipicamente associados a crenças em forças do além, divindades, espíritos, e em aspetos físicos-biológicos, porque em qualquer comunidade bantu existe uma relação de ser e de viver com a comunidade e com as forças espirituais ou com os seus *sekulus* (antepassados).

Os antropónimos *Ngonga* ou *Ngongo* (*Gonga*) (significa saca de cultismo ou filhos que inspiram ao pai não o amor natural, mas uma espécie de idolatria) são geralmente atribuídos, nesta região, em representação do espírito feminino que propicia a felicidade. Os indivíduos com estes antropónimos geralmente em gestação, por influência desse espírito nascem com as seguintes anomalias: seis dedos ou dois dedos bastantes unidos, cabelos brancos, etc.. E quando isso acontece é obrigatório que se recorra a um *kimbanda*, (Ribas, 2014: 64) para o tratamento, de modo que o mesmo fenómeno não se repita nas futuras crianças.

No que concerne as outras circunstâncias que envolvem o nascimento da criança uma vez que a proteção da mulher esteve a mercê de outros espíritos, os *kimbundu* normalmente procuram atribuir a criança o nome desse espírito protetor. Assim sendo, encontrámos, no *corpus*, os seguintes antropónimos: *Zumbi* (espírito protetor); *Lemba* “*Lembinha*” (espírito protetor de mulheres grávidas que promove a procriação) a pessoa com esse antropónimo apresenta anomalia específica; *Cazola* ou *Zola* (espírito de felicidade); *Ebo* (indivíduo que nasce de uma gestação de longa duração, caracterizada por um período mais do que o normal) (Macedo, 2014: 30) e *Capita* (designação genérica de qualquer entidade espiritual), nome dado a pessoa que nasce sob a proteção de um espírito (Ribas, 2014: 208).

Por outro lado, a que realçarmos o antropónimo *Vungi* (*e*) ou *Mvunji* (*e*) que segundo Macedo (2014: 30) representa o espírito feminino que administra a justiça, essa designação é atribuído a criança que nasce de uma gestação sem o aparecimento do

ciclo menstrual. Em punição, devido ao sucedido, geralmente as crianças apresentam algumas anomalias, tais como: anemia, enfraquecimento das vistas, etc., bem como *Muhongo* antropónimo atribuído aos indivíduos anormais que se revelam por desmaios.

Continuando, encontrámos igualmente *no corpus* antropónimos que têm a ver com a ordem hierárquica de nascimento das crianças num lar, por exemplo, *Mateque* (significa primeiro), é um nome que se atribui a primeira criança de uma relação como forma de manifestação gloriosa devido o período de dificuldades que se enfrentava no surgimento do filho num relacionamento; *Cassule* (significa último), é a designação atribuída ao último filho; *Caculo* (de *kukula* “crescer”, significa gêmeo) é o nome atribuído a criança mais velha entre os gêmeos, quando nascido de sexo igual (Ribas, 2014: 207). Por conseguinte, *Cabaça* corresponde ao segundo (menor) gêmeo; este antropónimo estendeu-se para um topónimo, nome de uma região do Kwanza Norte, onde antigamente se instalou a segunda corte ou “*Mbanza*” do aguerrido “*muenexi* (rei) *Ngola Kilwanji Kya Samba*”, de acordo com a abordagem de (Macedo, 2014: 31).

Destacámos ainda ao longo do *corpus* antropónimos que realçam objetos que a criança ou a mãe é obrigado a ostentar por exigência de espíritos, em manifestação de enfermidades, como os seguintes: *Cambundo* (que significa – amuleto ou talismã), *Gongo* (que significa – amuleto consagrado a gémeos falecidos), bem como: *Samba* e *Gonga* (que significam saca ou cesta). Ou ainda, outras formas de designação que surgem através da interrogação constante que os bantu fazem a respeito de situações insólitas que afetam a sua forma de viver e ser, como: *Webi* (significa=Quem?), *Quiebi* (significa=Como), *Yetu* (significa=Nosso), *Quiami* (significa=Meu).

Além disso, ainda há aqueles antropónimos que surgiram devido ao facto de se socorrerem ao período cronológico, e outras formas de designação em que acontece o nascimento da criança para atribuição do nome. Desta feita, os antropónimos *Cassessa* (alguém que nasceu na sexta-feira) e *Quiixibo* (alguém que nasceu no período de cacimbo); *Nambua* (significa = magia denunciadora dos consortes de caçadores e pescador) (Ribas, 2014: 215), *Mukaji* (esposa), *Mbagui* (significa = testemunho), *Maca* (significa = contradição), *Macongo* (significa = dívida) provam-nos nitidamente isto, e ajudam-nos a entender as diversas razões tidas em conta na escolha dos antropónimos por esta população.

Por outro lado, dada a natureza que reza a maneira como se baseiam na escolha dos antropónimos, identificámos antropónimos que resultaram de nomes de objetos, ações, verbos, adaptação a topónimos, etc., como os que se seguem: *Njango* (significa = catana), *Matadi* (significa = pedra), *Nguma* (significa = inimigo), *Iobeca* (significa = trouxe), *Curinanza* (significa = gabar-se), *Ndala* (significa = querer), *Zenu* (significa = vinde, venha), *Lumbongo* (significa = dinheiro), *Henda* (significa = saudade), *Quijila* (significa = regra), *Bombo* (significa Puita), *Umba* (saca em que os caçadores arrecadam os seus utensílios), Cabinda (topónimo) e Luanda (topónimo) Kamuxitu (2011).

Tendo em conta as razões que influenciam a escolha dos antropónimos, muitas vezes fruto de ditados populares, contos, provérbios, lendas, animais, doenças, rios, expressões metafóricas, etc., ou em função do contexto e do período em que muitos destes antropónimos foram usados, nem sempre obedecem uma interpretação significativa linear por estarem intrinsecamente associadas a pessoa que nomeia ou porque com o passar do tempo apresentam hoje significados vagos. Sendo assim, ao longo do nosso *corpus*, tendo em conta a nossa pesquisa, encontrámos algumas dificuldades que contribuíram para que não fôssemos capazes de vislumbrar a significação de alguns antropónimos, apesar dos esforços envidados através da consulta de fontes orais (adultos) e outras literaturas da língua *kimbundu*.

Todavia, refletindo em torno do valor significativo que cada antropónimo referido espelha somos capazes de entender a importância a que se baseiam essas populações para a nomeação de suas crianças, isto é, cristalizadas em princípios enraizados na sua cultura, na sua língua, nos acontecimentos sociais/naturais, nos aspetos físicos, aspetos biológicos, enfim que os envolvem no seu dia a dia.

Além de todos os aspetos frisados referentes a antroponímia do *kimbundu*, hoje, verificámos a ascensão de muitos outros antropónimos do português, embora não façam propriamente parte da onomástica canónica portuguesa, porém, consideramo-los como antropónimos modernos, no nosso contexto, tendo em conta a sua grafia e pronúncia, pois, muitos já se encontram atestados nos Registos Cíveis desta província como se constata em alguns documentos do *corpus* em anexo.

Segundo o que apurámos esses antropónimos surgem a velocidade de cruzeiro devido a um fenómeno que à luz do nosso trabalho chamámos de processo de invenção/inação, truncamento/rearranjos de antropónimos, fruto do desgaste de significação que muitos antropónimos do português apresentam devido a forma como se propagaram ao longo da história nas sociedades e acabaram por perder a significação ou pelo facto de, em parte, muitos destes não serem conhecidos os seus significados.

Dentre os antropónimos do português recolhidos os que surgiram através deste processo destacam-se aqueles, cujo processo consiste da junção dos antropónimos do pai e da mãe para obterem um novo antropónimo: Maribel (Maria+Abel), Angelsírio (Ângela+Sírio), Pauloclênio (Paula+Clementino), Laurielmo (Laurinda+Telmo), Angelbeti (Ângela+Alberto), Genivaldo (abreviatura de Eugénia (Geni) +Osvaldo), Marivaldo (Maria+Osvaldo), Sousiana (Sousa+Ana) e aqueles que não resultam deste processo, mas sim, da invenção natural de quem nomeia, tais como: Mireuson, Edníston, Duminilda, Jonilson, Ednaldo, Marissol, Jeusa, Edvanilson, etc.

### 3.3 Grafia dos antropónimos no corpus

Toda língua em primeira instância é considerada oral, só mais tarde com a adoção de um sistema alfabético é que passa a ser representada graficamente. A escrita é importantíssima, porque permite que as sociedades conservem sempre a sua história e como se não bastasse é através dela que somos capazes de registar por escrito os antropónimos de qualquer língua.

Analizando o *corpus* do nosso trabalho, saltou-nos à vista um aspeto muito importante que se prende com a grafia dos antropónimos atestados nos documentos em análise, principalmente os da língua *kimbundu*.

De acordo com a lei sobre a composição do nome, atesta que, os nomes em línguas nacionais são escritos em suas formas originais, ou adaptado quando isso se impõe, um facto que não se observa nos antropónimos do *kimbundu* registados no

Cartório Religioso da Diocese do Kwanza Norte, nem nas Conservatórias de Registo Civil do Kwanza Norte, pois nestes documentos todos os antropónimos do *kimbundu* foram aportuguesados, sem razões para o fazerem, um facto que, de certa forma, contribui para o empobrecimento vocabular da língua *kimbundu*.

Assim sendo, apresentamos seguidamente a tabela de proposta de harmonização gráfica dos antropónimos do *kimbundu* que ocorrem no *corpus* de acordo com a ortografia da língua *kimbundu*.

**Tabela nº 5 Proposta de harmonização gráfica dos antropónimos do kimbundu**

<b>Grafia atual no corpus (aportuguesamento)</b>	<b>Altera ou não</b>	<b>Proposta de grafia de acordo com a ortografia da língua kimbundu</b>
Bumba	Não	Bumba
Bombo	Sim	Bombu
Busso*	Sim	Busu
Bata	Não	Bata
Bale*	Não	Bale
Banga	não	Banga
Bula	Não	Bula
Bimbi*	Não	Bimbi
Cahango*	Sim	Kahangu
Camuenho	Sim	kamwenyu
Cafuma	Sim	Kafuma
Canhanga	Sim	Kanyanga
Canguir*	Sim	Kangir
Cabombo*	Sim	Kabombu
Caba*	Sim	Kaba
Catuka*	Sim	Katuka
Cabuço	Sim	Kabusu
Cassessa	Sim	Kasesa
Canguia	Sim	Kanguya
Cahombo	Sim	Kahombo
Cazola	Sim	Kazola
Cabembo*	Sim	Kabembu
Calembo*	Sim	Kalembu
Camabaia	Sim	Kamabaya
Cambundo	Sim	Kambundu
Canhenga*	Sim	Kanyenga
Caxinda*	Sim	Kaxinda
Calunga	Sim	Kalunga
Capingo*	Sim	Kapingu
Cassule	Sim	Kasule
Capemba	Sim	Kapemba
Cazua	Sim	Kazua
Caculo	Sim	Kakulu
Cambenza*	Sim	Kambenza
Camavua*	Sim	Kamavua
Cambuta	Sim	Kambuta
Cabinda	Sim	Kabinda
Cuahamba*	Sim	Kuahamba
Capita	Sim	Kapita
Cadete	Sim	Kadete

Canvula	Sim	Kamvula
Cachiri*	Sim	Kaxiri
Cabaça	Sim	Kabasa
Camuanha	Sim	Kamwanya
Cuxixima	Sim	Kuxixima
Curinanza	Sim	Kurinanza
Dalango*	Sim	Dalangu
Dambi*	Não	Dambi
Ebo	Sim	Hebu
Fuxi	Não	Fuxi
Gando*	Sim	Gandu
Gongo	Sim	Gongu
Gumba*	Não	Gumba
Humba	Não	Humba
Henda	Não	Henda
Hebo	Sim	Hebu
Iobeca	Sim	Yobeka
Ingo	Sim	Ingu
Lemba	Não	Lemba
Lumbange	Não	Lumbange
Lumbongo	Não	Lumbongu
Maca	Sim	Maka
Madijo*	Não	Madiju
Mbote	Sim	Mbote
Muxito	Sim	Muxitu
Muhongo	Não	Muhongo
Mbangui	Sim	Mbangi
Munjambo	Sim	Munjambo
Manico	Sim	Maniku
Micungo	Sim	Mikungu
Massango	Sim	Masangu
Muzumbi	Não	Muzumbi
Matadi	Não	Matadi
Mateque	Sim	Mateke
Manda	Não	Manda
Mavu	Não	Mavu
Manguimbo*	Sim	Mangimbu
Micolo	Sim	Mikolu
Mukaji	Não	Mukaji
Muana	Não	Muana
Macongo	Sim	Makongo
Muxima	Não	Muxima



Ngongo	Não	Ngongo
Nguba	Não	Nguba
Njango	Sim	Njangu
Ndala	Não	Ndala
Nambua	Sim	Nambua
Nguma	Não	Nguma
Ngungo	Sim	Ngungu
Ngana	Não	Ngana
Ngola	Não	Ngola
Nhangue	Sim	Nyange
Pambala*	Não	Pambala
Paça	Sim	Pasa
Quitumba	Sim	Kitumba
Quiezo	Sim	Kiezu
Quixibo	Sim	Kixibu
Quicaú*	Sim	Kikawa
Quizembe	Sim	Kizembe
Quiriamo*	Sim	kiriamu
Quibindama	Sim	Kibindama
Quinema	Sim	Kinema
Quilungo	Sim	Kilungu
Quilolo	Sim	Kilulu
Quijila	Sim	Kijila
Quiami	Sim	Kiami
Quindonga	Sim	Kindonga
Quilengo*	Sim	Kilengu
Quahamba*	Sim	Kwahamba
Quinganga	Sim	Kinganga
Quibissa*	Sim	Kibisa
Quieza	Sim	Kieza
Quituxi	Sim	Kituxi
Quitambuka*	Sim	Kitambuka
Quilundu	Sim	Kilundu
Quingongo	Sim	Kingongo
Quiquete*	Sim	Kikete
Quimaco	Sim	Kimaku
Quilombo	Sim	Kilombo
Quitabuca*	Sim	Kitabuka
Quissungama	Sim	Kisungama
Quiebi	Sim	Kiebi
Samba	Não	Samba
Solange	Não	Solange
Toama*	Não	Toama
Tambi	Não	Tambi

---

Umba	sim	Humba
Vungi	Sim	Vungi
Webi	Não	Webi
Xieto	Sim	Xietu
Yeto	Sim	Yetu
Zambi	Não	Zambi
Zua	Não	Zua
Zeno	Não	Zenu
Zumba* <sup>21</sup>	Não	Zumba
-	-	-

Apesar de o aportuguesamento lexical ser um processo de renovação e enriquecimento lexical das línguas, neste contexto, achámos irrelevante, pois, existem grafemas equivalentes na língua *kimbundu* para representar tais letras. Portanto, quando assim acontece é preferível que se evite recorrer ao processo de aportuguesamento de vocábulos de qualquer língua sob pena de enriquecermos uma e empobrecermos outra.

Esta situação é comumente praticada pelos funcionários destas instituições, devido ao facto de nalguns casos muitos não terem o domínio da grafia em língua *kimbundu* e, por outro lado, os detentores dos tais antropónimos muitas vezes também não os conseguem representar graficamente.

No que concerne aos antropónimos do português que vão surgindo frequentemente muito ainda a que se estudar, sobretudo, a respeito da sua grafia, pronúncia e significação, pois muitos antropónimos suscitam equívocos quanto a sua morfologia e semântica, se são verdadeiramente da língua portuguesa ou de línguas estrangeiras, tendo em conta a forma como são escritos e pronunciados, contrastando em muitos casos com as regras ortográficas e de pronúncia da língua portuguesa, por exemplo, os nomes Jonilson, Edvanilson, que parecem ser originários do português do Brasil.

---

<sup>21</sup>\* Antropónimo cujos significados não foram mencionados por não se poder dar uma explicação cabal de acordo com a pesquisa feita.

### 3.4 Lei geral sobre atribuição e validação dos antropónimos

Angola é um estado de direito e deveres, instituído desde 1975 com a proclamação da independência nacional, libertando-se do domínio português que por intermédio do contacto estabelecido durante aproximadamente cinco séculos os angolanos herdaram destes o seu património linguístico e que, hoje, dada as circunstâncias e o uso que fazem da língua, considera-se indiscutivelmente como seu.

Dadas as circunstâncias que se vivia no momento, isto é, da transição do sistema político, houve a necessidade de se fazer algumas alterações no que diz respeito a composição do nome, à luz da realidade social do contexto angolano.

Assim sendo, a Legislação de Registos e Notariado de Angola no seu ponto 12 sobre as Normas para Atos do Registo Civil, no que tange a composição do nome, Lei nº 10/85, de 19 de outubro, introduziu algumas alterações no que se refere à composição do nome, fixando em quatro. Todavia, a mesma lei ainda admite a possibilidade de se aumentar, tendo em conta as especificidades da nossa realidade social, compondo-se no máximo em seis vocábulos.

Por outro lado, não sendo ainda possível estabelecer uma lista onomástica, a Lei admite a possibilidade de recusa na escolha de nomes manifestamente inadequados à função jurídica e social de que o nome se reveste.

Analisando esse ponto, deparamo-nos com situações que de certo modo têm causado vários transtornos na interpretação da lei para a validação de alguns antropónimos, visto que a atribuição do nome na cultura bantu tem a ver diretamente com os acontecimentos sociais, culturais que envolvem as famílias no seu dia a dia, espelhando os aspetos socioculturais e linguísticos de acordo com a sua forma de ser e de viver. Por exemplo, segundo um dos nossos informantes, “Manuel António Pedro”, foi-lhe negado, na atualidade, o registo de seu filho com o nome de *Micolo* (significa - cordas), justificando de que o nome não tinha nenhum significado extraordinário. Porém, segundo o mesmo, o nome justificava-se, pois a sua criança nascera no dia em

que seu pai se enforcara com uma corda que ele preparava para fazer laços para caça, pese embora ser um nome já existente como se pode ver no *corpus*.

Outrossim, o mesmo verificou-se também na antroponímia do português quando um casal queria atribuir o antropónimo *Mireuson* a sua criança como primeiro nome, mas não lhes foi aceite, alegando que o nome não existia no dicionário de língua portuguesa, porém, acabaram por registar como parte do nome (nome próprio), uma justificação que considerámos supérflua, pois os nomes, regra geral, não são encontrados nos dicionários universais das línguas.

Atendendo a isso, vimos muitas vezes antropónimos da língua *kimbundu* e da língua portuguesa a serem negados pelos funcionários dos registos e nalguns casos sem fundamentos plausíveis que justificassem tal recusa, uma situação que segundo os funcionários destas instituições esperam ver ultrapassada com a criação de listas onomásticas quer seja da antroponímia do *kimbundu* quer seja da antroponímia do português, embora possamos considerar uma situação muito delicada em função das razões que estão na base para a escolha dos antropónimos por parte desta população.

A esse respeito, concludentemente, podemos dizer que não é menos verdade que, hoje, no nosso contexto, a atribuição de antropónimos como Sebastião, Maria, António, João, Catarina, Pascoal, etc., a uma criança é motivo para sofrer “Bullying” entre os demais, pois estes são considerados como nomes antiquados.

### 3.5 Composição do nome: nome próprio, sobrenome e apelido/família

Desde então, a atribuição de um nome ao ser humano foi uma preocupação secular. O antropónimo de acordo com Houaiss (2001: 1887) nome próprio de pessoa ou ser personificado, usado desde cedo na antiga Grécia, dividia-se em dois tipos:

- Os nomes Teofóricos – conexos com o nome de um Deus;
- Os nomes Átheas – conexos com profissões, localidades, qualidades físicas, ou morais.

Os indivíduos, antigamente, eram apenas identificados com um nome, só mais tarde se começou a seguir a prática de adjunção ao nome próprio, um nome paterno. Porém, essa prática começou, a princípio, com os romanos. Primeiramente havia apenas dois nomes, mas a partir de 300 a.c., começou a prevalecer o uso de três nomes.

Todo este processo ocorreu paulatinamente, por exemplo, na Idade Média, em princípio, só havia um nome, a que se adjungia, nas situações distintas, um locativo; na tradição Peninsular Ibérica, começa a prevalecer, além do prenome (nome próprio) o patronímico e que posteriormente evoluiu para uma tríplice denominação (Houaiss, 2003: 1887).

A composição do nome, no nosso contexto, tem como base o sistema antroponímico luso-ibérico, pese embora desde a antiguidade já se constatava a existência de antropónimos em línguas locais constituídos por mais de um nome, como se pode ver a título de exemplo, o nome do rei *Ngola Kilwanji Kya Samba*, da rainha *Njinga Mbandi*, e tantos outros.

No que diz respeito aos nomes próprios, sendo o primeiro nome com que o indivíduo se identifica, muitas vezes no nosso contexto, quando queremos fazer a diferença em relação a outras partes que compõe o nome completo, o nome próprio é designado por nome de escola, nome de registo, nome de verdade, etc.

O nome próprio, nome de pia batismal, nome individual, nome de registo (Vasconcellos, 1928: 8), ou o nome verdadeiro, nome certo (Pina-Cabral, 2008: 247), à luz da realidade angolana, no que tange a lei da composição do nome, no seu artigo 1º, no seu ponto 1, diz que, o mesmo só pode corresponder no máximo a dois vocábulos simples, por exemplo, “Miguel Mireuson” (ver anexo), podendo ser em línguas locais (línguas de Angola) ou em língua portuguesa. Porém, quando se tratar de nomes estrangeiros serão admitidos na sua forma originária ou adaptada.

O sobrenome, bem como o apelido ou nome de família são elementos que acompanham imediatamente o nome próprio (Vasconcellos, 1928: 11). De acordo com a nossa realidade social, geralmente, se tivermos em conta de que o sobrenome corresponde ao nome que segue imediatamente o nome próprio, corresponde ao nome

da família materna por ser este que segundo a ordem de colocação dos nomes vêm sempre a seguir ao primeiro nome (nome próprio).

Atendendo a isso, constatámos que, quando num lar as crianças forem sempre do género feminino para os bantu é motivo de preocupação, pois o nome de família/apelido paterno desaparece devido ao facto de os filhos destas não poderem dar continuidade a linhagem paternal, nome de família/apelido.

Os apelidos ou nomes de famílias são, sem dúvidas, partes importantíssimas do nome como um todo, e de presença obrigatória no registo (adaptados ou não) pelas entidades angolanas dado o papel que o mesmo desempenha na composição do nome, porque serve de marca que permite distinguir a essência familiar em que os indivíduos pertencem numa determinada sociedade.

Sendo uma designação de família e transmitida ordinariamente de geração em geração (Vasconcellos, 1928: 11); o apelido tem sido um elemento de destaque no que concerne a antroponímia do Kwanza Norte, principalmente nos antropónimos do *kimbundu*, pois é nos apelidos, onde se evidenciam frequentemente os principais aspetos do valor cultural e social que os nomes possuem para cada indivíduo e família.

Analisando o antropónimo António Manuel *Canguia*, constatámos que o apelido *Canguia*, onde (ka – prefixo que designa homem de, pessoa que pratica determinada profissão e *Nguia* – agulha), caracteriza uma família, tendo em conta a atividade profissional, neste caso, de alfaiate (Macedo, 201: 34); o antropónimo *Caculo Nguba* (Nguba significa=amendoim, ginguba), deve-se ao protagonismo que essa família possuía na comunidade na produção desse cereal.

Do mesmo modo, acontece com o antropónimo Pedro *Camabaia* (ka-prefixo que significa pessoa que pratica certa atividade + mabaia=madeira), neste caso, alguém que se dedica a atividade de carpinteiro, (Macedo, 2014: 34) e, por outro lado, João Simão *Cahombo* (ka – prefixo que significa, homem de, pessoa que pratica certa atividade e Hombo=Cabra). Neste contexto, identifica alguém, cujos ancestrais eram possuidores de cabras ou ovelhas.

Um outro apelido encontrado no *corpus* e muito frequente é o antropónimo *Nhanga*, cuja atribuição ilustra a atividade de caça, ou melhor, em outras palavras, diríamos que este antropónimo é atribuído a alguém que se dedica a caça e, muitas vezes, também é designado por *Mukongo*.

### 3.6 O poder do antropónimo no Kwanza Norte

O nome em qualquer sociedade é um elemento importantíssimo, pois faz parte do “Eu” de qualquer indivíduo, permitindo identificar-se como um ser singular no seio de muitos outros seres semelhantes. Por esta razão, Já dizia Vasconcellos (1928: 3), que a glória do seu nome: diz-se da glória, da reputação que uma pessoa adquiriu. Ou ainda é importantíssimo, devido ao facto de constituir um aspeto central da nossa condição universal de pessoa-não só de quem somos para os outros, mas ainda de quem somos para nós mesmos (Pina-Cabral, 2008: 237).

Ao longo do nosso estudo, verificámos que para os bantu o nome é considerado um elemento sagrado, principalmente os antropónimos do *kimbundu*, pois estes refletem, a princípio, a sua sacralidade, essência linguística e cultural, dando-lhe o suporte para poder na maior parte das vezes identificar através do nome a sua origem etnolinguística e familiar principalmente.

Os antropónimos são elementos de poder, pois vimos na nossa realidade situações em que, quando alguém lhe é atribuído um antropónimo que, por exemplo, faz referência a um adulto com certas características comportamentais (boas ou más), é muito comum que este durante o seu crescimento adquira as formas comportamentais deste, daí, muitas vezes, para a atribuição de um antropónimo procurara-se sempre escolher o antropónimo do parente mais próximo que possui ou possuía qualidades ou virtudes excelentes, de modo a servir de fonte de inspiração para a criança no futuro. Por exemplo, hoje quase que ninguém aceitaria dar ao seu filho o antropónimo *Ingo* (significa = onça) ou *Njango* (significa = catana), pois são antropónimos que não caracterizam bem as pessoas em função do significado dos mesmos.

Contudo, todos estes fenómenos têm a ver com as múltiplas razões que estejam quase sempre na base da nomeação das crianças, que, para os africanos, particularmente, os bantu são inúmeras, onde podemos destacar significativamente as situações insólitas, provocadas muitas vezes por entidades espirituais ou outras forças sobrenaturais que frequentemente causam doenças, mortes, desgraças às crianças e às mulheres durante o período de gestação ou depois do nascimento da criança e, por outro lado, consequência de outras situações socioculturais, fenómenos naturais, etc.; contribuindo desta feita para que os antropónimos atribuídos tivessem a sua razão de ser nesses acontecimentos que envolvem o nascimento da criança.

Assim sendo, a imposição do nome é feita quase sem nenhuma formalidade, onde quase sempre é o avô quem nomeia, ou é o pai, quem o faz, escolhendo quase sempre o nome de parentes próximos, geralmente, já falecidos para os homenagear, contribuindo desta forma para a imortalidade do mesmo, bem como o respeito pelo legado que estes deixaram e transmitem-se de geração a geração.



## **CAPÍTULO - IV CONCLUSÃO**

## 4 Conclusão

Iniciámos o nosso trabalho abordando os aspetos linguísticos e socioculturais desta população para melhor contextualizar o nosso estudo, visto que Angola é um país plurilingue e multicultural, originariamente, constituído por povos bantu e não-bantu subdivididos por vários grupos ou subgrupos etnolinguísticos.

O nosso estudo centrou-se no grupo etnolinguístico *Ambundu*, por ser o grupo que compõe a população do Kwanza Norte, que tem o *kimbundu* como sua língua local e o português como língua oficial, embora se possa dizer que para muitos o português é sua língua primeira (materna), tendo em conta a maneira como é adquirido e em muitos casos sobrepondo-se ao *kimbundu* em todos os contextos linguísticos desta região.

Depois de feita uma análise sobre os aspetos antroponímicos do português e do *kimbundu* em especial, podemos aludir, sem sombra de dúvidas, que a antroponímia no âmbito da onomástica constitui uma área de estudo fértil, fornecedora de conhecimento importantíssimo de natureza sociocultural e linguística da essência desta população e de cada indivíduo em qualquer sociedade em que esteja inserido, pois, os antropónimos, principalmente, do *kimbundu*, nesta região, permitem-nos obter informações relevantes do modo de ser e viver desta população, ajudando em grande medida no estudo que se impõe para o conhecimento sociocultural e linguístico que se pretende.

De acordo com os dados do *corpus* analisados, constatámos que a antroponímia do Kwanza Norte é essencialmente da língua portuguesa e da língua *kimbundu*, embora se verifique alguns antropónimos que, à partida, nos pareçam ser de outras línguas locais. No que tange à significação atribuída aos antropónimos nesta província, ficou provado, segundo a análise do *corpus*, que os antropónimos do *kimbundu* possuam significados mais pertinentes, pois, os mesmos refletem aspetos muito profundos da vida das famílias e, pelo facto de nalguns casos ou senão mesmo em todos o antropónimo ser o elemento primordial que permita a identificação da pessoa como um ser único no seio familiar ou social, embora se possa encontrar indivíduos de linhagem diferente com antropónimos semelhantes.

Por outro lado, apesar das múltiplas razões em que se baseia esta população para a escolha dos antropónimos, atualmente, constata-se a perda de muitos valores e

princípios ora relevantes na escolha de antropónimos em consequência da situação histórica e política que, infelizmente resulta de um passado histórico negativo, marcado pela obrigatoriedade imposta aos angolanos para o abandono da antroponímia do *kimbundu* considerando os antropónimos do *kimbundu* desprestigiante e obrigados a utilizarem os antropónimos do português, de modo a obter um estatuto social europeizado naquela altura.

Igualmente, constatámos que a mesma situação ocorre devido a globalização, a moda, a aculturação, etc.; o que tem contribuído para que pouco a pouco os antropónimos da língua *kimbundu* desaparecessem ou no mínimo deixassem de figurar como primeiro nome, uma situação que mereceria uma atenção redobrada dia após dia, de modo que se resgatassem os princípios e valores culturais enraizados nos antropónimos do *kimbundu* nesta província.

No que concerne aos antropónimos canónicos do português, verificámos que na sua maioria são atribuídos por influência do catolicismo, pois quase todos os antropónimos refletem a vida de um santo ou uma santa católica. Porém, a sua atribuição é feita de forma aleatória, pois é quase impensável encontrar alguém no nosso contexto que saiba explicar a origem e o significado do seu antropónimo.

Ainda na mesma senda, constatámos, sobretudo, na antroponímia do português o surgimento de antropónimos atuais (modernos), cuja origem suscita algum equívoco, tendo em conta muitas vezes a sua pronúncia, grafia e significado; antropónimos que à luz do nosso trabalho chamámos de inovação/invenção, truncamento/rearranjo de antropónimos.

Com base nisso, apuramos que o Estado através da lei sobre a composição e validação do nome admite a hipótese de recusa de antropónimos que se considerem desprestigiante a quem é nomeado ou que prejudicam a imagem do indivíduo como cidadão, quer seja em língua portuguesa ou seja em língua *kimbundu*, bem como em qualquer outra língua, pois o antropónimo constitui o reflexo daquilo que a pessoa é para si mesmo e para com os outros na sociedade.

Apesar disso, gostávamos de chamar a atenção para que a nível do Estado se discutisse e definisse muito bem os princípios que guiem a aceitabilidade de um

antropónimo, embora não seja uma questão fácil de determinar em função das diversas razões que motivam a escolha de um antropónimo por parte desta população, geralmente ligadas a pessoa que nomeia, de modo a evitar-se o controlo ríspido que temos vindo a observar como se fosse policiamento aos nomes atribuídos as crianças, principalmente aos nomes próprios, pois, estes refletem a vontade linguística e sociocultural de quem os atribui tendo em conta os acontecimentos que envolvem o período antes, durante e depois do nascimento da criança.

Por outro lado, verificámos que devido ao facto de muitos antropónimos, principalmente, da língua portuguesa não refletirem nalguns casos aspetos da vida social dos indivíduos no nosso contexto, atualmente, têm contribuído para que muitos casais jovens recorram à criação de novos antropónimos que para muitos tem sido entendido como uma forma negativa. Porém, de acordo com o estudo por nós desenvolvido, achámos que muitos deles são relevantes e merecem o mérito de quem os cria, pois é fruto em muitos casos da junção dos antropónimos do casal, transmitindo-nos uma ideia de inovação e, por conseguinte muitos deles já se encontram atestados nos Registos Cíveis desta província.

Todavia, para acabar com as situações de equívocos que frequentemente se levantam a volta dos antropónimos novos que surgem através dos processos elucidados, sugerimos que se discutisse em fórum próprio o tema sobre a antroponímia e posteriormente se criasse uma lista onomástica geral do país à luz da nossa realidade sociocultural e linguística.

No que se refere a escrita dos antropónimos do *kimbundu*, sugerimos que se evitasse o processo de aportuguesamento gráfico, pois, desta forma estaríamos a empobrecer e desvalorizar a ortografia do *kimbundu*. Por outro lado, achámos também ser necessário que se incentivasse cada vez mais a nível do Estado e das famílias o conhecimento e uso da língua *kimbundu* para evitarmos que no futuro os funcionários dos Registos Cíveis e Cartórios recorressem ao processo de aportuguesamento dos antropónimos por não dominarem a grafia do *kimbundu*.

Desejável seria que as famílias transmitissem às novas gerações os valores socioculturais e linguísticos encerrados nos antropónimos *kimbundu*, incentivando as

novas gerações a atribuírem antropónimos desta língua, principalmente os nomes próprios, tendo em conta a significação que estes possuem no nosso contexto linguístico e sociocultural, por quanto, através dos antropónimos do *kimbundu* somos capazes de identificarmo-nos como um povo autóctone linguística e culturalmente.

De acordo com o estudo desenvolvido no Kwanza Norte concluímos que é muito difícil dizer os antropónimos que são propriamente nomes próprios, sobrenomes e apelidos/nome de família, pois verificámos que ambos são usados quer como nomes próprios, sobrenome, apelidos/nome de famílias e vice-versa.

Dada a importância que o antropónimo possui, desde as sociedades mais antigas até as contemporâneas, com este trabalho pretendemos de modo principiante despertar a necessidade de investigação nessa área do saber de modo a contribuir para o conhecimento antroponímico dessa província, visto que o antropónimo sendo um elemento único que permite conhecê-lo é o sinal da sua situação como pessoa, da sua atividade social e de todas as formas de relacionamento com o próximo, principalmente no que tange aos antropónimos do *Kimbundu*.

Contudo, esperamos que o nosso trabalho futuramente sirva de porta para uma análise mais profunda em torno da antroponímia do Kwanza Norte e não só, e que o mesmo possa ser cada vez mais abrangente e enriquecido para o bem da ciência.

## Bibliografia Geral

ALTUNA, Pe. Raul Ruiz de Asúa (2014). *Cultura Tradicional Bantu*. 2ª Edição. Portugal: Paulinas.

ÁLVARES, Carlos (2001). *Uma Introdução ao Estudo do Texto Literário. Noções de Linguística e Literariedade*. Nova Edição – Revista e atualizada. Lisboa: Didática Editora

BARRETO, Therezinha (2012). Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares? In Lobo, Tânia; Carneiro, Zenaide; Soledade, Juliana; Almeida, Ariadne; Ribeiro, Silvana, (org). *ROSAE. Linguística Histórica, História das Línguas e Outras Histórias*. Salvador: EDUFBA, p. 407-416.

BARROS, Agnela (2002). A Situação do Português em Angola. In Mateus, Maria Helena Mira (coord.). *Uma política de Língua para o Português*. Lisboa: Edições Colibri, p. 35-44.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (1992). O léxico testemunha de uma cultura. In Lorenzo, Ramón. *Lexicología e Metalexicografía II. Atas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, Universidade de Santiago de Compostela, 1989*. A Coruna: Fundación «Pedro Barrié de La Maza, Conde de Fenosa. Pág. 397-405.

BONO, Ezio Lorenzo (2015). *Muntuísmo. A ideia de «pessoa» na filosofia africana contemporânea*. 2ª Edição. Portugal: Paulinas.

CALDAS, Alexandre Castro (2015). A Língua Materna nos Primeiros Anos de Escolaridade: A Perspetiva das Ciências Neurocognitivas. In Moreira et al. *A Língua Portuguesa: Presente e futuro*. 3ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 39-46.

CHICUNA, Alexandre Mavungo (2015). *Portuguesismos nas Línguas Bantu. Para um Dicionário Português Kiyombe*. 2ª Edição. Lisboa: Edições Colibri.

CRESPI, Franco (1997). *Manual de Sociologia da Cultura*. Lisboa: Estampa.

CRYSTAL, David (1991). *A Linguística*. 2ª Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

CARREIRA, António e QUINTINO, Fernando (1964). *Antroponímia da Guiné Portuguesa*. Memórias da Junta de Investigações do ULTRAMAR. Vol. I, Lisboa.

ENDRUSCHAT, Annette e SCHMIDT-RADEFELT, Jurgen (2015). *Introdução Básica à Linguística do Português*. Tradução de António C. Franco. Lisboa: Edições Colibri.

FERNANDES, João e NTONDO, Zavoni (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Luanda: Editorial Nzila.

FERREIRA, Manuela Barros; CARRILHO, Ernestina; LOBO, Maria; SARAMAGO, João; CRUZ, Luísa Segura da (1996). Variação Linguística: perspetiva Dialectológica. In Faria, Isabel Hub; Pedro, Emília Ribeiro; Duarte, Inês e Gouveia, Carlos A. M (org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho Colecção universitária série Linguística, p. 479 – 502.

FEIJÓ, Rui Graça (2008). Língua, nome e identidade numa situação de plurilinguismo concorrencial: caso de Timor-Leste. Dossiê: Outros nomes, Histórias cruzadas: os nomes de pessoa em português. *Etnográfica*, Vol. 12 (1), p. 143-172. Consultado em março de 2017. Disponível em <http://etnografica.revues.org/1641>

FLORÊNCIO, Manuela (2011). *Dialeto Alentejano. Contributo para o seu Estudo*. 3ª Edição. Portugal: Edições Colibri.

FROMKIN, Victoria e RODMAN, Robert (1993). *Introdução a Linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina. Tradução de Isabel Casanova.

GENOUVRIER, Emile e PEYTER, Jean (1973). *Linguística e Ensino do Português*. Tradução de Rodolfo Ilari Coimbra: Livraria Almedina.

GOMES, Aldónio e CAVACAS, Fernanda (2005). *Escrever Direto. Ortografia*. Lisboa: Clássica Editora.

GONÇALVES, Perpétua (2012). Contacto de línguas em Moçambique: algumas reflexões sobre o papel das línguas bantu na formação de um novo léxico do português. In Lobo, Tânia; Carneiro, Zenaide; Soledade, Juliana; Almeida, Ariadne; Ribeiro, Silvana, org. ROSAE. *Linguística Histórica, História das Línguas e Outras Histórias*. Salvador: EDUFBA, p. 401-406.

GONÇALVES, Perpétua (2015). A Formação de Variedade Africanas do Português: Argumento para uma abordagem multidimensional. In Moreira et al. *A Língua Portuguesa: Presente e futuro*. 3ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 223-242.

GONÇALVES, António Custódio (1992a). *Questões de Antropologia social e cultural*. Porto: Edições Afrontamento, Biblioteca das Ciências do Homem.

GONÇALVES, António Custódio (1992b). *Tradição e Modernidade na (Re) Construção de Angola*. Porto: Edições Afrontamento, Biblioteca das Ciências do Homem.

GUERRA, Carvalho Isabel (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – Sentido e formas de uso*. Portugal: Princípia Editora.

ISQUERDO, Aparecida Negri e KRIEGER, Maria da Graça (org.) (2004). As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Vol. II, Campo Grande – MS, Editora UFMS.

INVERVO, Liliana (2009). A transição de Angola para o português vernáculo: Estudo morfossintático do sintagma nominal. In Carvalho, Ana M. (org.) (2009). *Português em Contacto*. Vol. II; Brasil: Iberoamericana Vervuert, p. 87 – 106.

LIPSKI, Jonh (2009). Os primeiros contatos afro-portugueses: implicação para a expansão da língua. In Carvalho, Ana M. (org.) (2009). *Português em Contacto*. Vol. II; Brasil: Iberoamericana Vervuert, p. 11 – 30.

LORENTE, Mercè (2004). A Lexicologia como ponto de encontro entre a Gramática e a Semântica. In Isqueiro, Aparecida Negri e Krieger, Maria da Graça (org)



(2004). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Vol. II. Campo Grande: Editora UFMS.

LUKAMBA, André (2014). *A Evangelização como Encontro Vivo na Cultura Umbundu de Angola*. Huambo: CERETEC

MACEDO, Jorge (2014). *A Dimensão Africana da Cultura Angolana*. Ensaio. Luanda: Fenacult.

MAGALHÃES, Pe. António Miranda (1922). *Manual de Línguas Indígenas de Angola*. Segundo o Programa Oficial para Exames Administrativos. Loanda: Imprensa Nacional de Angola.

MARQUES, Irene Guerra (1983). Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola. In A.A. V.V, (1985). *Congresso Sobre a Situação Atual da Língua Portuguesa no Mundo – Atas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, p. 205-223.

MARCELLESI, Jean-Baptiste e GARDIN, Bernard (1975). *Introdução à Sociolinguística*. Tradução de Maria de Lourdes Saraiva. Lisboa: Editorial Aster. Universidade Nova.

MARTINET, André (1991). *Elementos de Linguística Geral*. Coleção Nova Universidade. 11<sup>a</sup> Edição. Lisboa. Livraria Sá da Costa Editora.

MATEUS, Maria Helena Mira (2002). *A Face Exposta da Língua Portuguesa. Filologia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MATEUS, Maria Helena Mira (2014). *A Língua Portuguesa. Teoria, Aplicação e Investigação*. Lisboa: Edições Colibri.

MOREIRA, Adriano (2015). *A Língua Portuguesa: Presente e futuro*. 3<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MUDIAMBO, Quibongue (2014). *Estudos Linguísticos sobre a Lexicologia e a Lexicografia de Aprendizagem (aplicados) ao Ensino da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (2002). Empréstimo Linguístico Interno: Um estudo sobre o vocabulário da náutica portuguesa. In Head, F. Brian; Teixeira, José; Lemos, Aida Sampaio; Barros, Anabela Leal de; Pereira, António, (org). *História da Língua e História da Gramática*. Atas do Encontro. Braga: Coleção POLIEDRO 11, Universidade do Minho - Centro de Estudos Humanísticos, p. 321-357.

NETO, Teresa da Silva (2014). *História da Educação e Cultura de Angola. Grupos Nativos, Colonização e a Independência*. 3ª Edição. Portugal: Zaina Editores.

PEREIRA, António (2002). Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti): Génese e atualidade da antroponímia nas «Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer» In Head, F. Brian; Teixeira, José; Lemos, Aida Sampaio; Barros, Anabela Leal de; Pereira, António, (org.). *História da Língua e História da Gramática*. Atas do Encontro. Braga: Coleção POLIEDRO 11, Universidade do Minho - Centro de Estudos Humanísticos, p. 359-369.

PEREIRA, António (2003). História Linguística de um nome: Maria Helena Pinto Navais Paiva. In Brito, Ana Maia; Figueiredo, Olívia; Barros, Clara, (org). *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa*. Atas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva. Porto: Secção de Linguística de Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da universidade do Porto, p. 301-314.

PICQ, Pascoal; SEGART, Laurent; DEHAENE, Ghislaine e LESTIENNE, Cécile (2009). *Uma História da Linguagem*. Tradução – Paulo Elói Duarte. Lisboa: Edições Textos Grafias.

PINA-CABRAL, João de (2008). Recorrências antroponímicas lusófonas. Dossiê: outros nomes, historia Cruzada: Os nomes de pessoas em português. *Etnográfica*. Vol. 12 (1). P. 237-262. Consultado em março. Disponível em [etnografia.revues.org/1684](http://etnografia.revues.org/1684).

PINTO, Alberto Oliveira (2013). *Representações Literárias Coloniais de Angola, dos Angolanos e das suas Culturas (1924-1939)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

PINTO, Alberto Oliveira (2015). *História de Angola. Da Pré-História ao Início do Século XXI*. Lisboa: Mercado de Letras.

QUIVUNA, Manuel (2014). *Lexicologia Aplicada ao Ensino do Léxico em Português Língua não Materna*. Lisboa: Edições Colibri.

RIO-TORTO, Graça Maria (2012). Morfologia lexical no português médio: variação nos padrões de nominalização. In Lobo, Tânia; Carneiro, Zenaide; Soledade, Juliana; Almeida, Ariadne; Ribeiro, Silvana (org). ROSAE. *Linguística Histórica, História das Línguas e Outras Histórias*. Salvador: EDUFBA, p. 305-322.

RUHLEN, Merrit (1998). *A Origem da Linguagem. Reconstituindo a evolução da língua mãe*. Tradução de Iolanda Saló. Lisboa: Temas e Debates.

SANTOS, Maria Leonor Ferraz de Oliveira (2003). *Onomástico o indivíduo e o grupo*. Arquipélago. História, 2ª série, VII. P. 229-242. Consultada em janeiro. Disponível em [https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/389/1/Maria\\_Santos\\_p229-242.pdf](https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/389/1/Maria_Santos_p229-242.pdf).

SAUSSURE, Ferdinand de ([1916] 1995). *Curso de Linguística Geral*. Tradução de José Victor Adragão. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

SILVA, Irani Sacerdote de Sousa (2012). *Antroponímia Portuguesa: Um Breve Estudo Acerca dos Sobrenomes no Período Medieval*. VOOS Revista Polidisciplinar Eletrónica da Faculdade Guairacá, Vol. IV Ed. 01 (Dez. 2012). P. 31-40. Caderno de Letras – Estudos Linguísticos – ISSN 1808-9305. Consultada em fevereiro. Disponível em [www.Revistavoos.com.br](http://www.Revistavoos.com.br)

SILVA, Teresinha de Jesus Baldez e MORAES, Pedro Henriques Viana de (2015). *A nomeação dos topónimos: memória e história em confronto entre o passado e*

o presente. Consultado em março. Disponível em [www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/litera/article/viewFile/3556/1592](http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/litera/article/viewFile/3556/1592)

SILVEIRA, Denise Tolfo e CÓRDOVA, Fernanda Peixoto (2009). A Pesquisa Científica. In Gerhardt, Tatiana Engel e Silveira, Denise Tolfo (org.). *Métodos de Pesquisa*. Brasil: UFRGS. EAD.

SOLEDADE, Juliana (2012). Antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes personativos. In Lobo, Tânia; Carneiro, Zenaide; Soledade, Juliana; Almeida, Ariadne; Ribeiro, Silvana, (org.). *ROSAE. Linguística Histórica, História das Línguas e Outras Histórias*. Salvador: EDUFBA, p. 323-336.

VASCONCELLOS, José Leite de (1928). *Antroponímia Portuguesa*. Tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade Média até hoje. Lisboa: Imprensa Nacional.

VILELA, Mário (1979). *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.

VILELA, Mário (1995). *Léxico e Gramática*. Ensino da Língua Portuguesa Léxico, Dicionário, Gramática. Coimbra: Livraria Almedina.

VIARO, Mário Eduardo (2011). *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto.

### **Dicionários e gramáticas**

CASTILHO, Ataliba T. de (2010). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto.

CUNHA e CINTRA (2005, [1999]). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 18ª Ed. Lisboa: João Sá da Costa.

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporâneo da Academia das Ciências de Lisboa* (2001). Vol. I, A – F. Lisboa: Verbo.

DUCROT, Bernard Pe. (2013). *Gramática da Língua Kimbundu*. Malanje: Missão da Sé Catedral. CSSp.

GALLISSON, R. e COSTE, D. (1983). *Dicionário de Didática das Línguas*. Coimbra: Livraria Almeida.

*Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (2004). Porto: Porto Editora.

HOUAISS, António e VILLAR, Mauro (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto António Houaiss de Lexicografia. Lisboa: Temas e Debates. A-CZA e MER-ZZZ.

KAMUXITU, Jujú (2011). *Noções de Gramática da Língua Kimbundu*. Divulu Di Longa Ijila Iá Dizui Dia Kimbundu. Edição 2011.

MAIA, Pe. António da Silva, 2010. *Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo*. Línguas nativas do Centro e Norte de Angola. 3ª Edição; Luanda-Angola: Editorial Nzila.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hugo; FROTA, Sónia; MATOS, Gabriela; OLIVEIRA, Fátima; VIGÁRIO, Marina; VILLALVA, Aliana, (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª Edição. Coleção universitária série Linguística. Lisboa: Editora Caminho.

OLIVEIRA, Anabela Dinis Branco de et. al. (2000). *Dicionário de Metalinguagens da Didática*. Porto: Porto Editora.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva (2003). *Sintaxe e Semântica. Propriedades Gerais da Frase – Estrutura da frase*. In Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva; Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do; Mota, Maria António Coelho da; Segura, Luísa; Mendes, Amélia (org). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 297-394.

RIBAS, Óscar (2014). *Dicionário de Regionalismos Angolanos*. Angola: Fenacult.

SEGURA, Luísa. Geografia da Língua Portuguesa (2013). In Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva; Nascimento, Maria Fernanda Bacelar; Mota, Maria António Coelho da; Segura, Luísa; Mendes, Amélia (2013) (org.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

VILELA, Mário (1999). *Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da Palavra, Gramática da frase, Gramática do Texto/Discurso*. 2ª Edição; Coimbra: Livraria Almedina.

### **Outros documentos**

Lei de Bases do Sistema de Educação, de 7 de outubro de 2016. *Diário da República, I Série, nº170*. Luanda: Assembleia Nacional

Constituição da República de Angola, de 5 de fevereiro de 2010. *Diário da República, I Série, nº 23*. Luanda: Assembleia Nacional.

Lei nº10/85, de 19 de outubro de 1985. *Diário da República, I Série, nº 84, Comissão Permanente da Assembleia do Povo*: Luanda.

INE (Instituto Nacional de Estatística), RGPH 2014. Resultados Preliminares.

[http://www.citi.pt/cultura/politica/25\\_de\\_abril/salazar.html](http://www.citi.pt/cultura/politica/25_de_abril/salazar.html), consultado aos 3 de janeiro de 2017

<http://www.meionorte.com/blogs/josefortes/idiomas-oficiais-na-onu-78594>, consultado aos 3 de janeiro de 2017

<https://www.google.pt/search?q=mapa+de+línguas+e+povos+de+angola>, consultado aos 20 de dezembro de 2016

<https://www.google.pt/search?q=imagens+do+mapa+do+kwanza+Norte>, consultado aos 20 de dezembro de 2016.

## **ANEXOS**

## Anexos nº 1

## Certidão de batismo

66

no 131

*Adelino*

nome completo *Adelino Francisco Ba*  
*muenho*

Aos *cinco* e *dois* dias do mês de *Setembro* do ano de mil novecentos e *cinco* e *oito* (nesta Igreja) em *Lavula* concelho de *Barcelos* e distrito de *Luanda Norte*, diocese de Angola e Congo, baptizei *publicamente* um indivíduo do sexo *masculino*, a quem dei o nome de *Adelino*, que nasceu em *Lavula* no dia *dezoito* do mês de *Setembro* do ano de mil novecentos e *cinco* e *oito* filho natural de *Francisco Camunho*, natural de *Lavula* e residente em *Lavula*, e de *Conceição Bastans* natural de *Lavula* e residente em *Lavula*; neto paterno de *Camunho* e de *Maria* e materno de *Bastans* e de *Barbina*.

Foram padrinhos *Matias Francisco e Adilina Alfredo Roque* solteiros, ambos moradores em *Lavula*.

Os quais todos sei serem os próprios. E para constar lavrei em duplicado este assento que, depois de lido e conferido perante os pais e os padrinhos, comigo não amaram.

Era ut supra.

O Missionário

*P. Viegas* *Freitas*

1300 0450

---

no 132

*Madalena*

Aos *cinco* e *dois* dias do mês de *Setembro* do ano do mil novecentos e *cinco* e *oito* (nesta Igreja) em *Lavula* concelho de *Barcelos* e distrito de *Luanda Norte*, diocese de Angola e Congo, baptizei *publicamente* um indivíduo do sexo *feminino*, a quem dei o nome de *Madalena*, que nasceu em *Lavula* no dia *dezoito* do mês de *Setembro* do ano de mil novecentos e *cinco* e *oito* filho natural de *Francisco Camunho*, natural de *Lavula* e residente em *Lavula*; neto paterno de *Camunho* e de *Maria* e materno de *Bastans* e de *Barbina*.

Foram padrinhos *Matias Francisco e Adilina Alfredo Roque* solteiros, ambos moradores em *Lavula*.

Os quais todos sei serem os próprios. E para constar lavrei em duplicado este assento que, depois de lido e conferido perante os pais e os padrinhos, comigo não amaram.

Era ut supra.

O Missionário

*P. Viegas* *Freitas*

1300 0450

7A

17



N.º 174

José

em casa de N.º 174  
ambos, dist. de  
200, com N.º 174  
v.º Bernardo  
107 - N.º 00  
ma em G.º 173  
aos 17/5/1973 -  
Rocha

Aos nove dias do mês de Julho do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, na catequese de Ngumbé a Nambuga concelho de Cazengo — distrito de Luanda Norte, aqui diocese de Luanda baptizei solenemente um indivíduo do sexo masculino, a quem dei o nome de José Agungo João, que nasceu em Ngumbé a Nambuga, a vinte e cinco de Dezembro de mil novecentos e quarenta e três, filho natural de Agungo João — natural de Ngumbé a Nambuga e residente em Ngumbé a Nambuga, e de Kalunga Epitónio — natural de Ngumbé a Nambuga e residente em Ngumbé a Nambuga, neto paterno de João André e de Sambi Cabral e materno de António Tamala e de Bale Caetano.  
Foram padrinhos: Domingos Adas, casado, residente em Quiluangue — quia — Moenda e Nossa Senhora

Os quais todos sei serem os próprios. E para constar lavrei em duplicado este assento que, depois de lido e conferido perante os pais e o padrinhos comigo não assinam. Era ut supra.  
Este indivíduo fora batizado moribundo no ano passado.

O missionário: P.º Filipe de Almeida

N.º 175

João

Aos nove dias do mês de Julho do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, na catequese de Ngumbé a Nambuga concelho de Cazengo — distrito de Luanda Norte, aqui diocese de Luanda baptizei solenemente um indivíduo do sexo masculino, a quem dei o nome de João Mbaru, que nasceu em Ngumbé a Nambuga, a vinte e nove de Abril de mil novecentos e quarenta e cinco, filho natural de Mbaru Soares — natural de Ngumbé a Nambuga e residente em Ngumbé a Nambuga, e de Madalena Bernardino — natural de Ngumbé a Nambuga e residente em Ngumbé a Nambuga, neto paterno de Soares Manuel e de Agungo Miguengo — e materno de Bernardo João e de Soares Velho.  
Foram padrinhos: Domingos Adas, casado, residente em Quiluangue — quia — Moenda e Nossa Senhora.

Os quais todos sei serem os próprios. E para constar lavrei em duplicado este assento que, depois de lido e conferido perante os pais e o padrinhos comigo não assinam. Era ut supra.  
Este indivíduo fora batizado moribundo anteriormente.

gal  
7H 22  
0

## Anexos 2

## Assento de Nascimento

Fl. 115  
425

Assento n.º 425 Série 115  
Cédula n.º 425 Documento n.º

**AVERBAÇÕES:**  
 O Sr. de nome abençoado  
 de nome abençoado por se  
 encontrar a casa abençoada  
 por motivo de abençoado  
 e de nome abençoado  
 em todo o País, N.º abençoado  
 3/7/96  
 Conservador  
 [assinatura]

**ASSENTO DE NASCIMENTO**

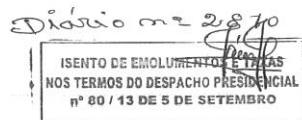
N.º Quatrocentos e vinte e cinco  
 As horas e minutos  
 do dia onze de Novembro de mil novecentos  
 e dezoito e cinco NASCEU na  
 Comuna de  
 Hade Município de Benguela

um indivíduo do sexo masculino quem foi posto  
 o nome próprio de Sebastião Bastião e de família  
de Sebastião Bastião  
 Filho de Bastião Bastião  
 no estado de casado  
 de profissão metalúrgico  
 natural d.ª Benguela  
 Comuna d.  
 Município de Benguela  
 e de Suzana Bastião Bastião  
 no estado de casado  
 de profissão doméstica  
 natural d.ª Benguela  
 Comuna d.  
 Município de Benguela  
 e residentes no Bairro Tala Hade  
 N.º abençoado  
 Neto paterno de Sebastião Bastião e de  
Sebastião Bastião  
 e materno de Bastião Bastião e de  
Bastião Bastião  
 Este assento, lavrado com base na declaração  
 feita pelo próprio

depois de lido com 2/3, atestando todos e conferido  
 vai ser assinado pelos declarantes e pelos  
testemunhas, Ferreira Paulo Bastião  
Bastião Bastião, residente no bairro  
dos Santos Bastião Bastião  
residente no bairro Bastião de  
N.º abençoado  
 e por mim Ferreira Paulo Bastião  
 com carpico  
 as treze horas e cinco minutos do  
dia onze de Novembro de mil novecentos e dezoito  
 e dezoito nesta Comuna do Registo Civil  
Benguela  
 X Maria Cassia C. António  
 X Ferreira Paulo Bastião  
Madelina Sebastião dos Santos

## Anexos nº 3

## Cédula Pessoal



**CÉDULA PESSOAL**

Comendatário Registo Civil de Luanda  
Ano de 2015  
NASCIMENTO

Nome Miguel Mireusom Matias Joao  
filho de Manuel Domingos Miguel Joao  
Natural de Sambizanga - Luanda  
e de Margarida Agostinho Matias  
Natural de Ndalatando - Bengo  
nasceu em Ndalatando - Bengo  
aos 21 de Abril de 2015 como se  
vê do registo n.º 567 a fls. 824 do livro  
n.º 3 do ano de 2015  
Ndalatando, 22 de Maio de 2015  
O 1º Agente do Registo Civil,  
[Assinatura]

#### Anexo nº 4

### Questionário para a recolha de dados antroponímicos da província do Kwanza Norte

#### Secção nº 1

<b>Pesquisador</b>	Mateus Agostinho Matias
<b>Informantes</b>	Professores de Sociologia, História, Línguas, Literaturas, Autoridades Tradicionais (Aldeões) e Pais
<b>Objetivo</b>	Recolha de dados antroponímicos <sup>22</sup> da província do Kwanza Norte.
<b>Finalidade</b>	Estudo académico-Científico

#### Secção nº2

Nesta secção apresentamos um conjunto de questões, todas elas de natureza aberta para permitir que os informantes respondam livremente o questionário sem que haja a interferência do pesquisador.

Eis as questões:

- 1- É sabido que um antroponímico (nome próprio de pessoa) identifica de modo particular o ser humano em qualquer sociedade em que esteja inserido, bem como a sua cultura, origem, enfim...
  - a) Que reflexão fazes a respeito do exposto no número 1?

<sup>22</sup> - Palavra formada de dois elementos: “antropo” – homem e “nymia” – nome. Antroponímia – no sentido lato do termo, a palavra significa, porém, tratado de nomes próprios, sobrenomes e apelidos. Ver Enciclopédia Luso-Brasileira e Dicionário António Houaiss da Língua Portuguesa (2011).

- 2- Quais são as razões ou acontecimentos sociais, culturais e familiares tidos em conta na atribuição de antropónimos no seio das famílias do Kwanza Norte, sendo um povo de origem bantu?
- 3- Que significados denotem os antropónimos para cada indivíduo no seio familiar e social em geral?
- 4- Será que na atualidade a atribuição de antropónimos respeita os valores étnicos e culturais que desde a antiguidade caracterizaram o povo desta região Ambundu?
- 5- A quem cabe o protagonismo ou melhor o relevo na atribuição de antropónimos aos filhos no seio das famílias e em que momento é feito a escolha do antropónimo?



## Anexos nº 5

## Respostas aos questionários

Resposta ao questionário

- ① - Concordo com o exposto no número 1, visto que quando nascemos somos simplesmente pessoas, ora a transformação para uma pessoa humana inserida num grupo social passa dentre vários aspectos pela atribuição de um nome, como afirma Katef Ruiz na seguinte passagem: «o nome como parte constitutiva, completa a pessoa, pois explica a natureza próprio de ser individual, mostra a sua realidade e descreve a sua interioridade» (Ruiz, 2006: 263).
- ② - Com minha opinião, na atribuição de um antropónimo são levados em consideração vários aspectos que de certa medida podem ser considerados ~~insulares~~ <sup>insulares</sup>, como: o nome do dia da semana em que nasceu, por exemplo, bassessa, que nasceu na sexta-feira; o nome de um visitante que chega em casa no momento do nascimento da criança, etc.
- ③ - Para mim todos os antropónimos da língua portuguesa que se atribuem no ~~que~~ <sup>na</sup> ~~Kuanga Norte~~ <sup>Kuanga Norte</sup> não possuem significados específicos porque não traduzem a realidade cultural bunde.

4- Não! A atribuição dos antropônimos não respeitam os valores culturais e linguísticos que desde ~~em~~ a antiguidade caracterizaram a população desta região, tudo por causa da perda dos valores e aferidos fruto da má interpretação da globalização e influência da colonização. Infelizmente, hoje, ainda achamos que os antropônimos africanos em línguas locais são feios.

5- O protagonismo ou melhor a relevância na atribuição dos antropônimos às crianças no seio familiar é de um modo geral do pai (esposo) que escolhe aleatoriamente sem basear-se em aspectos culturais locais e, é feita depois do parto ou antes. o nome pode ser em português, kimbundu ou outra língua

## Respostas dos questionário

① Para os povos bantu acredita-se que os nomes têm um significado muito forte, não se poderia dedicar qualquer antropônimo; os antropónimos atribuídos as crianças tinham muito a ver com a cultura e a língua em particular. Por outro lado, os acontecimentos sociais que as famílias enfrentavam no seu dia-a-dia era o principal elemento a ter em conta na escolha do antropónimo.

Por exemplo o nome "Kituxi" surgiu devido aos problemas que se vivia constantemente, como, doenças, mortes, etc.

② No Kwana Norte e em outras províncias angolanas os factores são vários com maior realce a globalização, aculturação e o desconhecimento, principalmente das novas gerações das nossas raízes culturais e pouco conhecimento da língua Kimbundu.

Com a abertura que temos ao mundo, hoje, é considerado atrasado ou melhor não civilizado quem dedica um nome de origem Kimbundu, uma situação que não devia ser porque os antropónimos em Kimbundu refletem os nossos aspectos culturais e linguísticos.

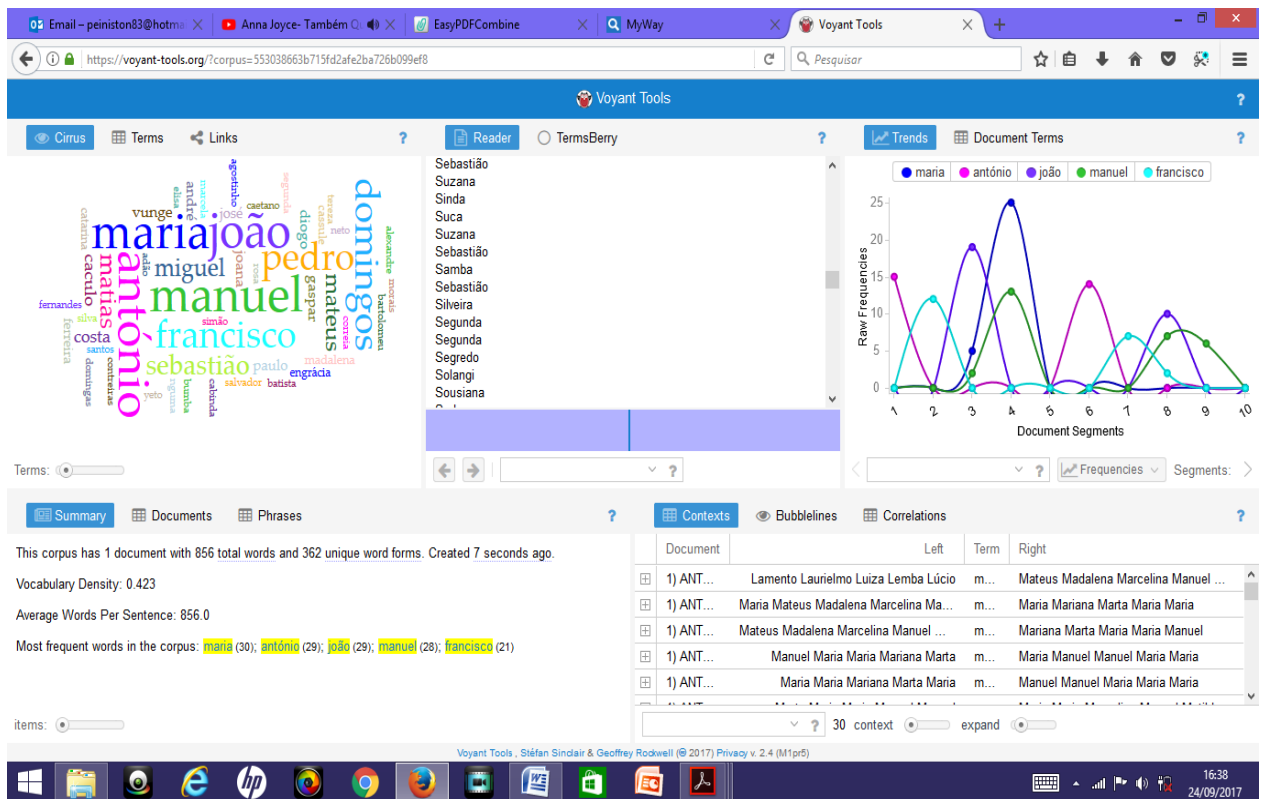


③ Atualmente nem todos os antropônimos atribuídos possuem significados, pois que os casais muitas vezes atribuem simplesmente os antropônimos por imitação em telenovelas ~~ou~~ sem, no entanto, conhecerem as suas origens. Porém, quando se trata de nomes língua kimbundu, geralmente se baseiam aos nomes dos avós.

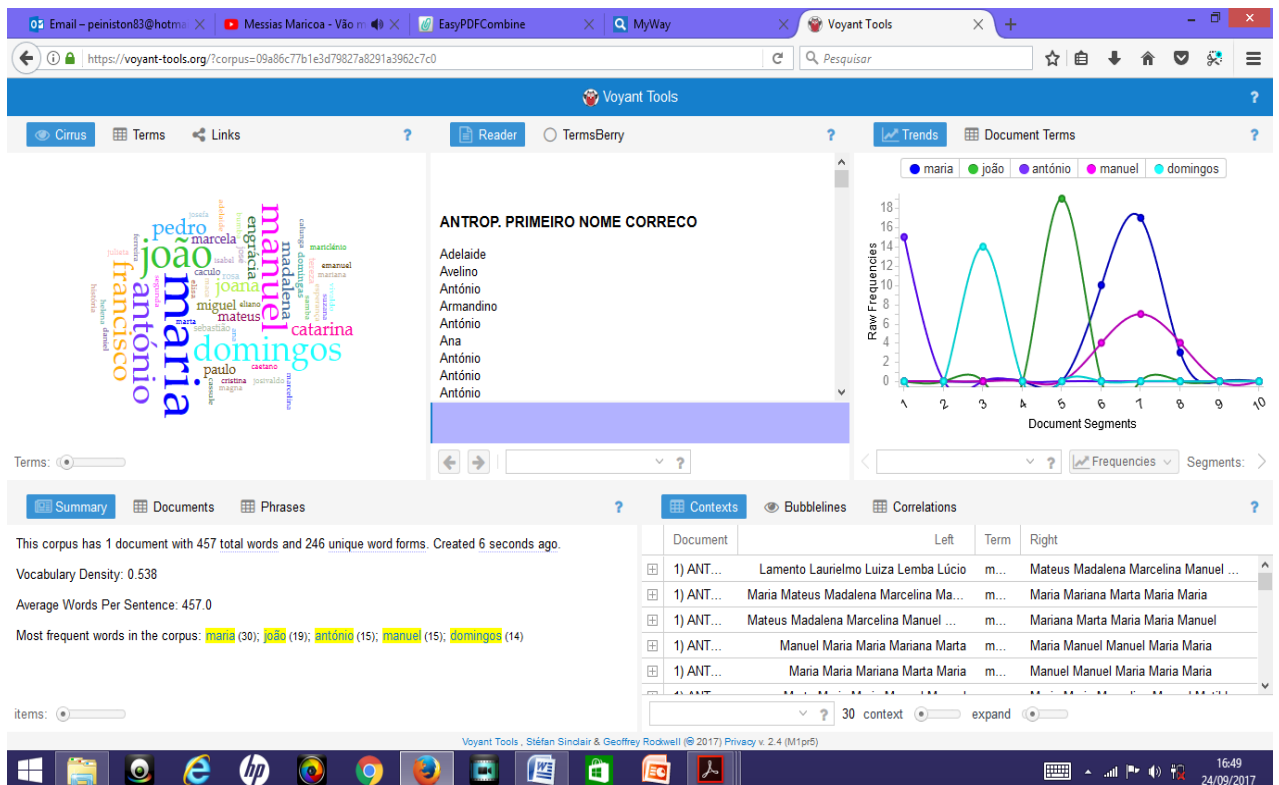
④. Atualmente a atribuição de antropônimos não respeita os valores culturais e linguísticos, pois, vemos constantemente a atribuírem antropônimos que não se ~~cham~~ conhece a sua origem, muitas vezes em língua estrangeiras.

⑤ - Geralmente, a atribuição dos antropônimos era feito pelos avós paterno ou pelo pai, mas hoje já não se verifica. ~~o~~ quem temos vindo a constatar, são os pais quem nomeiam, atribuindo ~~os~~ nomes muitas vezes escolhendo personagens de destaque na sociedade ~~ou~~ criam novos nomes através da junção do nome do casal. Por exemplos: Maribel (Maria + Abel), Angelsário (Ângela + Clério), etc.

## Anexo nº 6 dados de ocorrências no corpus



## Primeiro nome



**Voyant Tools**

https://voyant-tools.org/?corpus=7c10fb50399dc46243915e957498fdd

Cirrus Terms Links Reader TermsBerry Trends Document Terms

### ANTROP. CORRECTO DO KIMBUNDU TEXT. SIMPLES

- Bumba
- Bumba
- Bombo
- Busso
- Bale
- Bata
- Camuenho
- Cahango
- Cambundo

Terms: [slider]

Summary Documents Phrases Contexts Bubblelines Correlations

This corpus has 1 document with 198 total words and 124 unique word forms. Created 6 seconds ago.

Vocabulary Density: 0.626

Average Words Per Sentence: 198.0

Most frequent words in the corpus: **caculo** (9); **vunge** (7); **cassule** (6); **bumba** (5); **quituxi** (5)

items: [slider]

Document	Left	Term	Right
1) ANT...	Capingo Cassule Capemba Cazuca Cal...	ca...	Caculo Cabenza Cambuta Cuauala Cu...
1) ANT...	Cassule Capemba Cazuca Calunga Ca...	ca...	Cabenza Cambuta Cuauala Cuahamb...
1) ANT...	Cabenza Cambuta Cuauala Cuahamb...	ca...	Cassule Caculo Capita Cadete Caxin...
1) ANT...	Cuauala Cuahamba Canvula Caculo C...	ca...	Capita Cadete Caxiri Catarina Cabassa
1) ANT...	Cafuma Canhangha Cassule Canguir C...	ca...	Caculo Cabombo Caculo Cabembo Ca...

Voyant Tools · Stefan Sinclair & Geoffrey Rockwell (© 2017) Privacy v. 2.4 (M1prD)